

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
PSICOLOGIA DO COMPORTAMENTO DESVIANTE E DA JUSTIÇA

Os Espaços Invisíveis: skateboarding, controlo social e resistência na «Meca do skate»

Francisco Mouga Manuel

M

2018



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**OS ESPAÇOS INVISÍVEIS: *SKATEBOARDING*, CONTROLO SOCIAL E
RESISTÊNCIA NA «MECA DO *SKATE*»**

Francisco Mouga Manuel

Outubro de 2018

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da
Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora ***Marta
Sofia de Sousa Pinto*** (FPCEUP) e co-orientada pela Professora
Doutora ***Ligia Sofia Alves Passos Ferro*** (FLUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

À memória de Sérgio Nobre

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à Professora Doutora Marta Pinto e à Professora Doutora Lígia Ferro pela orientação deste estudo, e por terem acreditado em mim.

Aos que participaram e contribuíram para que pudesse desenvolvê-lo, também o meu sincero agradecimento pela sua disponibilidade, nomeadamente aos que me cederam o seu tempo para serem entrevistados e, em particular, ao Jorge.

À Carolina por todo o apoio dado, à Rita e à Teddy, por me terem recebido tão bem, e ao Francisco por me emprestar o microfone.

Uma menção especial à Marta, por me receber como se de família me tratasse e pela sua ajuda inestimável.

Às minhas avós, pelo carinho com que sempre me trataram.

E por último, à Teresa, o mais especial dos agradecimentos.

A todos agradeço profundamente.

Resumo

Esta tese estuda as alterações produzidas nas *praças duras* de Barcelona, cidade que por muitos é considerada «a Meca do *skate*».

Ao longo das últimas décadas, milhares de *skaters* têm proliferado por todo o mundo, sendo que o fenómeno tem maior expressividade nas grandes cidades. Nelas os *skaters*, descritos por alguns como uma patologia urbana, acabam por fazer uso das mais diversas peças do mobiliário urbano, deslocando-se de um local a outro em cima da tábua, reclamando o direito à cidade, como o escreveu Lefebvre. O seu habitat preferido são as praças, e é nelas que se formam grandes comunidades.

Esta atividade, que desafia a lógica de consumo do espaço, levou a que várias estratégias de controlo social fossem postas em prática, destruindo o património, lesando os praticantes e deteriorando as relações com o resto dos cidadãos.

Recorrendo à observação participante, multi-situada, e à condução de 8 entrevistas semi-estruturadas o investigador procurou identificar e compreender de que formas é que os mecanismos do controlo social agiam, quais os seus efeitos, tanto nas praças como nos *skaters*. Por fim, o estudo demonstra de que forma é que os *skaters* resistem a esse controlo, não só através de formas explícitas, mas também de formas implícitas de viver o espaço.

Palavras-chave: Barcelona; controlo social; espaço público; espaço urbano; resistência; *skateboarding*.

Abstract

This thesis studies the changes in the *hard plazas* of Barcelona, which is considered by many the «skateboarding Mecca».

Throughout the last decades, thousands of skaters spread across the world, nesting in city plazas, where they form large communities. There the skaters, described by some as an urban pathology, make use of the most diverse pieces of urban furniture, moving around on top of the board, reclaiming the right to the city, as it was written by Lefebvre.

This practice, that defies space consumption logics, was targeted by social control strategies, resulting in heritage devastation, harming the skaters and eroding the skater-city bonds.

The researcher conducted participant observation and 8 semi-structured interviews in 2 sites in order to locate and understand how social control mechanisms act, and which are their effects on plazas and skateboarders. Finally, the study demonstrates the ways skaters resist this form of control not only in explicit ways but also latent implicit ones.

Keywords: Barcelona; public space; resistance; skateboarding; social control; urban space.

Résumé

Cette thèse étudie les transformations de las *places fortes* de Barcelone, considérée comme la «Mecque du skateboarding».

Au cours des dernières décennies, des milliers de skateurs se sont répandus à travers le monde, et nichent sur les grand places des villes, où ils forment de grandes communautés. Là, les skateurs, considérés par certains comme une pathologie urbaine, passant leur temps à faire usage du mobilier urbain, revendiquent leur droit à la ville, comme l'écrit Lefebvre.

Cette pratique qui défie les logiques de la consommation spatiale, a été ciblée par des stratégies de contrôle social, entraînant une dévastation du patrimoine, nuisant aux skateurs et érodant les liens skateurs-ville.

Le chercheur a mené une observation participante et 8 entretiens semi-structurés sur 2 sites afin de localiser et de comprendre comment fonctionnent les mécanismes de contrôle social et quels sont leurs effets sur les grand places et les skateurs. Enfin, l'étude démontre comment les skateurs résistent à cette forme de contrôle non seulement de manière explicite mais aussi implicitement latente.

Mots-clés: Barcelona; contrôle social; espace public; espace urbain; résistance; *skateboarding*.

Resumen

Esta tesis estudia las alteraciones producidas en las *plazas duras* de Barcelona, ciudad que para muchos es considerada «la Meca del *skate*».

A lo largo de las últimas décadas, millones de *skaters* se han proliferado por todo el mundo, siendo que el fenómeno tiene mayor expresividad en las grandes ciudades. En ellas, los *skaters*, descritos por algunos como una patología urbana, acaban por hacer uso de las más diversas piezas del mobiliario urbano, desplazándose de un lugar a otro encima de su tabla, reclamando el derecho a la ciudad, como lo escribió Lefebvre. Su hábitat preferido son las plazas, y es en ellas que se forman grandes comunidades.

Esta actividad, que desafía la lógica de consumo de espacio, llevó a que se pongan en práctica varias estrategias de control social, destruyendo el patrimonio, lesionando a los practicantes y deteriorando las relaciones con el resto de los ciudadanos.

Recurriendo a la observación participante, multi-situada, y a la conducción de 8 entrevistas semi-estructuradas el investigador buscó identificar y comprender de qué maneras actúan los mecanismos de control social y cuáles son sus efectos, tanto en las plazas como en los *skaters*. Finalmente, el estudio demuestra de qué forma los *skaters* resisten a tal control, no sólo a través de formas explícitas como también implícitas de vivir el espacio.

Palabras clave: Barcelona; control social; espacio público; espacio urbano; resistencia; *skateboarding*.

Índice

Introdução.....	1
Capítulo I — Enquadramento teórico-conceitual.....	4
1. Espaço.....	4
2. Controlo social do espaço / Produção social do espaço	8
2.1. A gestão político-económica do tecido urbano	9
2.1.1. Políticas broken windows e as leis da civilidade como forma de controlo do espaço.....	10
2.2. Controlo social e governamentalidade.....	12
2.3. Formas de resistência socioespacial ou como as práticas do dia-a-dia podem revelar-se táticas de resistência	14
3. Definição do objeto de estudo: o skate como prática espacial reveladora de mecanismos do controlo social.....	16
3.1. Breve história do skate.....	16
3.2. O skate como prática espacial.....	18
3.3. O skate como objeto analisador de espaços controlados: da expulsão à resistência.....	20
3.1.1. O skate em Barcelona: das praças duras às skateplazas d’«a Meca do skate».....	24
Capítulo II — Objetivos, pertinência e metodologia do estudo	27
1. Objetivos.....	27
2. Pertinência do trabalho desenvolvido.....	27
3. Método.....	30
3.1. Seleção do método	30

3.2. A metodologia etnográfica	30
3.2.1. Para o estudo do espaço	31
3.2.2. Para o estudo do skate e seus praticantes	31
3.3. Definindo os Locais de Observação: as Skateplazas como Ponto de Convergência da Cultura Skater Local	32
3.4. Constituição do Universo de Estudo: Informantes Privilegiados, Sinalização, Conveniência	33
3.5. Ferramentas de recolha e análise de dados	34
3.5.1. Observação direta e participante	34
3.5.2. Entrevistas semi-estruturadas	35
3.5.3. Recolha de informação de jornais, revistas, blogues, etc.	36
3.5.4. Registo fotográfico	36
3.5.5. Elaboração de esquemas de movimento/mapeamento comportamental	37
3.5.6. Do Go-along ao Skate-along	37
Capítulo III — Apresentação dos resultados	38
1. Uma vista geral sobre Barcelona, a «Meca do skate»	38
1.1. As paisagens vernaculares de Barcelona como atrativo turístico	39
1.2. A estratégia político-económica de Barcelona: do urbanismo neoliberal à ordenança e policiamento	42
1.3. Skatestoppers e o fim dos skatespots: uma forma de governamentalidade espacial	45
2. As skateplazas	47
2.1. Gestão político-económica das skateplazas	49
2.2. As skateplazas e a governamentalidade espacial	51
2.2.1. Paral·lel: Jardins de les Tres Xemeneies	52

2.2.2. Sants: Plaça dels Països Catalans	56
2.2.3. MACBA: Plaça dels Àngels.....	62
2.3. As skateplazas em estado de sítio? As espacializações e as táticas dos skaters.....	67
Capítulo IV — Discussão dos resultados.....	72
1. Notas sobre a prática espacial do skateboarding na «Meca do skate»	72
2. A atuação estratégica de Barcelona	74
3. Táticas de resistência socio-espacial	77
Capítulo V — Conclusão e reflexões finais	79
Referências bibliográficas	84
Outras referências	92
Videografia.....	92
Apêndices	93
Anexos	100

Índice de figuras

Figura 1: Contexto informal de entrevista (Fotografia do autor, 2017).....	36
Figura 2: Mapa de skatespots de Barcelona (Fonte: Skhateyou)	40
Figura 3: Mapa de skateshops de Barcelona (Fonte: Google)	44
Figura 4: Detalhe anti-skate no Spot do Fondo (Fonte: Quartersnacks)	46
Figura 5: Banco junto ao CCCB com detalhes anti-skate (Fonte: Quartersnacks)	47
Figura 6: As três grandes skateplazas de Barcelona: Sants (à esq.), MACBA (em cima ao centro) e Paral·lel (à dir.) (Autoria de Marta Castro & Francisco Mouga, 2017)	49
Figura 7: Um skater cruza a praça, depois da passagem da polícia (Fotografia do autor, 2017)	50
Figura 8: Behavioral map dos skaters no Paral·lel na sua configuração anterior a Nov. 2014. (Autoria de Marta Castro & Francisco Mouga, 2017).....	53
Figura 9: O projeto do skatepark. (Fonte: El Periódico).....	54
Figura 10: Behavioral map dos skaters na atual configuração do Paral·lel (Autoria de Marta Castro & Francisco Mouga, 2017)	55
Figura 11: Jardines de les tres Xemeneas com a volumetria do mobiliário alterada (Fotografia do autor, 2017).....	56
Figura 12: Dois transeuntes deslocam-se em sentidos contrários enquanto um grupo de skaters descontraí junto ao muro (Fotografia do autor, 2017).....	57
Figura 13: Um skater profissional salta por cima de uma das famosas picnic tables de Sants, que já não tinham a pedra do tampo. (Fonte: Kingpin)	58
Figura 14: Behavioral map de skaters e peões na praça de Sants na sua configuração original (Autoria de Marta Castro & Francisco Mouga, 2017).....	59
Figura 15: Algumas pessoas aproveitam os bancos construídos pelos skaters (Fotografia do autor, 2017)	60
Figura 16: Behavioral map de skaters e peões na praça de Sants na sua configuração atual (Autoria de Marta Castro & Francisco Mouga, 2017)	61
Figura 17: Um visitante do museu observa, através do vidro, os skaters na praça (Fotografia do autor, 2017).....	63
Figura 18: Um grupo de skaters descansa junto ao vidro, enquanto os outros praticam (Fotografia do autor, 2017).....	63

Figura 19: Behavioral map de skaters e peões no MACBA, na sua configuração anterior às alterações de 2009 (Autoria de Marta Castro & Francisco Mouga, 2017)	64
Figura 20: Behavioral map de skaters e peões no MACBA, na sua configuração atual (Autoria de Marta Castro & Francisco Mouga, 2017)	65
Figura 21: Um skater tenta a sua sorte no famoso gap do MACBA. Na estrada um amigo controla o trânsito e à volta várias pessoas observam/filmam (Fotografia do autor, 2017).....	66
Figura 22: As grades que encerram o pátio traseiro do MACBA com os 3 blocos ao fundo (Fotografia do autor, 2017).....	66
Figura 23: Bancos feitos de tábuas de skate usadas, no Nevermind (Fotografia do autor, 2017)...	69
Figura 24: Venda informal de artigos de skate (Fotografia do autor, 2017)	70

Índice de apêndices

Apêndice A — Consentimento Informado (Castelhano)	93
Apêndice B — Guião de Entrevista Semi-estruturada (Castelhano)	94
Apêndice C — Guião de entrevista semi-estruturada (Português)	96
Apêndice D — Tabela de análise de conteúdo	98

Índice de anexos

Anexo 1 — Mapa de skatespots de Barcelona (Fonte: Google).....	100
--	-----

Introdução

«Skaters and architects are the nerdiest people — they're obsessed with specifics. All of skateboarding is so specific. The difference between one trick and another can be something that people either don't look at twice or freak out over, and it's identical to 99.9% of the population. I think architects too — you're paying attention to these small things because it's the difference between something that's satisfying and nice, aesthetically or spatially, and something that doesn't work, is extra or something about it rubs you the wrong way.» (Alexis Sablone¹)

Um pouco por todo o mundo o *skateboarding* prolifera nas grandes cidades: munidos de uma tábua com rodas, vários praticantes interagem com os espaços das cidades, ora fintando os carros e os transeuntes a caminho de casa, ora saltando para cima de um banco ou corrimão.

A minha história em cima do *skate* remonta ao ano de 2005, quando um surfista me desafiou a experimentar o seu *skate* por uma descida abaixo. Ainda não tinha percorrido metade do caminho, e já estava a caído no asfalto. Apesar desse percalço, o prazer sentido pela velocidade misturado com a adrenalina da falta de controlo fez com que, em vez de querer desistir, tivesse vontade de voltar a experimentar. Depressa comprei um *skate*, que utilizava para me deslocar onde quer que fosse. Mesmo quando não o trazia comigo, dava por mim a reparar numa série de pormenores do mobiliário urbano (bancos, rampas, caixotes do lixo, corrimãos,...) e a imaginar como poderia utilizá-los para manobras de *skate*. Com o passar do tempo, fui-me apercebendo de que, quando estava com os meus amigos a andar de *skate* na rua, acabava por me envolver ora em acesas discussões com peões e seguranças, ora em alegres conversas com moradores que gostavam de ver as manobras que executávamos. O desejo de explorar a cidade em cima do *skate* fez com que acabasse por visitar vários locais conhecidos para a prática, tanto em Portugal como um pouco por toda a Europa. Muitos deles foram destruídos, passaram a ter uma esplanada a ocupar o espaço, uma placa com as palavras «proibido andar de *skate*», ou ainda pormenores como picos, canteiros ou grades a «proteger» o local. Este interesse que fui alimentando por locais que aparentemente não atraíam os restantes urbanitas, mas que por vezes eram a causa de confrontos, fez com que, à medida que fui contactando com

¹ <http://quartersnacks.com/2017/03/an-interview-with-alexis-sablone/>

trabalhos que estudavam as cidades, as suas culturas, e os conflitos nelas existentes, pensasse em como seria fazer um estudo como o que agora se apresenta.

Este tipo de prática urbana é fortemente reprimida e legislada, pelo poder municipal, e vista como disruptiva, sendo os *skaters* frequentemente descritos como desordeiros, barulhentos, os «tipos da rua», associando a prática ao consumo e venda de drogas. No entanto, autores como Borden argumentam que o *skateboarding*, ou o ato de andar de *skate* é um objeto de estudo pouco comum (2001). O autor referia-se ao seu contexto enquanto investigador em história da arquitetura, mas o caso parece ser o mesmo para a psicologia, tanto dos espaços (ou ambiental) como do comportamento desviante e da justiça.

A investigação que se segue foi levada a cabo em Barcelona, uma cidade conhecida como a «Meca do *skate*» que, desde que se tornou popular, através da divulgação de imagens em revistas e vídeos da especialidade reúne centenas de *skaters*. Estes praticantes e os seus locais de eleição serão estudados enquanto reveladores de estratégias de controlo social, por um lado, e enquanto produtores de uma resistência socioespacial, por outro. Recorrendo a uma metodologia de inspiração etnográfica, multi-situada, com uma grande componente de observação *in situ* e apoiando-nos na metáfora militar de De Certeau (1984), iremos conceber mecanismos de controlo social de índole político-económica e governamental como estratégias, e as formas como os *skaters* os eludem como táticas.

Posto isto, o presente estudo está segmentado em cinco capítulos. No capítulo I, intitulado de enquadramento teórico-conceitual, iremos introduzir o estudo do espaço, do controlo social do mesmo (dividido em estratégias político-económicas e estratégias decorrentes da governamentalidade espacial), das táticas de resistência socioespacial e, a definição do objeto de estudo: o *skate* como prática espacial reveladora de mecanismos do controlo social, com base na literatura revista. No capítulo II, apresentaremos os objetivos, a pertinência e o método do estudo, focando-nos nos estudos que inspiraram e legitimam as opções metodológicas tomadas, nos critérios de seleção dos locais de observação, do universo de estudo e as ferramentas de recolha e análise de dados. No capítulo III apresentaremos os dados colhidos, fazendo primeiro uma análise alargada à cidade de Barcelona, e de seguida uma análise a três espaços onde a atividade predomina. Estes dados serão discutidos no capítulo IV que assumirá uma postura reflexiva,

problematizando os dados colhidos à luz do enquadramento teórico-conceptual adotado. Por último, no capítulo V, faremos uma reflexão integradora do trabalho e os seus contributos, focando-nos também nas limitações e potencialidades do mesmo, e deixando sugestões para investigações futuras.

Capítulo I — Enquadramento teórico-conceitual

1. Espaço

Difícilmente poderemos falar do conceito de espaço, sem falar das suas origens e da sua evolução, das disciplinas que fazem dele o seu objeto e que sobre ele se debruçam. Estaremos perante um «arquipélago interdisciplinar» semelhante ao que Agra descrevia quando falava da emergência da criminologia como disciplina autónoma (2012)? A evidência disponível, leva-nos a crer que sim (Beckett, 2008; Borden, 2001b; De Certeau, 1984; Foucault, 1974; Harvey, 1990; Lefebvre, 1974; Low, 2000, 2017; Woolley & Johns, 2001).

Os estudos urbanos, ambientais ou dos espaços são hoje levados a cabo por investigadores de campos disciplinares tão dispersos como a geografia, a psicologia ou a arquitetura, o que não significa que sejam postos em prática isoladamente. Assim, parece-nos pertinente salientar o grande valor do pensamento e formulações teóricas de alguns autores, e como este dominou um vasto número de trabalhos empíricos particularmente relevantes para o estudo do espaço (Low, 2017). Referimo-nos, a título de exemplo, à importância de clássicos como Durkheim, Mauss e Lévi-Strauss ou à também já clássica Escola de Chicago e, portanto, a Park, Wirth e Burgess; e a como o pensamento de Lefebvre, Foucault e De Certeau influenciou obras mais contemporâneas como as de Augé (1992), Deleuze & Guattari (2006), Fernandes (1992, 1994, 1997, 1999), Harvey (1990), e também o trabalho que aqui se desenvolverá.

As ideias de Durkheim e de Mauss sobre esta temática remontam ao início do século XX, materializadas em obras como *As Formas Elementares da Vida Religiosa* (1912), *Quelques formes primitives de classification — contribution à l'étude des representations collectives* (1904), respetivamente. O espaço, tal como o tempo, é um produto do pensamento coletivo; a organização espacial foi modelada a partir da organização social, como que por decalque (Durkheim, 1912). Já a vida social varia mediante a forma e composição dos grupos humanos como Mauss veio a verificar, quando observou que uma população esquimó vivia em dois espaços organizados de forma distinta, adaptando-se às

estações do ano (Mauss, 1904). Na morfologia espacial, as práticas e as representações são mediadas pelo espaço, mas não coincidem na exatidão, o que torna o espaço num objecto complexo que precisa de uma análise mais detalhada (Silvano, 2001). Na senda de Mauss e Durkheim, surge Lévi-Strauss, que se debruça sobre o conceito de morfologia social e de estrutura de grupo (1953). Distingue-se então o conceito de tempo e de espaço das outras ciências para se tratar do tempo e espaço sociais, que não têm outras propriedades que não as dos fenómenos sociais que as povoam (Lévi-Strauss, 1953). Embora o autor não quisesse induzir uma leitura simplista de que o espaço «reflete a ordem social como um espelho», refere que há elementos comuns a um elevado número de sociedades que deixa transparecer uma relação entre a configuração do espaço e a estrutura social que o habita (Lévi-Strauss, 1953).

Em suma, os trabalhos etnográficos de Mauss e Lévi-Strauss com os esquimós e Bororó — comunidades pequenas e isoladas— representam um importante contributo para o estudo das cidades e do urbanita, em que nos focaremos adiante.

Por volta dos anos 20, surge a Escola de Chicago que principia o tratamento do espaço da cidade como interrogação sociológica autónoma (Silvano, 2001; Fernandes, 1997). Surge uma área interdisciplinar denominada de *Ecologia Urbana*, que trabalha sobre as propostas de Simmel acerca do *estrangeiro* (Silvano, 2001) como alguém «sem raízes», alguém que não é originário do grupo em que está inserido e que pode abandoná-lo em seguida, pois aquilo que o caracteriza é, no fundo, a sua mobilidade (Simmel, 1908). Associada à ideia de mobilidade está a de liberdade, de comunicação, o que torna importantes as distâncias na cidade, na medida em que um distanciamento social delas surgisse (Park, 1952). O movimento do urbanita espelha o cosmopolitismo citadino (Benjamin, 1997). Surge mais tarde a figura do *flâneur*, o errante que Benjamin viu na poesia de Baudelaire (1955), que passeia pelas galerias da cidade, que adora estar misturado com a multidão, apesar do seu desejo de permanecer anónimo (Benjamin, 1997).

Uma outra linha de pensamento espacial é a do estudo da significação afetiva do espaço, da experiência espacial como produtora de significados e vínculos, e a influência que a vivência nesses espaços tem no *self* e na identidade grupal (Duyvendyak, 2011, Manzo & Devine-Wright, 2014, Low, 1992, Low & Altman, 1992, citados em Low, 2017). A esse respeito, Fernandes referia que algumas cidades tinham lugares de «má fama», tidos

como atratores e albergadores de indivíduos indesejáveis (1997). O espaço surge, mais tarde, como objeto consolidado de estudo de diversas áreas científicas, como a criminologia, antropologia da desviância e, posteriormente, a psicologia ambiental (Fernandes, 1997; Fischer, 1994; Tuan, 1979), antropologia urbana (Silvano, 2001); geografia crítica (Harvey, 1989, 1990). O espaço incarna a experiência e aspirações dos indivíduos, o que faz com que seja merecedor de uma análise que tenha em conta as perspetivas das pessoas que lhe conferem significado (Tuan, 1979).

Em adição a estes importantes contributos, destacamos o trabalho de arquitetos que puseram em evidência a importância da arquitetura enquanto disciplina com o potencial de erigir espaços que podem ser harmónicos quando úteis e utilizados; desarmonicos ou delapidados quando desprovidos de utilidade ou beleza (Távora, 1962). Estes últimos são descritos por Koolhaas como sendo espaços-lixo, os restos do modernismo que poluem o planeta (2014).

Como temos vindo a sublinhar, estes estudos, conceitos e figuras foram fulcrais para a conceção do espaço, do espaço da e na cidade, e do movimento como objetos e propostas de estudo interessantes. Veremos mais à frente como a sua influência se repercutiu nos estudos que se debruçam sobre o planeamento e a conceção do espaço, com os motivos históricos e políticos que lhe são adjacentes, e que trataremos, seguindo a proposta de Low (2017), num capítulo denominado de produção social do espaço.

Neste capítulo cabe-nos fazer a organização de trabalhos que visem a produção social do espaço, inspirado pelas propostas de Low de *espacializar* — isto é, localizar física, histórica e socialmente relações e práticas sociais *in situ*, o espaço e a cultura. Estes dois conceitos, umas vezes tidos como sinónimos, outras como distintos, foram o centro de análise de vários autores (Low, 2017). No entanto, dada a natureza do trabalho que aqui se desenrola, o escrutínio de ambos os conceitos será realizado de forma breve. Estabelecendo uma genealogia de espaço e lugar inspirada pela genealogia Foucaultiana, a autora levou a cabo um trabalho que articula referências teóricas e empíricas que não têm necessariamente que «encaixar» umas nas outras, mas sim gerar *insights* que contribuam para os debates intelectuais contemporâneos (Low, 2017). Desta feita, seguiremos a linha de raciocínio de Low, tratando o espaço como predominantemente social, produzido por corpos e grupos de pessoas, bem como figuras históricas e políticas (2017). O lugar será,

então, um espaço habitado e apropriado pelos significados pessoais, sentimentos e percepções sensoriais (Cresswell, 2015, Sen & Silverman, 2014, citados em Low, 2017).

A grelha conceptual de estudo da produção social do espaço tem como enfoque «as forças sociais, políticas e económicas que produzem o espaço, bem como o impacto do espaço socialmente produzido na ação social» (Low, 2017). Desta grelha conceptual emergem quatro abordagens: a da história social e desenvolvimento do ambiente construído; a da economia política do espaço; a da produção social, reprodução e resistência; e a do controlo social e governamentalidade espacial.

Têm surgido na literatura bastantes propostas para tratar esta espacialização, colocando a tónica nos conflitos sociais de classe com o regime espacial imposto pelo estado (Harvey, 1985, 1990, Castells, 1983, 1989, citados em Low, 2000). Elas providenciam exemplos históricos e contemporâneos de como as organizações *grassroots* e laborais podem lutar para manter o controlo das políticas de habitação (Castells, 1983, citado em Low, 2000), e património do bairro (Castells, 1983, Smith, 1991, Pettie, 1969, 1987, citados em Low, 2000).

Michel Foucault, no seu célebre trabalho *Vigiar e Punir* (1974), assim como numa série de entrevistas e conferências acerca do espaço (1984) —editadas em livro (2009)—, realiza uma aproximação histórica às relações de poder incrustadas no espaço, concebendo a arquitetura como uma tecnologia política para levar adiante as intenções do governo (1975). Desta forma, o controlo surge aplica-se através dispositivos que se encontram dispersos, interferindo na vida do dia-a-dia dos cidadãos com vista a moldá-los em *Corpos Dóceis* (1975).

Anos mais tarde, Michel De Certeau propôs um modelo onde postulou que as atividades do quotidiano e a forma como as pessoas as realizavam (*ways of operating*) constituíam os meios pelos quais os utilizadores do espaço se reapropriavam do espaço produzido (1984). Ao observar como as pessoas andavam, descreviam e lembravam a cidade, De Certeau formulou uma teoria segundo a qual os sujeitos eludiam clandestinamente o planeamento da cidade, as chamadas estratégias, através de uma miríade de táticas que a elas se opunham (1984).

Na obra *Produção do Espaço*, Lefebvre concebe a natureza contraditória do espaço que, embora seja permeado por relações sociais, não só é por elas suportado, como também

é o produtor e produto dessas mesmas relações (1991). O autor, abordou como a lógica de produção do espaço público se tinha alterado, referindo como os grandes déspotas do passado materializavam a sua influência e poder em obras para o povo, numa lógica de usufruto, enquanto que a obra pública do presente estaria direcionada para o consumo (Lefebvre, 2012). Seguindo a dialética Marxista, Lefebvre analisou o espaço salientando as relações entre a base (o desenvolvimento industrial) e a superestrutura (construção da sociedade e cultura urbanas) (2012). Deste modo, o valor de troca da cidade sobrepõe-se ao de uso no que o autor chama o «Gueto dos Lazeres» (2012).

Estas teorias de espacialização revelaram-se férteis no sentido em que forneceram uma base para analisar a «necessidade do investigador interligar a experiência, o espaço e a estrutura» (Low, 2000), como veremos de seguida.

2. Controlo social do espaço / Produção social do espaço

Nesta secção cabe-nos continuar a enunciação de trabalhos que tenham como objeto o controlo social do espaço construído. E, neste encadeamento, falaremos da gestão político-económica do espaço produzido, e de como essa gestão pode influenciar a produção espacial que nele ocorre. Grande parte da evidência originada nesse âmbito concerne a espaços neoliberais, como o são centros comerciais, praças públicas,..., cuja gestão e propriedade podem ser feitas por privados (Smith, 1984, Low & Smith, 2006, citados em Low, 2017). Logo, serão apresentados trabalhos que tenham em conta a produção social, reprodução e resistência. Aqui emergem algumas incursões teóricas que já foram brevemente enunciadas, e que são determinantes na tese que agora se desenvolve; a par de outras de carácter empírico, que aplicam essas grelhas conceituais a situações e contextos específicos, geralmente recorrendo a métodos etnográficos. Referimo-nos aos trabalhos de Michel De Certeau (1984) que descreve a resistência ao controlo do governo e planeamento urbano, através da aplicação de táticas que subvertem e desafiam as estratégias impostas pelo poder ou, de forma semelhante, como uma atitude *couvert* de resistência à apropriação, que Scott define como *infrapolítica*, dando o exemplo dos pequenos furtos que os escravos levavam a cabo contra os senhores feudais (1999) e,

ainda, trabalhos como o de Low, que demonstram como os utilizadores reagem e resistem à produção social do espaço em duas praças costa riquenhas (2000). O teor da secção 2.2 remete para o controlo social e governamentalidade, onde nos apoiaremos largamente nos textos de Foucault (1974, 2007), detalhando os conceitos-base dos mesmos e, de seguida, forneceremos exemplos práticos de autores que aplicaram as suas teorias em diversos contextos espaciais, identificando mecanismos de controlo social semelhantes aos do panóptico de Bentham (Beckett, 2008; Davis, 1992; Erwick, 1998; Hunt, 1993; Merry, 2001; Sanchez, 2001), como por exemplo o circuito fechado de videovigilância (Davis, 1992), os bancos à prova de mendigos (Davis, 1992; Petty, 2016) e, por fim, os dispositivos anti-skate (Borden, 2001b; Howell, 2001, 2005, 2008; Woolley & Johns, 2001).

2.1. A gestão político-económica do tecido urbano

Muitas vezes as cidades e o seu planeamento urbano refletem as diferenças na distribuição do seu capital, através de alocações espaciais determinadas pelo planeamento urbano (Harvey, 1973, 1985, 2003, citado em Low, 2017).

Vários trabalhos sugerem que soluções urbanísticas são postas em prática com vista a desestabilizar movimentos políticos (Harvey, 2003), e proceder à higienização de certas zonas, geralmente habitadas por classes descapitalizadas, com vista ao aburguesamento da cidade (Fernández, 2014; Maza, McDonough & Pujadas, 2002).

Estas intervenções andam *pari passu* com a aplicação de mecanismos de controlo social que visam fazer «o bem» (*sic*) por essas populações, aumentando a sua vigilância (Fraile, 2005, citado em Fernández, 2014; Low, 2000, 2006; Low & Smith 2006; Smith, 1984), controlo, reclusão (Fernández, 2014), e contenção (Low, 2006; Smith, 1984). Paradoxalmente, a cidade neoliberal e empreendedora, torna-se controladora e excludente (Bergamaschi, Castrignanò & Rubertis, 2014).

Alguma comunidade académica legítima que a ascensão do capitalismo global neoliberal² e a transformação das economias urbanas leva então a que o território seja alvo

² A este respeito, Harvey afirma que o neoliberalismo consiste numa teoria de práticas políticas e económicas que propõem que o bem-estar humano será atingido ao libertar as liberdades individuais e capacidades do empreendedorismo, dentro de uma grelha institucional caracterizada por fortes direitos de propriedade, mercado livre, e troca livre — o papel do estado é então, a criação e preservação de uma grelha institucional que acomode de forma apropriada essas práticas (1995).

de soluções que permitam uma aplicação mais eficaz do controlo do espaço (por vezes descrita como «punitiva» ou «revanchista» [Smith, 1996]) com vista a criar um ambiente mais hospitaleiro para o investimento privado, condomínios de luxo, turismo e venda a retalho (Davis, 1992, Parenti, 1999, Smith, 2001, Gibson, 2003, Mitchell, 2003, citados em Beckett, 2008; Harvey, 2005; Hayward, 2004; Maza, McDonough & Pujadas, 2002; Smith, 1984, Low & Smith, 2006, citados em Low, 2017; Petty, 2006) pondo em prática uma «política da imagem», e visando apenas a captação de pessoas e capital «do tipo certo» (Harvey, 2005). O centro das cidades, torna-se produto de consumo para turistas, suburbanos ou visitantes, enaltecendo tanto o crescente valor de troca, que quase que apaga o seu valor de uso (Lefebvre, 2012). Para além da anteriormente referida economia do turismo e venda a retalho (Maza et al., 2002), estas cidades pós-fordistas hospedam uma outra, ligada aos fluxos financeiros (Christopherson, 1994, Sassen, 2000, citados em Beckett, 2008). Os governos focam-se então no crescimento económico, pondo de parte a redistribuição dos recursos (Wacquant, 2000; Gibson, 2003), enquanto que, paralelamente, o estado descarta a sua responsabilidade perante o bem-estar dos trabalhadores e a reprodução social (Brenner & Theodore, 2002, Peck & Thickett, 2002, Smith, 2008, Harvey, 2005, citados em Low, 2017). Estas políticas, juntamente com a expansão do sistema penal, exacerbam a desigualdade, tornando a vida mais difícil para os marginais, quer no sentido social, quer no económico (Wacquant, 2000, Wacquant & Wilson, 1989, Western, 2006; citados em Beckett, 2008; Maza et al., 2002). A consequente expansão de marginais como os sem-abrigo, as prostitutas, e os consumidores de drogas torna-se inconveniente para o planeamento urbano no contexto pós-fordista, particularmente nas grandes cidades que dependem do investimento externo, do turismo e dos consumidores suburbanos (Beckett, 2008), e são postas em prática estratégias que acabam por não servir à vizinhança, provando-se apenas úteis para os consumidores externos (Harvey, 1990; Lefebvre, 2001; Maza et al., 2002; Pujadas & Baptista, 2000).

2.1.1. Políticas *broken windows* e as leis da civilidade como forma de controlo do espaço

Uma das formas usadas para gerir e higienizar o espaço público, é a aplicação de normas e leis que sancionem certos comportamentos (Beckett, 2008). Segundo a teoria das

Broken Windows, que costuma estar associada à emergência destas normas e sanções, bairros que apresentem sinais de degradação e que falhem no arranjo ou remoção dos mesmos sinais tornam-se convidativos a que crimes graves lá ocorram, revelando falhas no controlo social informal (Kelling & Coles, 1996; Kelling & Wilson, 1982). Seguindo esta linha de raciocínio, afirma-se que as cidades devem incorrer na reorganização do policiamento, capacitando quem governa a cidade do poder para regular os espaços públicos, removendo os desordeiros (Beckett, 2008) que estariam na génese da «imagem predatória da cidade» (Fernandes, 2003). Todavia, apesar do foco incidir geralmente no espaço público, a teoria reflete mais sobre os comportamentos indesejados, mais concretamente os desrespeitosos, turbulentos, barulhentos ou imprevisíveis, como mendigar, estar notoriamente embriagado, estar visivelmente indocumentado, oferecer trabalho sexual, andar de *skate*, deitar lixo para o chão, vender produtos sem licença, entre outros (Beckett, 2008; Fernández, 2014; Ferro, 2017; Kelling & Wilson, 1982), que passam a ser tratados com mais severidade (Beckett, 2008), fomentando-se a convivência através da repressão do espaço público (Silveira, 2006, citado em Fernández, 2014) e dos seus usos (Ferro, 2017).

Surgia em 2005 a «Ordem de Medidas para Fomentar e Garantir a Convivência cidadã no Espaço Público de Barcelona pela mão do Conselho Plenário da Câmara Municipal de Barcelona» (Ferro, 2017). No capítulo quarto do título II da chamada ordenança, surge a prática do jogos de bola, skate ou similares como estando sujeita ao princípio geral de respeito pelos outros, em geral da sua segurança e tranquilidade, assim como ao facto de que não comporte perigo para os bens, serviços ou instalações tanto públicos como privados. Este ponto é complementado referindo que a prática de acrobacias e jogos de habilidade com bicicletas, patins ou skates fora das áreas permitidas para o efeito, não é permitida (n.º 3 do artigo 31.º, título II). Ferro refere que, à semelhança do que sucede com o graffiti, estas práticas desportivas são punidas com multas até 750€ caso consideradas como infrações leves (número 2 do artigo 32.º, título II) (2017). Caso estas práticas ponham mesmo em causa a deterioração de instalações arquitetónicas, o

mobiliário urbano³, ou ainda a segurança de pessoas e bens, são consideradas muito graves, e sujeitas a coimas entre os 750,1 e os 1500€ (número 3 do artigo 32.º, título II).

2.2. Controlo social e governamentalidade

Esta linha de estudo, que define quer a estruturação e manipulação do espaço, quer outras formas de governamentalidade como formas de controlo social, afasta-se da linha político-económica na medida em que esta última explica o aparecimento de estruturas económicas e leis de civilidade, enquanto que a primeira parte da noção de governança para reconceptualizar as novas técnicas de controlo, e identificar as disparidades, em termos de lógica e objetivos, que as distinguem dos seus predecessores (Beckett, 2008).

A linha de trabalho proposta por Foucault trata as formas de regulação que procuram controlar populações, em vez de indivíduos, como instâncias de Governamentalidade (2007). O autor percorre um caminho que vai desde o séc. XVI —a emergência do governo como problema geral—, passando pela obra de Machiavelli, *O Príncipe*, onde o autor se detém, afirmando que o objetivo do exercício do poder era reforçar, fortalecer e proteger o principado; não compreendendo este último tópico o conjunto objetivo dos seus sujeitos e terras, que estariam na origem daquilo a que Foucault chamou a *arte do governo* (2007). Com esta arte, as coisas com as quais o governo se viria a preocupar eram de facto os homens, mas os homens nas suas relações, nas ligações que estabelecem com a riqueza, os recursos, o território, maneiras de pensar, etc. (Foucault, 2007). Com a soberania, o instrumento que permitia ao governo atingir o objetivo (*i.e.*, a obediência às leis) era a própria lei, tornando lei e soberania inseparáveis. Inversamente, com o governo, o cerne da questão desloca-se da imposição da lei nos homens, para a disposição das coisas, isto é, do emprego de estratégias⁴, ao invés de leis, para assegurar que se atingia os fins pretendidos (Foucault, 2007). Com o mercantilismo, surge o início da racionalização em torno desta arte do governo (deste saber do estado que pode ser visto como estratégia do governo) que procura compreender os problemas específicos da população e o isolamento do que hoje é

³ O termo mobiliário urbano inclui os objetos ou dispositivos instalados na paisagem urbana, tanto nas ruas como em parques, com propósitos distintos, como bancos, barreiras de segurança, divisórias de trânsito, caixas de correio, cabines telefónicas, lampiões, semáforos, paragens de autocarro, casas de banho públicas, fontes, caixotes do lixo (Bergamaschi *et al.*, 2014).

⁴ O autor utiliza o termo táticas.

conhecido como economia (Foucault, 2007). O estudo das mortes e doenças, dos ciclos de escassez de recursos, revelou-se com o aparecimento da estatística, e a família foi instrumentalizada, na medida em que se tornou parte integrante da população, instrumento fundamental do governo, e um segmento privilegiado de obtenção de informação (Foucault, 2007). Surgem então campanhas em larga-escala com vista a cuidar da população, direcionando-a para certas zonas, aumentando-lhe o tempo de vida, estimulando o n.º de nascimentos, entre outras (Foucault, 2007).

Como temos vindo a sugerir, esta evolução da arte do governo não extingue nem a soberania, nem as instituições disciplinares (materializadas em escolas, exércitos e fábricas) que são agora mais valorizadas do que nunca na gestão da população formando, pois, um triângulo soberania-governo-disciplina, que tem como principal alvo a população, e como principal mecanismo os aparelhos de segurança (Foucault, 2007).

Este caminho percorrido que temos tentado reproduzir originou o que Foucault definiu como a governamentalidade que resumida a três pontos consiste (a) no conjunto formado por instituições, procedimentos, análises e reflexões (ou seja, nas estratégias que permitem o exercício do poder sobre a população) que é alvo, fonte de conhecimento, e economia política, e pelos meios técnicos (aparelhos de segurança); (b) na tendência que levou à preeminência deste tipo de poder, que pode ser chamado de governo, que por um lado resultou num conjunto de aparelhos governamentais e, por outro, de saberes; (c) no resultado do processo através do qual o estado de justiça da idade média se transformou no estado administrativo com a sua gradual governamentalização (Foucault, 2007).

Assentes na lógica Foucaultiana de controlo da população, e não do indivíduo, surgiram diversos trabalhos cujo objeto era o espaço, tentando aplicar a referida na prática, descrevendo os avanços no controlo social urbano como decorrentes da governamentalidade espacial (Erwick, 1998; Hunt, 1993; Merry, 2001; Sanchez, 2001). Na prática, estes estudos tratavam aspectos do espaço construído geralmente descritos como fazendo parte das técnicas pós-disciplinares: formas de limitação do acesso e usufruto, a contração do espaço público, a dependência do emprego de vedações, portões e paredes como meios de alcançar a exclusão socioespacial (Beckett, 2008; Caldeira, 1999; Davis, 1992; Erwick, 1998; Foucault, 1991; Howell, 2001; Merry, 2001; Petty, 2016; Sanchez, 2001; Supa, 2015). Um tipo de intervenção frequentemente empregue é a construção de

praças duras: espaços defensivos, com falta de árvores (e, portanto, de sombra) e vegetação ornamental, com vista a aumentar a visibilidade, deter o crime e reduzir os gastos públicos em despesas de manutenção (Low, 2000).

Outras técnicas são aplicadas regularmente de forma oculta (Petty, 2006), na forma de pequenas alterações na morfologia de peças do mobiliário urbano, como a introdução de picos nas janelas, e também bancos com formas ou elementos que não permitem que o utilizador se sente, deite (Howell, 2001, 2005; Merry, 2001; O'Malley, 1992; Simon, 1993; Petty, 2006) ou ande de skate (Borden, 2001b; Howell, 2001; Woolley, Hazelwood & Simkins, 2011) de forma análoga aos picos que vemos nas esculturas públicas que impedem que os pombos lá pousem (Howell, 2001; Petty, 2006). Os alvos destes mecanismos são geralmente populações descapitalizadas como os sem-abrigo (Bergamaschi et al., 2014; Petty, 2006; Snow & Mulcahy, 2001; White, 2012; Vivoni, 2009), os mendigos (Petty, 2006), ou marginalizadas como os praticantes de skate (Bergamaschi et al., 2014; Howell, 2001; Snow, 1999; Snow & Mulcahy, 2001; White, 2012).

Em suma, esta governamentalidade espacial desdobra-se em (a) transformação da paisagem urbana construída; (b) formas arquitetónicas que limitem o acesso a esses espaços; (c) contração dos espaços públicos; (d) dependência crescente das vedações, portões e paredes como formas de alcançar a exclusão socioespacial (Beckett, 2008).

2.3. Formas de resistência socioespacial ou como as práticas do dia-a-dia podem revelar-se táticas de resistência

Embora a quase totalidade das teorias de produção social empregue uma abordagem baseada no materialismo histórico ou no marxismo, algumas afastam-se dessa perspetiva, tendo a reprodução social e a resistência como preocupações principais (Low, 2017). A reprodução social diz respeito às condições necessárias à reprodução da classe social, o que neste contexto se refere a como as atividades do dia-a-dia, crenças e práticas, juntamente com estruturas sociais e espaciais transmitem a desigualdade social (Low, 2017).

A este respeito cabe-nos salientar a relevância do pensamento de Henri Lefebvre (1974) cujas propostas teóricas influenciaram um número avolumado de trabalhos que

exploravam a forma como as pessoas, através das suas atividades intencionais, davam importância a espaços, contrariando o esperado (Low, 2000; Rockefeller, 2009) ou se organizavam em movimentos sociais, com vista a desafiar o significado da estrutura espacial (Castells, 1983, 1989, Harvey, 1985, 1990, citados em Low, 2000). No que concerne à importância do espaço público como local de protesto, Low referia três formas: *manifesto*, através de manifestações ou da apropriação do espaço por grupos marginais; *latente*, incorrendo numa luta simbólica por representação cultural e arquitectónica no ambiente construído; e *ritual*, organizando ou participando em festas, paradas e feiras, invertendo temporariamente a estrutura social e o significado do espaço público (2000).

Michel De Certeau procurou demonstrar como as *formas de operar* das pessoas constituem os meios pelos quais os utilizadores reapropriam o espaço organizado pelas técnicas de produção cultural (1984). De acordo com o autor, o poder encontra-se incrustado no espaço através do território e dos limites; neles, as armas dos fortes são a classificação, a delineação e a divisão, que De Certeau designa como *estratégias*; enquanto que os fracos recorrem a movimentos furtivos, atalhos e rotas alternativas, a que De Certeau chama de *táticas* (1984).

Por *estratégias* entende-se o cálculo de relações de força tornado possível quando um sujeito de vontade e poder (proprietário, empresa, cidade...) pode ser isolado de um ambiente, e assume um lugar próprio que serve de base para gerar relações com um exterior diferente dele (De Certeau, 1984). O espaço próprio (*espace propre*) é uma vitória do espaço sobre o tempo, permitindo ao indivíduo capitalizar vantagens adquiridas para preparar futuras expansões (De Certeau, 1984).

Por sua vez, as *táticas*, segundo o autor, compreendem um cálculo que não pode contar com uma localização espacial ou institucional própria, nem com a fronteira que distingue o outro como totalidade visível (1984). A tática só tem por lugar o do outro, e de forma fragmentária, sem nunca o tomar na sua totalidade, nem o manter à distância (1984). Uma tática, dado que não tem espaço, depende do tempo, está sempre à espera de uma oportunidade que deverá ser aproveitada a qualquer custo; o que quer que ganhe, a tática não o guarda, ela precisa de manipular constantemente eventos no sentido de os transformar em oportunidades (De Certeau, 1984).

Posto isto, o autor afirma que muitas práticas do dia-a-dia (como falar, ler, movimentar-se ou cozinhar) são de carácter tático (De Certeau, 1984). As formas de operar, vitórias do fraco sobre o forte, truques de «manha», ou o «saber como safar-se de alguma», a destreza de um caçador, manobras, descobertas felizes, entre outras, passam a ter tanto de poético como de bélico (De Certeau, 1984). Um dos tópicos sobre os quais o autor mais escreveu foi o dos usos do espaço, e das formas que os sujeitos encontravam para tornar possível a vida dentro dos moldes impostos, reintroduzindo neles a mobilidade plural de objetivos e desejos numa arte de manipular (De Certeau, 1984). É frequentemente referido o ato de andar, e como ele pode ser tático no sentido em que desafia o espaço próprio, com as suas escolhas (por exemplo: atalhar caminho por um pedaço de relva, em vez de o contornar).

3. Definição do objeto de estudo: o *skate* como prática espacial reveladora de mecanismos do controlo social

3.1. Breve história do *skate*

O *skateboard* foi inventado nos anos 50 do séc. XX, nos EUA, quando um grupo de surfistas removeu a parte de cima das suas trotinetas (ficando apenas com uma tábua com dois eixos de patins e quatro rodas) e começou a replicar os movimentos do *surf* em planos inclinados de alcatrão que eram recorrentes nas escolas da Califórnia, onde a prática de *skate* atingiu a primeira vaga de popularidade nos anos 60 com a popularização desta adaptação do *surf* no asfalto (Borden, 2001b; Howell, 2001; Zarka, 2011). Em 1966, Claude Jutra realiza um documentário intitulado *The Devil's Toy* onde descreve o *skate* como uma doença que se vai propagando de cidade em cidade, e mostrando as forças de segurança a expulsarem as crianças dos espaços públicos (geralmente caracterizados por descidas íngremes) e confiscando *skates* que só seriam devolvidos se elas prometessem praticar a atividade em recintos adequados (Zarka, 2011).

Rapidamente a indústria tratou da produção em massa destes brinquedos populares e, nos anos 70, deu-se uma importante evolução tecnológica dos eixos e rodas, que permitiam

ao *skater* responder «de forma mais deliberada e substantiva ao espaço urbano» (Borden, 2001b).

Uma das características principais do *skate* é o facto do seu uso adotar e explorar os detalhes de um dado espaço, conferindo-lhe novos usos que diferem da sua função original; são disto exemplo os já referidos planos inclinados das escolas, como também o uso de piscinas côncavas vazias, que se tornaram num objeto de desejo para os praticantes de *skate* (Borden, 2001b; Zarka, 2011). O ato de andar de *skate* em piscinas, tentando manobrar o mais próximo do *copping*⁵, surge frequentemente associado ao grupo conhecido como os *Z boys de Dogtown* (Santa Mónica), mitificado pelas fotografias de Craig Stecyk que foram publicadas em várias revistas (Zarka, 2011). Um dia, dois vizinhos, após verem a polícia prender um grupo de jovens *skaters* na rua, consideraram a possibilidade de construir espaços próprios para a prática, sendo que grandes construções de betão ou madeira, semelhantes às piscinas proliferaram nos anos 70/80, altura em que foram tidos como «uma das oportunidades de negócio mais lucrativas» desse tempo. Em julho de 1977 já existiam cerca de 15 a 20 *skateparks*, e em 1982 já teriam quase todos [os que existem atualmente] sido construídos (Borden, 2001b).

Se os anos 60 e 70 ainda surgem associados ao surf e à transposição de movimentos realizados nas ondas para o asfalto, já os anos 80 são geralmente descritos como a época em o skate passou por uma fase Punk (Borden, 2001b; Camino, 2010; Glauser, 2016) e por uma crise: a lei não protegia os donos dos skateparks contra acidentes, o que levou a que os pais de muitos jovens *skaters* apresentassem queixas contra os estabelecimentos, precedendo uma enorme quebra na indústria — o número de *skaters* profissionais desceu de 175 para 15 (Borden, 2001b).

Curiosamente, nesta que era altura mais crítica da crise, surge um grupo de *skaters* que tenta invadir um *skatepark* em Whittier, e que, ao ser imediatamente expulso, responde em gesto de provocação à interdição começando a andar de *skate* no parque de estacionamento do *skatepark*, aprendendo a manobrar na beira dos passeios como se de uma piscina se tratasse (Howell, 2001; Zarka, 2011). Esta manobra cuja autoria é

⁵ Rebordo de pedra das piscinas

frequentemente atribuída a John Lucero estaria, em conjunto com o *Ollie*⁶ de Rodney Mullen, na génese do que é hoje considerado o *street skating* (Zarka, 2011).

Com a possibilidade de saltar, o campo de atuação do *skate* deixa de estar confinado a planos inclinados, rampas e descidas, e passa a estar alargado a qualquer peça de mobiliário urbano que possa ser transposta, ou que possa servir de obstáculo para manobrar como um passeio ou um banco. É por volta de 1985 que o *streetstyle* ou *street skating* se começa a disseminar, podendo ser aplicado a qualquer lugar: «Os *skaters* podem existir essencialmente em qualquer coisa que por aí se encontre. Qualquer terreno. Para os *skaters* urbanos, a cidade é o *hardware* da sua viagem» (Peralta, 1987, citado em Borden, 2001b). Se em meados dos anos 80 se começava a propagar o *skate* de rua, a sua era dourada situar-se-ia nos anos 90 e 2000, deixando de ser mais uma fase na história do *skate* e passando a fazer parte das atividades do dia-a-dia de milhões de praticantes dispersos globalmente (Borden, 2001b; Chiu, 2009; Howell, 2001). É aí, «na interação com a cidade que o espaço do *skate* de rua é continuamente reproduzido» (Borden, 2001b).

Com esta nova forma de andar de *skate*, os espaços do centro e da baixa passam a oferecer mais oportunidades e espaços sociais mais heterogéneos, uma vez que «o tecido social e arquitetónico da cidade presenteia os *skaters* com uma panóplia de edifícios, relações sociais, tempos e espaços, muitos dos quais de acesso gratuito» (Borden, 2001b).

Estes *skaters* compreendem a cidade e os seus espaços negligenciados como campo de atuação, preferindo espaços sem grande carga simbólica (Borden, 2001b) como praças urbanas defensivas (Camino, 2009; Howell, 2001), mini e supermercados e outros para realizar as suas manobras (Borden, 2001b).

3.2. O *skate* como prática espacial

Tendo já visto como a prática do *skate* tem como campo de atuação os espaços da cidade modernista, é tomando novamente as contribuições de Lefebvre e de De Certeau, e igualmente algumas aplicações mais recentes (Borden, 2001b; Chiu, 2009; Howell, 2001), que procuraremos definir o *skate* como uma prática espacial.

⁶ Um salto executado batendo a parte de trás do *skate* contra o chão, e raspando o pé oposto em direção à parte da frente da tábua.

A prática espacial de uma sociedade segrega esse mesmo espaço societal, propondo e pressupondo-o numa interação dialética (Lefebvre, 1974). É à medida que é produzido (lentamente) que o espaço é dominado e apropriado, ou seja, a prática espacial de uma sociedade é revelada através do decifrar desse mesmo espaço (Lefebvre, 1984). Dentro do capitalismo neoliberal, a prática espacial ocorre dentro do espaço percebido: a rotina diária e a realidade urbana (as rotas que ligam o trabalho, vida privada e lazer) (Lefebvre, 1984). A prática espacial deve ser coesa, embora isso não implique que ela seja coerente, no sentido em que seja concebida de forma intelectual ou lógica (Lefebvre, 1984). O ato de andar é uma prática espacial, é para o sistema urbano o que a fala é para a linguagem (De Certeau, 1984). Assim, a um nível elementar, ele tem uma função enunciativa tripla: enquanto processo de apropriação do sistema topográfico do ponto de vista do pedestre; ato espacial efusivo (*acting out*) relativamente ao local; e implica relações entre posições diferenciadas, contratos pragmáticos que tomam a forma de movimentos e o ato de andar torna-se num ato de enunciação (De Certeau, 1984).

A ordem espacial organiza diversas possibilidades (como um local onde o sujeito se pode mover) e interdições (como uma parede), o caminhante depois atualiza algumas delas, indo para lá dos limites determinantes, transformando os significantes espaciais numa outra coisa (De Certeau, 1984). Se por um lado, o caminhante atualiza algumas das possibilidades impostas pela ordem construída (indo aqui e não ali), por outro, ele aumenta essas possibilidades criando atalhos ou desvios, e proibições, como ao recusar-se a percorrer caminhos acessíveis ou obrigatórios (De Certeau, 1984). É assim, que ele acaba por criar uma discricção, seja por escolher entre os significantes da linguagem espacial, seja por trocar-lhes a ordem, seja ainda pelos usos que deles faz (De Certeau, 1984). Assim, aquele que deambula condena alguns espaços à inércia ou ao desaparecimento, enquanto que compõe noutros idiosincrasias, acidentais ou ilegítimas (De Certeau, 1984).

Howell associou as ideias de De Certeau (1984) à prática do *skate*, definindo-o como uma prática espacial, uma vez que «era como que uma peça que se desenrolada dentro de um sistema de lugares definidos», e como uma prática espacial táctica, de acordo com as noções do mesmo autor já aqui enunciadas (2001).

3.3. O *skate* como objeto analisador de espaços controlados: da expulsão à resistência

Como temos vindo a referir, o auge de popularidade do skate foi atingido nos anos 90 e 2000, após a emergência do *streetstyle* dez anos antes (Borden, 2001b; Howell, 2001, 2004, 2005; Zarka, 2011). A popularidade da atividade (Howell, 2008), assim como a sua dispersão global (Borden, 2001b), e os problemas que acarreta (Woolley et al., 2011), levaram a um interesse da comunidade académica no fenómeno em causa.

A literatura tem sido consensual ao afirmar que o *skate* é percecionado como uma atividade que envolve uma visão alternativa da cidade (Borden, 2001a, 2001b; Howell, 2001; Kidder, 2012; Vivoni, 2009; Woolley & Johns, 2001) onde os seus praticantes incorrem, através das manobras e trajetos que realizam em cima dos seus *skates*, numa crítica performativa à arquitetura existente (Borden, 2001a; 2001b), subvertendo e «minando» os usos prescritos e normas sociais do espaço (Howell, 2001; Vivoni, 2009), deixando pela cidade vestígios que, de forma semelhante aos caminhos de terra que De Certeau (1984) descrevia, ilustram o uso alternativo do mobiliário urbano (Vivoni, 2009).

A escolha destes espaços decorre mediante a conjugação de 4 fatores: a *acessibilidade* onde se privilegia a localização, facilidade de lá chegar, etc.; a «*manobrabilidade*» (*trickability*), isto é, o potencial de realização de manobras que o local oferece; a *sociabilidade*, onde é valorizada a oportunidade para interagir e socializar com o outro; e finalmente, a *compatibilidade* com os outros transeuntes e urbanitas próximos ou da vizinhança (Woolley & Johns, 2001).

Se por um lado a performatividade espacial do *skate* no espaço urbano capta o potencial de uso do mesmo, não contribuindo para a sua produtividade económica, reclamando o direito à cidade (Borden, 2001a, 2001b; Lefebvre, 1991); por outro, Howell afirma que os *skaters* funcionam como «tropas de choque da gentrificação», produzindo uma imagem apelativa e comercializável da cidade que procede de forma a expulsá-los do local que ajudaram a valorizar (2005), como veremos mais tarde. O autor afirma ainda que, ao reclamarem para si certos espaços como a praça John F. Kennedy (Filadélfia), os *skaters* acabam por expulsar outros grupos tidos como indesejados, como os sem-abrigo (Howell, 2005).

Apesar de o conflito entre os *skaters* e restantes urbanitas ser, por vezes, apenas percecionado, ele também chega a ser real, tendo sido registadas queixas de donos de lojas, entre outros (Karsten & Pel, 2000, citados em Woolley *et al.*, 2011). Por conseguinte, esta atividade é frequentemente descrita como disruptiva (Chiu, 2009; Howell, 2001; Nolan, 2003⁷), incomodando os «utilizadores legítimos das praças» (Flusty, 2002), contribuindo para a erosão de e a acreção sobre o mobiliário público (Woolley *et al.*, 2011), convertendo, «com coloridas camadas de tinta e cera», o seu mobiliário em autênticos palimpsestos urbanos (Vivoni, 2009). O carácter disruptivo da atividade, foi levando a cidade e a opinião pública a tratá-la de forma semelhante àquela como trata outros fenómenos urbanos —por vezes demonizados e rotulados de pragas ou excreções, como ratos ou baratas— como os sem-abrigo (Borden, 1998; Howell, 2005) que também usam o espaço de forma contrária à pretendida (Mitchell, 1997⁸).

Os poderes municipais de várias cidades, apercebendo-se que esta ocupação constituía um impedimento ao fluxo do tráfego e um perigo potencial para peões, para os próprios e para o mobiliário (público e privado), incorreram numa série de políticas de exclusão (Chiu, 2009; Howell, 2001, 2005, 2008; Neméth, 2006; Snow, 1999; Stratford, 2002; Vivoni, 2009; Woolley & Johns, 2001).

Estas políticas atuam de forma análoga às que vimos no ponto 2 do capítulo I deste trabalho, e já foram objeto de estudo de várias áreas, nomeadamente a geografia, arquitetura, planeamento urbano (Howell, 2008) e, alega Stratford (2002), o skate fazia, então, parte do discurso das broken windows (Kelling & Wilson, 1982) com tudo o que ele acarreta.

A este respeito, Borden recolheu informação que demonstrava como os poderes municipais de várias cidades atuavam sobre esta atividade antagonista (2001b). Através da aplicação de ordenanças e multas, já descritas nos anos 60 e 70 —de Santa Mónica a Zurique e Haia— o uso do *skate* era sancionado (Borden, 2001b⁹). Uma resposta diferente da anterior, mas semelhante às respostas dadas no sentido de expulsar os sem-abrigo de certas zonas, foi a inclusão de «texturas rugosas, picos, lombas, volumes dispostos em

⁷ vide Stratford, 2012; Woolley *et al.*, 2011

⁸ vide Bergamaschi *et al.*, 2014; Snow & Mulcahy, 2001

⁹ vide Camino, 2010; Chiu, 2009; Ferro, 2017

frente a obstáculos apetecíveis, correntes, degraus e até terra e areia» (Borden, 2001b¹⁰). Howell afirma que, quando pegava no seu *skate*, perdia o estatuto de legítimo utilizador do espaço, uma vez que saía à rua e encontrava um tratamento distinto do que recebia quando ia para o escritório trabalhar (2001). Deste modo, o autor afirma que não só a forma como era tratado por trabalhadores de escritório, seguranças, polícias e turistas era diferente — mais fria e menos acolhedora—, mas também se deparava com um «arsenal de táticas» que lhe comunicavam, com vários graus de subtilidade, que o *skate* não era um uso legítimo desses espaços (2001). Anos mais tarde, foi por ele descrita a atuação municipal na praça John F. Kennedy, comumente apelidada de *Love Park*, materializada em «varrimentos e táticas policiais agressivas», uma proibição do *skate* em toda a cidade de Filadélfia e, ainda, a colocação de vários canteiros e bancos de madeira com o intuito de impossibilitar que os *skaters* fruam do mobiliário pré-existente (Howell, 2005). Apesar destas estratégias municipais¹¹ terem sido extremamente eficazes (Neméth, 2006), Edmund Bacon, o projetista da praça —que manifestou publicamente o seu apoio ao uso da praça pelos *skaters*— refere que «o que é fantástico é que o impulso de andar de *skate* no Love Park é tão forte, que os *skaters* ainda lá vão» (Bacon em *Love Story*, 2004). Neméth, no artigo supracitado, ainda providencia alguma evidência que ajuda a ilustrar o conflito entre os *skaters*, que se esgueiram para dentro do parque, montando inclusivamente vigias que sinalizem a chegada da polícia, e esta última, que por vezes tem elementos à paisana disfarçados de mendigos (2006). Chiu nota também como a fuga, e até o suborno também fazem parte das táticas que os *skaters* empregam para voltarem a usar o ambiente, anteriormente regulador, de maneira vantajosa às suas «formas de operar» (Chiu, 2009; De Certeau, 1984).

Assim, esta prática do dia-a-dia tem sido descrita como tática (Chiu, 2009; Stratford, 2002; Vivoni, 2009; Woolley & Johns, 2001), na medida em que elude o planeamento urbano (Howell, 2001), transformando a cidade num parque de diversões (Woolley & Johns, 2001).

Voltando à metáfora militar de De Certeau (1984), estas táticas empregues no dia-a-dia (correspondência, exposição mediática, uso de velocidade, e confronto cara-a-cara)

¹⁰ vide Stratford, 2002

¹¹ No original o autor utiliza o termo *táticas*.

opõem-se às estratégias já implementadas espacialmente como a legislação, a regulação e o planeamento estratégico (Stratford, 2002), e a própria a construção de *skateparks* (Howell, 2005; Vivoni, 2009). Os praticantes preferem as «paisagens vernaculares» (Jackson, 1984) que a cidade tem para oferecer (Vivoni, 2009¹²).

Woolley e os seus colaboradores, descrevem a atuação voltada para impedir o uso do espaço pelos *skaters* (em três cidades do norte de Inglaterra) através de três tipos de meios: *sociais*, *legais* e *físicos* (Woolley *et al.*, 2011). Nos primeiros, ela consistia na delegação de vigias (*wardens*), que patrulhavam os espaços vantajosos à prática, expulsando os *skaters* (os moradores e visitantes também estavam incumbidos de os chamar, caso considerassem pertinente); nos segundos, a atuação tomava a forma de ordenanças municipais (*bye laws*) em que proibia a prática em vários locais públicos (Manchester), ou no centro da cidade (Sheffield); por fim, a atuação física consistia na aplicação de detalhes físicos nos espaços, com o intuito de impedir a «manobrabilidade» dos mesmos (Woolley *et al.*, 2011¹³). A respeito da atuação física, os autores referem, para além de situações semelhantes às citadas anteriormente, que a implementação destes detalhes pode ocorrer antes do espaço tomar forma (*design philosophy*), como resposta ao comportamento dos *skaters* (*design response*), ou até durante o processo de construção (*design detail*), desde que os construtores verifiquem que os *skaters* estão a planear usar o objeto para manobrar (Woolley *et al.*, 2011). Este comportamento de mapeamento e procura de locais para andar de *skate* foi descrito por Borden no capítulo que trata a procura das piscinas côncavas na Califórnia (2001b), tendo também surgido nos trabalhos de Vivoni (2009), Chiu (2009) e Howell (2001).

Devido à enorme expressividade que a prática apresenta nas grandes metrópoles (Howell, 2001, 2005, 2008), e tornando-se num «dos desportos mais praticados nos EUA» (em 2008 eram 12 milhões de praticantes [Howell, 2008]) o *skate* tornou-se também numa indústria bilionária (Higgins, 2006, citado em Howell, 2008). Por conseguinte, a prática revela um potencial económico que a cidade tenta canalizar para os recintos construídos para o efeito (Howell, 2005, 2008). Estes *skateparks*, à semelhança dos parques infantis, têm o intuito de retirar esses comportamentos da rua, contendo-os em

¹² *vide* Chiu, 2009

¹³ *vide* Chiu, 2009

recintos próprios (Howell, 2008¹⁴), tirando-os do centro da cidade (Vivoni, 2009), uma vez que são construídos frequentemente por cima de zonas indesejáveis da cidade —*i.e.*, lixeiras, cemitérios, bairros de lata, terrenos baldios— (Cranz, 1982, citado em Howell, 2008). A literatura tem demonstrado as estratégias de criação de *skateparks* são frequentemente recebidas com desconfiança por parte dos *skaters*, que «com as suas atividades práticas escrevem na natureza» (Lefebvre, 1974), preferindo as «paisagens vernaculares» (Jackson, 1984, citado em Vivoni, 2009¹⁵), e os seu detalhes minuciosos, que escapam ao olhar dos que não andam de *skate* (Borden, 2001b). Chiu afirma que, embora os *skateparks* proporcionassem um ambiente seguro e livre de multas para alguns praticantes, para outros representavam espaços controlados, onde era preciso obedecer a regras (como a obrigatoriedade de colocação de um capacete) ou horários, tornando-se em ambientes que geravam sentimentos como o isolamento, a exclusão e o aborrecimento (2009). A evidência recolhida por Chiu demonstra que a comunidade preferia a rua como campo de atuação, uma vez que era um local que os praticantes consideravam mais apropriado, livre e real, requerendo doses maiores de coragem e criatividade para sobre ele atuar sendo, portanto, tido em mais alta consideração que a prática nos *skateparks* (2009)¹⁶.

3.1.1. O *skate* em Barcelona: das praças duras às *skateplazas* d’«a Meca do *skate*»

Como já vem sendo referido, o *skate* prolifera nos espaços proporcionados pelo neoliberalismo, e grande parte desses espaços são praças públicas onde os trabalhadores de colarinho branco almoçam, e os transeuntes circulam (Howell, 2005), erigidas com o propósito de atrair as pessoas e o capital certos (Harvey, 1990), e controlar e vigiar a população (Fernández, 2014; Low, 2000) — o que torna curioso o facto de se terem tornado no terreno predileto de um fenómeno por vezes descrito como uma praga urbana (Chiu, 2009; Howell, 2001, 2005; Woolley *et al.*, 2011). As chamadas *praças duras*

¹⁴ *vide* De Certeau, 1984

¹⁵ *vide* Chiu, 2009

¹⁶ A respeito do corpo espaço Low & Lawrence-Zuniga escreveram que as percepções e experiências do tal espaço penetravam as emoções e estado de espírito da pessoa, bem como o seu estado mental (*state of mind*) sentido do *self*, relações culturais e predisposições sociais (2003).

tornaram-se num elemento característico do tecido urbano de Barcelona (Peraza, 1991) sendo os seus pontos de aplicação escolhidos em função da densidade populacional do local, bem como do estatuto social e económico da população local (Fernández, 2014; Maza *et al.*, 2002). Das várias intervenções urbanísticas levadas a cabo pelo poder local, destacam-se para o skate «a *Plaça dels Països Catalans*, os *Jardins de les Tres Xemeneies*, a *Plaça Universitat* e, sobretudo, a *Plaça dels Àngels*, que se converteram num cenário internacional, um lugar para ver e ser visto, uma sala de congressos onde se pode observar, conhecer e aprender com os melhores *skaters* do mundo» (Camino, 2010).

O *Museu d'Art Contemporani de Barcelona* (MACBA) de Richard Meier é, no seu branco imaculado, o pilar desta nova Barcelona internacional e amiga do comércio turístico que acolhe, bem como dos seus visitantes transnacionais. É neste espaço que ocorre uma ocupação por parte da população do bairro que elude o planeamento da praça: acorrem a ela diversos moradores de perfil multiétnico (correspondente à composição do Raval) bem como outros atores, como jovens *skaters*, oriundos de outros pontos da cidade, ou até de outros países (Maza *et al.*, 2002).

Já a *Plaça dels Països Catalans*, que se encontra na envolvente da estação ferroviária de *Sants* (no local onde estava um estacionamento automóvel nos anos 70), foi criada após o desfecho das reivindicações dos vizinhos que, ante a remodelação do local, exigiram que fosse criado um local público; importa sublinhar que essas reclamações foram vistas com desagrado pela *RENFE*¹⁷, que pretendia que o local permanecesse com a tipologia prévia (Camino, 2010). Surge então a referida praça em 1974, pela mão de dois arquitetos «com bagagem teórica, vocação de vanguarda e propostas radicais» (LL. Moix, 1994, citado em Camino, 2010). Desde o momento em que inaugurou que recebeu não só elogios pela parte do sector profissional materializados no prestigiado prémio *FAD*¹⁸ que receberam pelo projeto; mas também críticas, uma vez que a imprensa local temia que Barcelona se tornasse numa «cidade de asfalto e cimento, adornada com umas praças duras e despidas». Esta praça funcionou durante anos como um local deserto, para além de local de passagem (Camino, 2010). À sua volta predominam edifícios de oficinas e hotéis, bem como

¹⁷ Uma das entidades públicas empresariais que explora a rede ferroviária espanhola

¹⁸ Prémio para arquitetura concedido anualmente pela associação espanhola *Arquinfad*, desde 1958

importantes vias de comunicação rodoviária, com muita afluência e, portanto, muito ruído e contaminação (Camino, 2010).

À medida que o *skate* se tornava mais e mais popular, surgiam na praça novos praticantes que, não pretendendo fazer da atividade uma forma de manifestação política, usavam o espaço produzido por estas novas tendências arquitetónicas para desenvolver uma nova forma de entender e utilizar o espaço da cidade: proliferava o *street skate* na «praça de Sants». Desde então, três gerações de *skaters* partilharam e conviveram nessa praça que a mais ninguém servia (Camino define-a como uma praça onde a relações associadas a mobilidade fragmentada predominam). Esta praça foi considerada como um dos espaços míticos para a prática do *skate*, acolhendo praticantes locais e de todos os pontos do globo (Camino, 2010). Devido à pouca afluência de utilizadores para outros fins que não o *skate*, e ao facto de os transeuntes que atravessavam a praça o fazerem ao largo do corredor central (onde a atividade tem maior intensidade), reuniam-se as condições para que a apropriação do espaço ocorresse com maior naturalidade, permitindo até que os *skaters* fizessem ligeiros acrescentos de mobiliário para manobrar que passaram despercebidos durante anos. Passados 20-30 anos, os bancos de granito apresentavam sinais evidentes de erosão, e careciam de substituição, o que levou ao descontentamento da população: «para além dos sustos que provocam a mais de um transeunte. É o que têm estes lugares —assim como a praça que existe em frente ao MACBA— que oferecem características ideais para a prática deste desporto (não fosse os materiais não estarem pensados para o uso agressivo e violento)» (Castaño, 2005, citado em Camino, 2008).

Capítulo II — Objetivos, pertinência e metodologia do estudo

1. Objetivos

A presente investigação tem por objeto o *skate* e os seus praticantes como reveladores de mecanismos do controlo social (político-económicos e governamentais) e de táticas de resistência, expressas através das suas atividades diárias, em conformidade com os pontos acima descritos.

É do nosso interesse:

- identificar, nos locais escolhidos, a presença de estratégias de controlo social de índole político-económica conforme o ponto 2.1, e decorrentes da governamentalidade espacial conforme explanado no ponto 2.2 comparando-as, caso existam, com a evidência presente na literatura;
- compreender a dinâmica da prática do *skate* como prática espacial, conforme o ponto 3.2, no contexto a analisar;
- perceber se e como os praticantes de *skate* reagem às estratégias quer político-económicas, quer governamentais, através das suas práticas do dia-a-dia, e se estas práticas se afiguram táticas, como no ponto 2.3;
- verificar se a prática do *skate* se afigura como um objecto útil, não só para revelar a existência das estratégias acima referidas, mas também as táticas que a elas se opõem;
- atualizar a produção científica no que se refere às linhas investigativas acima referidas, e no que concerne ao objeto;
- perceber a dinâmica local da prática de *skate*, e compará-la com a produção científica existente no que ao objeto escolhido diz respeito, tanto no contexto global como local.

2. Pertinência do trabalho desenvolvido

Após consulta da literatura existente, possibilitada (dada a janela temporal implícita ao desenvolvimento de investigações desta natureza) pela existência de trabalhos que compilaram evidência teórica e empírica resultante de décadas de estudos do espaço, proveniente de disciplinas como a psicologia, a arquitetura, a sociologia, a geografia, a antropologia, a filosofia, com uma exaustividade que nos seria impossível¹⁹. A consulta deste tipo de obras permite-nos, para além de obter uma vista geral e privilegiada sobre os universos de estudo que originaram, sustentaram e validaram os estudos mais próximos (tanto a nível teórico-conceitual como metodológico) do que agora se desenrola, ter também uma noção das vias amplamente estudadas e das lacunas existentes na literatura.

Como tal:

Relativamente à legitimidade das teorias político-económicas de estudo do controlo social no espaço enquanto grelha de análise prolífica para estudar o objeto proposto na sua relação com o espaço da cidade neoliberal, poderemos verificá-la na literatura existente sobre populações fragilizadas do ponto de vista social e económico (Fernández, 2014; Maza, *et al.*, 2002; Wacquant, 2000), marginais (Beckett, 2008; Low, 2000) como os sem-abrigo (Bergamaschi, *et al.*, 2014), entre outros. As semelhanças no tratamento dos *skaters* e restantes marginais pela parte do discurso público e político e posterior atuação por parte do poder local, bem como a diminuta representação do *skate* enquanto objeto revelador de estratégias na literatura dessa tradição investigativa, sugerem que a dissertação aqui proposta pode vir a revelar-se adequada.

Consideramos que poderá ser apropriado seguir o enquadramento Foucaultiano da governamentalidade (2007) como forma de estudar a gestão de populações (ao invés de indivíduos) através do espaço, com vista à criação de corpos dóceis (2013). Uma vez que a tónica do trabalho assenta no controlo de espacializações, afigura-se-nos pertinente observar, em particular, a governamentalidade espacial (Merry, 2001) imposta nas paisagens vernaculares (Jackson, 1984, citado em Vivoni, 2009) onde os *skaters* deambulam (Chiu, 2009). Assim, uma vez que este enquadramento nos pareceu pouco

19 Remetemos para os trabalhos que agregam e problematizam a evidência relacionada com o espaço e lugar de Low (2017, 2005); Low & Zúñiga (2003); Giesking, Mangold, Katz, Low & Saegert (2014); Hubbard & Kitchin (2010); Silvano (2009), e também para os trabalhos que juntam estudos e reflexões relativas à cidade como os de Hubbard (2006); Hall, Hubbard & Short (2006); Borden (1996); Borden, Hall & Miles (2003).

explorado na conjugação proposta a nível global, e inexistente na pesquisa feita sobre o objeto no contexto escolhido, parece-nos pertinente levar a cabo este trabalho.

O estudo do *skate* enquanto prática espacial do dia-a-dia, das «formas de operar» dos seus praticantes que eludem o poder imbuído no espaço construído, e o seu potencial, tático, oponível à disciplina do planeamento e controlo governamental, estratégico (De Certeau, 1984), revela-se adequado não só para entender o próprio ato de andar de *skate* (Howell, 2001), mas também para ilustrar como ele contesta o espaço público (Vivoni, 2009).

Argumentamos também que a utilização conjunta da grelha político-económica e governamental num mesmo estudo, oposta à grelha da resistência através das práticas do dia-a-dia, pode dotá-lo de um potencial explicativo mais elevado, e conferir-lhe um carácter disseminador mais alargado.

Parece-nos que as propostas de estudo da forma como se processa a exclusão socioespacial através de diversas estratégias político-económicas (termo nosso) para deter a prática do *skate* em certos pontos da cidade (Borden, 2001b; Chiu, 2009; Howell, 2001, 2005, 2008; Németh, 2006; Woolley, *et al.*, 2011), destinados aos «utilizadores legítimos» (Flusty, 2002) do gueto dos lazeres (Lefebvre, 2012), revelam o potencial de aplicação empírica (nomeadamente de observação direta e participante, e recolha de imagens e relatos) a outros contextos, que complete as contribuições que exploram a ligação da praça pública utilizada e valorizada pelos *skaters* locais, com a cultura de classes, e a cultura de consumo (Howell, 2005; Németh, 2006); procurando averiguar se estes urbanitas reivindicam o direito à cidade (Lefebvre, 2012) através das suas práticas (de natureza tática) do dia-a-dia (De Certeau, 1984; Vivoni, 2009).

Por último, devido ao carácter polémico e transgressivo que a prática do *skate* de rua aparenta ter no discurso político e dos media (Howell, 2005); por ser uma atividade com milhões de praticantes (Howell, 2008) dispersos a nível global pelas grandes metrópoles (Borden, 2001b; Glauser, 2017; Howell, 2001, 2008); por a cidade de Barcelona ser considerada a «Meca do *skate*» e atrair milhares de praticantes oriundos de todo o mundo e ter uma grande comunidade *skater* local, que se concentra sobretudo nas famosas praças duras (Camino, 2010; Leung, 2005); ao facto de constituir um negócio bilionário (Howell, 2008); e à evidência que demonstra que é uma importante ferramenta para os praticantes

construírem e nutrirem os seus vínculos sociais e expressarem a sua identidade cultural (Beal, 1995; Camino, 2007; Chiu, 2009; Dupont, 2014); torna-se apropriado, argumentamos, realizar este trabalho. Assim, o presente estudo pretende assumir um papel relevante tanto para técnicos envolvidos na produção e gestão do espaço construído (decisores políticos, polícias, arquitetos, urbanistas), como para a comunidade académica de diversas áreas —devido ao desenho transdisciplinar que propomos—, o restante corpo social (preocupado ou não com a aparente perigosidade da prática e/ou com o dispêndio de recursos do erário público no restauro de mobiliário público e em despesas de saúde); e, por fim, para os próprios praticantes e indústria do *skate*.

3. Método

3.1. Seleção do método

Quem incorre na tarefa de selecionar métodos, aplicar técnicas e procurar razões teórico-epistemológicas que fundamentem as escolhas efetuadas, apercebe-se de que esta defesa depende da argumentação (Fernandes, 2002). A legitimação pela via da argumentação, diz-nos Fernandes, é um jogo que se perpetua, salvo consensos provisórios que «dão a aparência que uma dada ordem científica triunfou» (2002). Posto isto, cabe-nos agora referir que a solução para a seleção do método a empregar para tentar atingir os objetivos propostos foi a de tentar «encaixar» o objeto (neste caso, o skate) e os seus praticantes no método (aqui, de inspiração etnográfica), interrogando o seu potencial resolutivo (Kuhn, 1970, 1977, citado em Fernandes, 2002).

3.2. A metodologia etnográfica

O trabalho que agora se desenvolve, para além de vincadas influências teóricas e conceptuais, teve também importantes referências que orientaram a sua execução do ponto de vista metodológico. Em primeiro lugar, importa referir a tradição transdisciplinar e transmetodológica do Centro de Ciências do Comportamento Desviante²⁰. Em segundo, uma aproximação à tradição etnográfica adotada por vários membros do referido centro,

²⁰ *vide* Agra, C., Queirós, C., Manita, C., & Fernandes, L. (1997). Biopsicossociologia do Comportamento Desviante. Separata especial da Revista do Ministério Público, 69: 33-99.

como Fernandes (1997, 2002), Oliveira (2008) e Pinto (2009), no estudo de vários fenómenos considerados desviantes ou marginais e aos trabalhos de Low (2003, 2017), fundamentais para a nossa decisão de como estudar o nosso objeto —o *skate* de rua— na sua relação com o espaço.

As características da etnografia (que tivemos em consideração aquando da partida para o terreno) segundo Fernandes (2002), são as seguintes: (a) ter como principal instrumento de investigação o investigador; (b) incidir normalmente em pequenas unidades de estudo; (c) ser holística, incluindo todos os aspetos da unidade de estudo a que o investigador puder ter acesso e diversos procedimentos de recolha de informação; (d) envolver socialização e participação no contexto, flexibilidade relativamente ao «largo espectro de fontes de informação e à diversificação dos procedimentos do método do trabalho de rua»; (e) Informalidade enquanto estilo adoptado nas diversas situações, impacte mínimo do observador com o objeto.

3.2.1. Para o estudo do espaço

A este respeito, Low afirma que o estudo etnográfico do espaço e lugar é importante para o entendimento das vidas das pessoas cujas casas e cidades-natal sofrem disrupções causadas pela globalização, desenvolvimento (*development*) desigual, violência e inequidade social (2017). Há um sentido de urgência na medida em que os efeitos espaciais das crises de pobreza, reestruturação neoliberal e capitalismo global são reconhecidos em mudanças populacionais norte/sul, campos de refugiados, gentrificação urbana, privatização de espaços públicos e planeamento urbano movido pelo lucro; e a etnografia urbana como metodologia está a ganhar terreno no tratamento de problemas socioespaciais e políticas públicas (Low, 2017).

3.2.2. Para o estudo do *skate* e seus praticantes

A literatura que mais sobressai no que concerne a este objeto de estudo remete-nos para o o livro de Borden (2001b), para ensaio de Howell (2001) e para os estudos de Beal (1995, 1996) e de Chiu (2009). Os dois primeiros autores são assumidos praticantes de *skate*, tendo capitalizado a sua experiência em cima da tábua com rodas. O estudo de Chiu em Nova Iorque consistiu na observação participante e condução de entrevistas semi-

estruturadas para comparar a prática do *skate* em contexto de rua e de *skatepark*. Em Barcelona destaca-se o trabalho etnográfico de Camino que tentou compreender a cultura *skater* da cidade, recorrendo a observações nos terrenos, métodos biográficos, entrevistas e fontes documentais (2010).

3.3. Definindo os Locais de Observação: as *Skateplazas* como Ponto de Convergência da Cultura *Skater* Local

A fim de delimitar os terrenos de análise recorreu-se, em primeiro lugar, ao apoio de dois informantes privilegiados: J., um *skater* profissional que visita a cidade várias vezes ao ano, conhecendo de forma íntima a dinâmica local e os seus intervenientes e M., uma estudante de arquitetura na ETSAB, que também anda de *skate* um pouco por toda a cidade. Também informou a escolha a consulta de vídeos de *skate* do início dos anos 2000, onde era forte a presença das praças e *spots*²¹ de Barcelona no contexto global, como por exemplo, *Sorry* (2002) e *Really Sorry* (2003), da *Flip Skateboards*; *Mosaic* (2003), da *Habitat Skateboards*; *They Don't Give a Fuck About Us* (2003), da *Lordz Wheels*; *Round Three* (2004), da *Almost Skateboards*; *Fully Flared* (2007), da *Lakai*; bem como alguns mais recentes, a sublinhar *Diagonal* (2009), da *Adidas*; *Mind Field* (2009), da *Alien Workshop*; e, por fim, *Pretty Sweet* (2012), da já referida *Lakai*.

Por fim, mas não menos importante, foi a permanência e reconhecimento no terreno que pesou por último na seleção dos locais a estudar.

Surgiram vários *spots* como possibilidades: o *Fondo*, o *Paral·lel*, *Sants*, *MACBA*, *Universitat*, *Fòrum* e *Barceloneta*. A triagem foi feita de acordo com os seguintes critérios de inclusão: (a) presença constante de *skaters*; (b) existência de uma comunidade própria de locais; (c) não ser construído propositadamente para a prática. O primeiro prende-se com a garantia de obtenção de matéria-prima para o estudo que se pretendia delinear; o segundo, com a garantia de que os participantes conheciam o local, as suas dinâmicas, e as da cidade; por seu turno, o último deve-se ao facto de a literatura indicar a rejeição de uma parte significativa da comunidade (global) ao espaço próprio, preferindo fazer uso do espaço público, não concebido explicitamente para a prática (Chiu, 2009).

²¹ Locais de particular interesse para a prática.

Deste modo, os *skateparks* foram excluídos da análise no terreno, bem como o *Fondo* e o *Paral·lel*, que sofreram remodelações para receber esta prática. A *Plaça Universitat* também foi deixada de parte deste estudo dado que, devido à enchente constante de pessoas, tanto em trânsito como em permanência (sentadas nos bancos), praticamente só é possível a prática de *skate* no início do dia e à noite, ainda assim com alguns constrangimentos, já que o policiamento nas imediações é praticamente constante.

Escolhemos então duas praças para servirem de terreno de recolha sistemática de dados: a *Plaça dels Països Catalans*, vulgarmente denominada por *Sants*, devido à proximidade da estação de comboios, e a *Plaça dels Àngels*, apelidada como *MACBA*, por envolver o museu de arte contemporânea com o mesmo nome. Para a discussão acrescentámos o *Paral·lel*, devido à quantidade de informação disponível, no que concerne às alterações de desenho efetuadas, encaradas de forma negativa por dois dos entrevistados.

3.4. Constituição do Universo de Estudo: Informantes Privilegiados, Sinalização, Conveniência

No início deste estudo mostrou-se adequado encontrar alguém que pudesse constituir um informante privilegiado, neste caso, J., um jovem português que vive do *skate* e que visita Barcelona (e o *MACBA*, em particular) com regularidade, há já vários anos, sendo, consequentemente, uma figura conhecida por muitos no meio do *skate* na cidade. Assim, o processo de inserção no meio acabou por ser natural. Em adição, importa sublinhar que a frequência de espaços de observação também enquanto *skater* por parte do investigador contribuiu do mesmo modo para essa naturalidade, uma vez que não se tratava de um elemento absolutamente estranho à comunidade, e aos seus hábitos (tópicos de conversa, participação na prática, por exemplo).

A curta estadia no terreno (cerca de um mês e meio) foi uma condicionante a ter em conta no modo como o trabalho se processou: tornou-se necessário acelerar o processo, forçoso conhecer potenciais participantes no estudo com a maior brevidade possível. O primeiro contacto foi com Ax., que nos aconselhou Al., R., e V., sendo que este último ainda nos apresentou a dois amigos que vieram a ser entrevistados. Investigar o meio a partir de dentro, também enquanto praticante, revelou-se vantajoso já que, reconhecendo

personalidades de alto estatuto no seio da comunidade, a partir de vídeos e de revistas da especialidade, tornou possível que abordássemos as que considerámos mais relevantes — neste caso, J., F., e R.. Se com os dois primeiros o primeiro contacto foi forçado, com o último surgiu naturalmente.

Assim, o universo de estudo foi sendo constituído, numa primeira fase, através dos contactos de J. e, numa segunda, nos locais que virão a ser focados mais adiante, em eventos e noutros locais frequentados por elementos da comunidade, a destacar a *premiere* do vídeo dos locais de *Sants*, a mercearia *Bodeguetta* e a padaria da *Carrer Joaquín Costa*.

3.5. Ferramentas de recolha e análise de dados

Uma vez que o nosso objeto de análise é a cidade, a sua organização e os seus intervenientes, mais concretamente os praticantes de skate, partimos para a cidade de Barcelona, que sinalizámos como um foco mundial de skaters, bem como uma cidade com uma atuação governamental que visa reprimir e controlar o fenómeno. Assim, começámos por percorrer a cidade, depois sinalizámos os pontos de maior afluência da atividade e, por fim, preparámos o trabalho de terreno utilizando o «elogio do ecletismo metodológico» (Lopes, 2000), isto é, utilizando uma miríade de ferramentas de pesquisa²² para fazer face à complexidade dos fenómenos sociais contemporâneos (Ferro, 2005) como veremos no próximo ponto.

3.5.1. Observação direta e participante

Para aceder, compreender e descrever a dinâmica sociocultural que se desenrola nos territórios por onde os *skaters* circulam, foram realizadas várias incursões ao longo do mês e meio que estivemos na cidade. A típica estadia no terreno caracteriza-se por uma permanência no local, durante um mínimo de três horas, e um máximo de 12 horas, dependendo da presença ou não dos sujeitos que compõem o nosso universo de estudo. Era frequente, por exemplo, a chamada *Plaça de Sants* ficar vazia de *skaters* por volta das 20 horas, enquanto que, à volta do MACBA, os *skaters* permaneciam até de madrugada, levando-nos a migrar de uma praça para a outra. As observações, conversas informais e reflexões que se foram sucedendo no terreno eram registadas num diário de campo, que era

²² A autora utiliza o termo estratégias metodológicas.

atualizado após abandonar o local (de forma pontual servimo-nos também de um gravador áudio para o mesmo efeito). Assim, tentámos obter o contexto para o estudo, e identificar preocupações da comunidade (Low, Taplin & Scheld 2005). A participação neste caso foi total, pois para além da nossa presença integrar a composição da praça, seguimos a pista de Chiu (2009) e, aproveitando o facto de sermos também praticantes de *skate*, participámos no contexto como e com os locais, contribuindo para a dinâmica das praças com manobras e quedas.

Por fim, procedeu-se à análise de conteúdo categorial temática (Bardin, 1977) para agrupar e organizar os dados recolhidos e, por fim, à reconstrução dos discursos, conectando-os com o objeto da investigação (Vala, 1986).

3.5.2. Entrevistas semi-estruturadas

De forma a complementar a observação direta e participante referida no ponto anterior e, dado que a nossa estadia é assumidamente breve —quando comparada com as abordagens etnográficas onde o investigador permanece imerso na cultura ou no local durante períodos longos— realizámos um total de 8 entrevistas semi-estruturadas. A partir das observações já realizadas, seleccionámos oito participantes para entrevistar segundo três critérios: (a) assiduidade, (b) entrosamento com a dinâmica local, e (c) antiguidade. No primeiro critério tivemos em atenção as caras que se repetiam de forma sistemática na praça. No segundo, sobressaíram os locais que diariamente contribuía para a dinâmica sociocultural da praça, que interagiam mais com os outros tanto através das suas manobras, como através dos contactos que estabeleciam nos momentos de pausa. Por fim, servimo-nos do nosso informante privilegiado que, sendo um *skater* profissional que se desloca ao local várias vezes por ano, já conhece perfeitamente a dinâmica do lugar, sendo também amigo de muitos dos *skaters* locais.

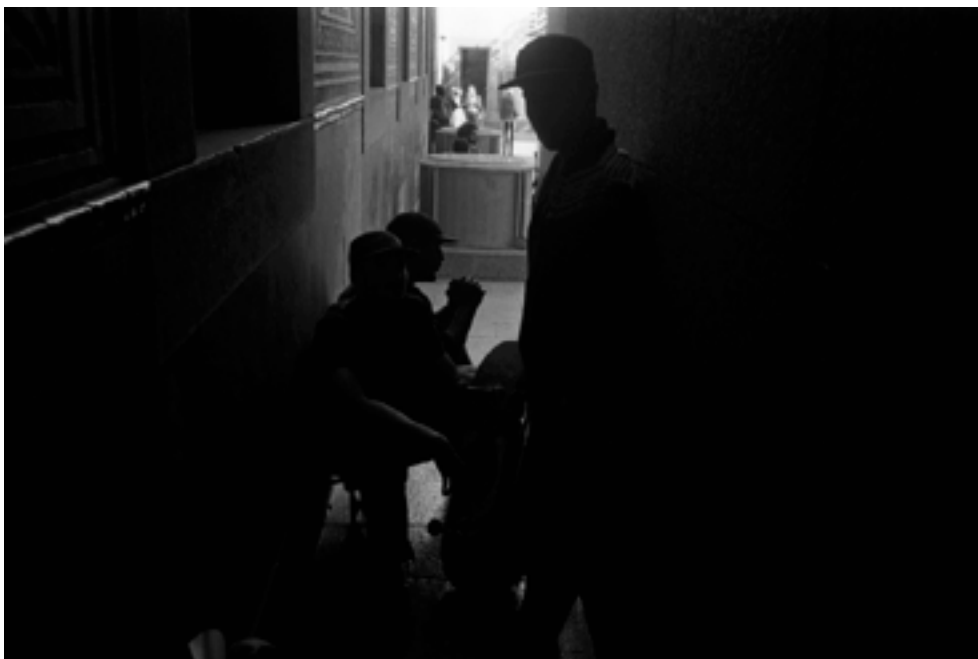


Figura 1: Contexto informal de entrevista (Fotografia do autor, 2017)

3.5.3. Recolha de informação de jornais, revistas, blogues, etc.

Para melhor compreender a história dos locais a analisar, bem como a sua relação com as comunidades circundantes, e como com comunidade em questão, tentámos procurar aceder ao maior número possível de documentos que nos pudessem fornecer informações que enriquecessem e informassem o estudo do contexto. Por isso, consultámos desde periódicos locais, a revistas, filmes, documentários de *skate* (na grande maioria *online*), blogues e *websites* cujo foco era a cidade de Barcelona. Sempre que alguma destas fontes mencionava a prática de *skate* na cidade, o *link* foi guardado numa pasta para análise posterior. Isto permite-nos obter *insights* dos praticantes externos, dos outros urbanitas que fazem parte da cidade e dos seus espaços, e também da forma como os locais e tudo que lhes é adjacente são descritos nos media.

3.5.4. Registo fotográfico

Com vista a enriquecer o trabalho que aqui se desenrola, considerámos a fotografia como uma ferramenta útil de recolha de imagens, que servem para descrever visualmente os territórios-alvo da investigação.

«As potencialidades da fotografia como técnica de pesquisa visual foram assinaladas por Becker, que lançou a sociologia visual como um desafio para as ciências sociais (1974). O uso da fotografia pode revelar-se um meio de investigação profícuo. A fotografia

como ferramenta de pesquisa poderá permitir o acesso a dimensões da realidade social que ficariam por explorar, caso a sociologia ignorasse a imagem» (Ferro, 2005)

Tal como Ferro, concordamos não só com a afirmação de que a fotografia é uma ferramenta válida de recolha de dados, ainda que não substituindo a voz dos protagonistas, devendo fazer parte da estratégia metodológica adotada (2005).

3.5.5. Elaboração de esquemas de movimento/mapeamento comportamental

Este mapeamento pretende, através do mapeamento do espaço/tempo do local, chegar a uma descrição das atividades do dia-a-dia que permita entender as atividades culturais e práticas espaciais do sítio (Low, Taplin & Scheld 2005); foi feito tendo por base registos em vídeo, disponíveis na *internet*, observação direta, e a observação de vestígios físicos como por exemplo as marcas num banco da praça: apesar de não se observar diretamente o *skater* a realizar a manobra, a partir do desgaste do objeto é possível inferir que é utilizado para a prática.

3.5.6. Do *Go-along* ao *Skate-along*

O objetivo do *go-along* como método de pesquisa é tanto mais limitado quanto focado que a prática genérica de conviver com os sujeitos («*hanging out*») (Kusembach, 2003). O que torna esta técnica única é a possibilidade do investigador observar as práticas espaciais dos informantes *in situ*, enquanto acedem às suas experiências e interpretações (Kusembach, 2003).

Uma vez que os participantes que integram o nosso universo de estudo se locomovem de forma veloz e ágil em cima dos seus *skates*, tivemos por vezes que os acompanhar de *skate* também, pondo em prática de forma análoga ao *walk-along* ou *drive-along*, o *skate-along*. Desta forma pudemos compreender melhor os percursos dos *skaters*, que por vezes evitavam uma rua devido ao pavimento não ser tão vantajoso para percorrer em cima da tábua, seguindo por uma outra, mais adequada.

Capítulo III — Apresentação dos resultados

Neste capítulo trataremos de expor e analisar os dados colhidos aquando da estadia no terreno. Num primeiro momento, faremos uma exposição geral da cidade de Barcelona com os seus praticantes de *skate*, com os locais de maior afluência de *skaters* e com os mecanismos de controlo presentes um pouco por toda a metrópole catalã que visam restringir a atividade. Num segundo momento, exporemos os três locais que constituem o núcleo do nosso estudo: o *Paral·lel*, *Sants* e o *MACBA*.

1. Uma vista geral sobre Barcelona, a «Meca do *skate*»

«1.º dia em “Barça”, cheguei já de noite e a M. veio buscar-me ao aeroporto. Apanhámos o autocarro noturno e saímos na *Plaça Universitat*, conhecida dos vídeos de *skate* e de algumas incursões minhas à cidade. De lá continuámos o nosso percurso até ao MACBA, passando pelo *Nevermind*, um conhecido bar de *skaters*, onde passam filmes de *skate*, os bancos são feitos de tábuas usadas, e ainda tem uma rampa de cimento no interior. Na *Plaça Universitat* encontrei dois rapazes a andar de *skate*, deparei-me com mais uma dúzia à porta do referido bar a beber uns copos. Por fim, cheguei ao *MACBA* que à uma da manhã estava “à pinha”, lá conversava-se, bebia-se e “skatava-se”: tinha vindo para o sítio certo, pensei eu.» (nota de terreno, 10.04.2017)

Difícilmente visitamos a cidade de Barcelona sem nos depararmos com grupos de *skaters*, quer em trânsito, quer a desempenhar uma série de manobras numa praça de chão liso ou num elemento do mobiliário urbano que lhes desperte um particular interesse. O próprio município de Barcelona no seu *website* descreve para os potenciais visitantes que a cidade apresenta características que a tornam ideal para a prática do *skateboarding*: «Barcelona atrai desportistas urbanos de todo o mundo. Dispõe de parques desportivos que de construção recente como o de Marbella, um bom lugar para praticar *skate*...»²³.

Já um *website* especializado em turismo refere que «Barcelona tem uma excelente reputação no que diz respeito à prática do *skateboarding*, estando no topo das melhores cidades do mundo para a atividade. A sua arquitetura, tida como ideal, é usada nos seus edifícios e parques (*MACBA*, *Fòrum*, *Paral·lel*, *Sants*) e torna-a num local de visita

²³ Disponível em: <http://meet.barcelona.cat/ca/descobreix-barcelona/viu-barcelona/esport>

obrigatório para os praticantes.»²⁴. Esta informação é corroborada pelo *website* de uma importante revista da especialidade, a *Transworld Skateboarding* que, ao colocá-la numa lista com as 10 melhores cidades do mundo para andar de *skate* afirma que «a capital da Catalunha tem sido a Meca mundial do *skateboard* desde o fim dos anos 90 [devido a locais como o] MACBA, Paral·lel, Sants, Fòrum, Fondo, Barceloneta, *Beer Banks*, Arc de Triomf, Mercado, Universitat, Molins de Rei, e outros. Barcelona mantém-se a jóia da coroa de qualquer lista de viagens, pela arquitetura, clima e estilo de vida.»²⁵.

É indiscutível que Barcelona é um local de enorme afluência de *skaters*. Já os motivos que a tornam tão apetecível para os praticantes desta atividade disruptiva prender-se-ão com os icónicos *spots* de rua, e não tanto com os *skateparks* públicos como sugere o *website* do *Ajuntament*. A este respeito, as entrevistas realizadas permitiram-nos perceber quais as características que os *skaters* locais privilegiavam na sua cidade, que a tornavam distinta das restantes e como se relacionavam com os restantes urbanitas.

1.1. As paisagens vernaculares de Barcelona como atrativo turístico

Uma breve pesquisa num fórum *online* de *skateboarding* levou-nos a uma publicação em que um utilizador perguntava qual seria a melhor cidade para se mudar, no que ao *skate* diz respeito. Juntamente com nomes do continente americano como Nova Iorque e São Francisco, surge recomendada por 4 utilizadores a cidade de Barcelona, descrita por um deles como tendo «um clima fantástico 11 meses e meio por ano; uma data de *spots* que é difícil acreditar que realmente existem; poucos seguranças e poucos ou nenhuns *skatestoppers*²⁶, polícias com quem é fácil lidar; um sítio onde é fácil perder o hábito de andar em *skateparks* e rampas, bom sistema de transportes públicos; 85% da cidade ser “skatável”...»²⁷. Se à primeira vista tudo nos remete para o ponto anterior, onde vimos como o município, as revistas da especialidade e o *site* de turismo reconhecem o potencial atrativo das infraestruturas da cidade para os praticantes de *skate*, um olhar mais atento

²⁴ Disponível em: <http://www.tourisminbarcelona.com/fun-in-barcelona/skating-in-barcelona/>

²⁵ Disponível em: <https://skateboarding.transworld.net/1000144650/features/tws-10-best-cities-to-skate-in-the-world/>

²⁶ Detalhes anti-*skate*

²⁷ Molas (2011, 2 de fevereiro). *Topic: Best city to skate in* [comentário em fórum *online*]. Comentário publicado em: <http://www.slapmagazine.com/index.php?topic=50454.0>

nota que o discurso do município aponta para que os motivos que levam os *skaters* a Barcelona sejam os *skateparks* (como Marbella), enquanto que os restantes apontam para praças e outros locais que não foram construídos para esse efeito.

As incursões feitas a *skateparks* da cidade de Barcelona, como Marbella e o de Cannyelles permitiram-nos observar que não se encontravam muito lotados, estando a meio da tarde cerca de 10 pessoas no primeiro, e cerca de quatro no segundo. Por outro lado, grupos de *skaters* encontram-se dispersos um pouco por toda a cidade, e são vistos com bastante frequência em sítios como Barceloneta, na Avenida de Roma, na Praça Universitat, no Fòrum entre outros.

Uma pesquisa na internet com as palavras-chave «skatespots in Barcelona» permitiu-nos descobrir dois sites que fizeram um mapeamento dos locais de interesse para a prática de skateboarding. Um deles (figura 2) identifica 158 locais (156 de rua e dois skateparks), o outro (consultar anexo 1) identifica 89 spots, sendo que seis deles são skateparks.

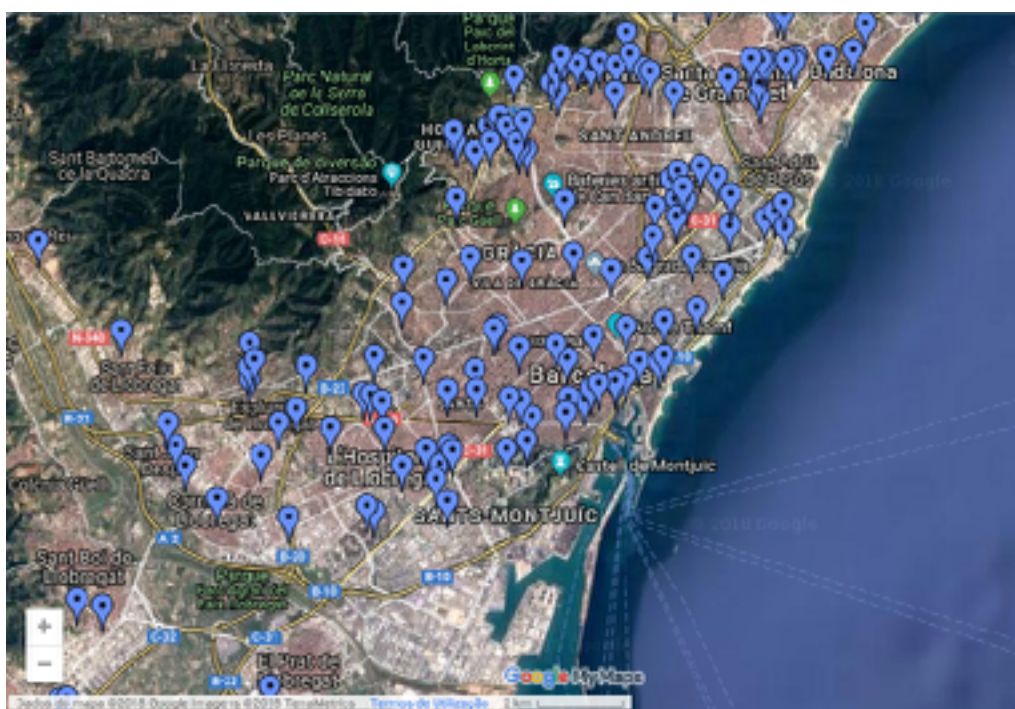


Figura 2: Mapa de *skatespots* de Barcelona (Fonte: *Skateyou*²⁸)

Todos os entrevistados (n=8) consideram que Barcelona é uma cidade excelente para a prática:

²⁸ <http://skateyou.com/spots/Barcelona/barcelona.html>

«Barcelona é a cidade na Europa onde se passa mais do *skate* internacional [...], é uma cidade que é um *skatepark* inteiro pela arquitetura [...]. É um destino onde a maioria vem de fora, como dos EUA e Austrália e outros países. Para eles Barcelona é uma etapa importante, onde eles podem desfrutar de verdade, pois tens uma liberdade que não tens noutros lugares do mundo...» (F., excerto de entrevista realizada no dia 17.05.2017, no *MACBA*).

É também na sua totalidade (n=8) que preferem andar de *skate* na rua, onde sentem que expressam melhor a sua criatividade (n=3), e onde se sentem mais livres, «menos encerrados» (n=2) ao invés de o fazerem em locais próprios para o efeito. A este respeito R. afirma que «é como... como apanhar um pássaro e enfiá-lo numa jaula. É o mesmo. Nós não estamos para andar num sítio próprio, mas sim para ir pela cidade e encontrar coisas, *skatando*, improvisando, criando um pouco.» (R., excerto da entrevista realizada em Sants no dia 20.05.2017,). Os *skaters*, então, consideram os *skateparks* como sendo «uma reprodução das coisas que se encontram na rua [...] mas com outros materiais que não vão de encontro aos das ruas do mundo [...]. É que na rua há materiais autênticos, e os *skaters* gostam de materiais autênticos, e os *skaters* gostam dos ruídos da pedra, e das reações que só podem ser produzidas na rua, e as coisas que só se podem passar em alguns *spots* de rua. [...]» (F., excerto de entrevista realizada no dia 17.05.2017, no *MACBA*). A rua, valorizada por todos (n=8), oferece possibilidades ilimitadas (n=1), ao contrário dos *skateparks* com ambientes «mais aborrecidos» (n=1), ou mais seguros «onde todos fazem a mesma coisa» (n=1), que se encontram deslocados do centro: «eu creio que os *skateparks* estão quase sempre em zonas despovoadas, que o urbanismo não necessita ou não pode vender, não?, então são zonas marginais que não têm bons acessos, nem estão no centro da cidade, nem têm bares nem lojas perto» (Al., excerto de entrevista realizada no dia 14.05.2017, em *Sants*). Alguns crêem ainda que os *skateparks* têm o propósito de expulsar os *skaters* das praças e das ruas (n=2).

Apesar da sua relação com o edificado ser bastante boa, os *skaters* (n=8) entrevistados consideram que eles e a sua prática não são bem vistos pela comunidade, sendo a prática descrita como «um desporto de merda» (Ax., excerto de entrevista realizada no dia 05.05.2017, em *Sants*). Isto acontece por vários motivos como explica Al.: «um *skate* mete medo, não? Vão pela rua fora e, se és uma pessoa mais velha... faz barulho, não sei... Eu vendo-me de fora acho o *skate* desagradável, é como uma bicicleta, se te passa perto, pode-te magoar, atropelar...» (Al., excerto de entrevista realizada no dia 17.05.2017, em *Sants*). O R. afirma que «há pessoas que te vêm a partir um banco ou a

pôr cera ou o que seja, ou simplesmente o barulho que fazes quando estás a andar [de *skate*] (R., excerto de entrevista realizada no dia 20.05.2017, em *Sants*), já o P. refere que «a malta está a andar numa praça e o *skate* pode fugir e magoar uma senhora, apesar de nós termos cuidado...» (P., excerto de entrevista realizada no dia 16.05.2017, no *MACBA*). Alguns participantes (n=3) associam esta má imagem ao facto de a prática ter lugar na rua, «onde está tudo, as drogas, a polícia e assim... eu acho que nos vêem com maus olhos porque somos os miúdos da rua e os miúdos da rua mandam drogas.», (X., excerto de entrevista realizada no dia 12.05.2017, no *MACBA*) e um deles refere ainda que é devido à roupa que usam que lhes é associada uma imagem negativa «eu acho que é pela aparência que temos, é por usarmos roupa larga, boné e assim... Confundem-nos com outros grupos como os grafiteiros que sujam as paredes, acho que é por isso.» (V., excerto de entrevista realizada no dia 12.05.2017, no *MACBA*).

Assim, apesar de os *skaters* ajudarem a valorizar a cidade, atraindo capital, e passando uma imagem jovem e dinâmica, valorizada por alguns cidadãos e turistas, a cidade tende a regular e reprimir a prática, como veremos adiante.

1.2. A estratégia político-económica de Barcelona: do urbanismo neoliberal à ordenança e policiamento

Tendo visto quais os motivos que tornam o solo e mobiliário urbano de Barcelona tão apetecíveis, falta-nos atentar sobre a forma como é percepcionada a atuação municipal dirigida a este grupo um pouco por toda a cidade, antes ainda de avançarmos para a atuação particular nos territórios onde o trabalho intensivo foi realizado.

A totalidade dos entrevistados (n=8) sente-se como uma praga, tendo reportado problemas com a polícia (n=8), seguranças (n=3) e restantes cidadãos (n=5). A este respeito, A. afirma:

«Sim já tive um monte [de problemas], como multas por ir na rua, sem fazer truques, simplesmente por ir a andar [de *skate*] pela via marítima de Barceloneta, vi um polícia e multou-me, segundo ele por ir com os *headphones* postos e assim, e não se pode viajar e ouvir música ao mesmo tempo. Mas essa é uma multa leve, por “skatar” podes apanhar uma multa de 1500€..., por andar nos bancos da Uni de noite, eles aparecem, e roubam-te o *skate*, é muito pesado...» (Ax., excerto de entrevista realizada no dia 05.05.2017, em *Sants*).

Um dos participantes entrevistados revela que um polícia lhe «tentou tirar o *skate*, mas não mo tirou porque eu lhe disse: “oh, eu não sou um miúdo, e isto não é uma bola e é

algo que vale dinheiro e não mo podem tirar”, e não mo levou.» (Al., excerto de entrevista realizada no dia 17.05.2017, em *Sants*). Este tipo de situações é habitual fora do perímetro de algumas praças como o *MACBA*, *Sants* e o *Paral·lel*, já que estas três acabam por ser relativamente seguras para se andar de *skate*, embora a primeira só possa ser utilizada até uma certa hora, como veremos adiante. Ainda no 2.º dia da nossa estadia, numa praça situada a poucos metros da *Plaça dels Àngels* (*MACBA*) fomos avisados por um grupo de *skaters* de que a polícia estaria por perto e de que era perigoso continuar a praticar:

«Passados uns minutos de termos chegado, uma carrinha da polícia parou lá e a M. avisou-me para não andar, o X. também achava que era o melhor a fazer, pois ninguém queria sarilhos. Quando a polícia deixou o local, voltámos a andar. [...] É uma praça fantástica para “skatar”, embora fazê-lo durante o dia, e em especial à tarde seja impossível, devido ao fluxo abundante e constante de transeuntes que aqui param/passam. Também é a forte presença policial, que não tarda a expulsar/multar quem aqui anda de *skate* ou até os vendedores ambulantes de cerveja. O controlo exerce-se habitualmente a partir do outro lado da estrada, junto à passadeira. Uma carrinha dos “mossos” estaciona e a mensagem é clara: temos que parar de andar de *skate*. Caso não o façamos, eles saem com o intuito de passar multas e confiscar *skates*.» (nota de terreno, 11.04.2017).

Em conversa com um *skater*, foi possível saber que a cidade já estivera, em tempos, menos tolerante, sendo que hoje se apresentava «com uma “alcaldesa” mais social, [a cidade encontra-se] muito mais livre agora. Antes a polícia saía logo a tirar os *skates*, tínhamos que correr logo, uns por um lado e os outros por outro» (nota de terreno, 11.05.2017). Um pouco mais tarde, o mesmo *skater* informou-nos ainda que «Barcelona é a nova Amsterdão, gera muito dinheiro e portanto tem que ser tolerante, tem que tolerar a erva, tem que tolerar o *skate*, porque os “guiris”²⁹ trazem muita pasta... A distribuição é que já é outra coisa, é económica e política.» (nota de terreno, 11.05.2017). No *blog* da *Slap*, já referido anteriormente, em resposta à publicação quanto a quais seriam melhores cidades para andar de *skate*, um utilizador escreve: «Barça mudou, os polícias não irão hesitar em “lixar-te”, se fores estrangeiro»³⁰; outro responde-lhe desdramatizando, «nah. na pior das hipóteses tiram-te a tábuia e fazem-te pagar para a teres de volta. Não te armes em palerma, “baza” quanto te disserem e não andes com uma multidão.»³¹; por sua vez, um

²⁹ Estrangeiros

³⁰ Sabeat (2011, 3 de fevereiro). *Topic: Best city to skate in* [comentário em fórum online]. Comentário publicado em: <http://www.slapmagazine.com/index.php?topic=50454.30>

³¹ SPRAYtan101 (2011, 3 de fevereiro). *Topic: Best city to skate in* [comentário em fórum online]. Comentário publicado em: <http://www.slapmagazine.com/index.php?topic=50454.30>

terceiro refere que o único problema com que se deparou foi o aparecimento de «alguns carros da polícia que pulverizaram água por toda a praça»³².

As zonas onde os *skaters* mais circulam, em especial o bairro do Raval, são zonas que se encontram renovadas e repletas de lojas e cafés. O mercado específico do *skate* responde de forma exemplar a esta procura, sendo que há uma concentração elevada de *skateshops* para dar resposta à procura de material:

«A conversa decorria no *spot* deles, junto ao vidro e ao som de *trap* (a alto e bom som), que tocava numa coluna *wireless* pousada no chão. [...] recordo-me agora de passar numa loja que nunca tinha visto: a *Bacana*. É uma loja só com produtos de origem brasileira, como é que é possível!? Aqui há mesmo *skateshops* para todos os gostos, só no Raval há p'ra aí umas seis: *Rufus*, *FTC*, *Amigos*, *Bacana*, *Hey Ho!*...» (nota de terreno, 15.04.2017)

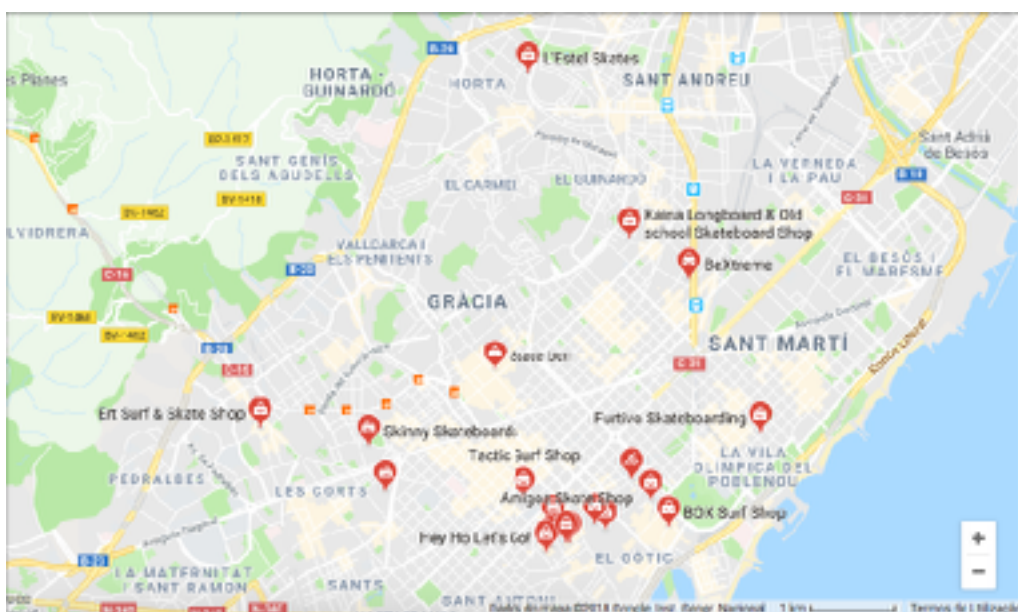


Figura 3: Mapa de *skateshops* de Barcelona (Fonte: Google³³)

Este negócio, é descrito no jornal *El País* da seguinte forma:

«Os *skaters* sucumbiram à arquitetura de Barcelona. Vêm da Europa e Estados Unidos para praticar um desporto que é mais que um *hobby* e que move muito dinheiro na cidade. Mas os *skaters* não vieram sozinhos. Empresas e distribuidoras do sector seguiram-nos até aqui para que promovam os seus produtos. [...] Lee andou de *skate* por aqui uns anos, embora depois tenha

³² Handsome Squidward (2011, 4 de fevereiro). *Topic: Best city to skate in* [comentário em fórum online]. Comentário publicado em: <http://www.slapmagazine.com/index.php?topic=50454.30>

³³ https://www.google.pt/search?tbm=lcl&q=skate+shops+barcelona&spell=1&sa=X&ved=0ahUKEwiXsuLa5dvdAhVjxYUKHbFGAk8QBQgnKAA&biw=1281&bih=655#rlfi=hd;:si;mv:13m12!1m3!1d32045.774779140054!2d2.1603017499999995!3d41.404457149999999!2m3!1f0!2f0!3f0!3m2!1i237!2i257!4f13.1;tbs:lrf:12m1!1e2!2m1!1e3!3sIAE,lf:1,lf_ui:10

saído. Em breve abrirá uma loja com o seu sócio, Julio Arnau. [...] A solução encontrou-a na *For the City* (FTC), uma marca de *skates*, sapatilhas e roupa com *franchises* em Tóquio, Sacramento e São Francisco, que dentro de uns meses abrirá uma filial em Barcelona.» (Flotats, 2009)³⁴.

Tendo visto como a cidade canaliza o lado desejável do *skate*, que é o que envolve o capital que entra, e como gere o indesejável, através da aplicação de leis, multas e policiamento, resta-nos agora ver as estratégias de governamentalidade espacial que se encontram pela cidade.

1.3. *Skatestoppers* e o fim dos *skatespots*: uma forma de governamentalidade espacial

Muito do gozo que os *skaters* tiram da prática passa por experimentar locais novos e desafiantes passando uma boa parte do seu tempo à procura de novos e cativantes espaços para realizar as suas manobras. Isto acontece com frequência em entradas de prédios habitacionais, edifícios públicos ou até no meio da rua. Se anteriormente vimos que os *skaters* estão habituados a lidar com a polícia e os seguranças, e cientes de que podem ser multados, e mesmo assim continuam a praticar esta atividade, veremos agora uma outra forma que a cidade encontrou para lidar com o problema.

Excluiremos, por ora, algumas estratégias que foram aplicadas às praças, locais onde habitualmente é seguro andar de *skate* durante períodos longos (várias horas) para nos concentrarmos nas que são aplicadas nos locais onde as sessões são mais efémeras, geralmente sob a forma de detalhes anti-*skate*, vulgo *skatestoppers*.

Embora o município de Barcelona não tenha uma política tão agressiva como a dos EUA, onde «Um banco decente — e até um charmosamente mau — se está a tornar numa espécie ameaçada»³⁵, nem como a da Hungria, onde em vez das habituais placas e picos de metal se optou por colocar pequenas esculturas detalhadas como caracóis, carteiras e até mesmos um *skate* à escala real³⁶. É frequente depararmo-nos com um local que é visivelmente interessante para a prática do *skateboarding*, mas que sofreu uma alteração que fez com que se tornasse impossível lá manobrar.

³⁴ Disponível em: https://elpais.com/diario/2009/12/06/catalunya/1260065244_850215.html

³⁵ <http://quartersnacks.com/2017/04/the-continued-extinction-of-new-york-city-ledges/>

³⁶ <https://kingpinmag.com/features/snail-skate-stoppers-hungarys-new-style-defensive-architecture/#HqgjbT4byAFpEk3W.97>

Um dos exemplos mais significativos é o do *Fondo*, um local que como tantos outros se popularizou nos vídeos de *skate*, tendo sido palco de várias manobras pelos pés dos mais conceituados profissionais do ramo, e que agora se encontra parcialmente inutilizável.



Figura 4: Detalhe anti-skate no *Spot do Fondo* (Fonte: *Quartersnacks*³⁷)

Um outro exemplo encontra-se entre duas conhecidas praças, a *Universitat* e o *MACBA*, sendo que é de fazer notar que apesar de terem sido colocados apoios para os braços num banco onde não os havia, os *skaters* conseguiram alterar a forma como utilizavam o obstáculo, continuando a manobrar lá, executando as manobras da cota alta para a baixa, realizando o *grind*³⁸ precisamente nos detalhes novos, em vez de o fazerem ao longo do banco, como ainda é visível pelas marcas de manobras e restos de parafina que apresenta.

³⁷ <http://quartersnacks.com/2011/08/skate-spot-porn-barcelona-edition/>

³⁸ Manobra realizada com os eixos do skate na aresta de um banco ou num corrimão.



Figura 5: Banco junto ao CCCB com detalhes anti-skate (Fonte: *Quartersnacks*³⁹)

Este tipo de intervenções causa algum desconforto na comunidade uma vez que estes sabem claramente que não são bem-vindos ali. Enquanto que para um peão um banco como este não merece especial atenção, e mantém a sua funcionalidade após ser modificado, para um *skater* torna-se muito claro que é o seu comportamento que tem que ser erradicado.

Apesar disso, faz parte do seu quotidiano abandonar uns locais e descobrir outros, reinventando a sua prática conforme se vão adaptando e readaptando aos locais. O grande desconforto surge quando o local se trata de um ponto de encontro importante, um local famoso ou um sítio seguro onde se pode andar por várias horas, como veremos em seguida.

2. As skateplazas

Se é verdade que os *skaters* gostam de deambular pela cidade em busca de novos lugares, também o é que gostam de ter os seus locais habituais onde se costumam reunir com amigos e praticar junto de outros *skaters*. Ao longo da recolha tornou-se evidente que

³⁹ <http://quartersnacks.com/2011/08/skate-spot-porn-barcelona-edition/>

a companhia e o sentimento de à-vontade eram os grandes motivos que os faziam estar todos os dias naqueles locais. P. refere que «[aqui no MACBA] é relação boa porque você não conhece ninguém e você acaba conhecendo novos amigos, novas pessoas, entendeu?» (P., excerto de entrevista realizada no dia 16.05.2017, no *MACBA*), já Ax., de *Sants* explicava, após lhe perguntarmos se era seguro andar de *skate* com a polícia por perto, «em *Sants* é permitido andar, embora com mais cuidado, pois a polícia não vem tanto aqui como ao *MACBA*, por exemplo, já se anda aqui há 15 anos, gente como o Raúl Navarro fez aqui história. [...] Quando nos apanham a andar na rua, até nos mandam para aqui.» (nota de terreno, 20.04.2017). Para além disso, quando inquirido se um *skatepark* teria ou não o mesmo tipo de segurança, Ax.. completou, afirmando: «prefiro andar aqui, e não nas pistas, pois nada substitui a sensação de andar pela pedra, ou ouvir o som das rodas a raspar nela, ou ainda os *trucks*⁴⁰ a *grindar* o mármore»; além disso, afirmou ainda que «[as pistas] normalmente são más, embora uma última da *Nike* seja boa» (nota de terreno, 20.04.2017).

Quando falamos em praças que acolhem diariamente tanto os *skaters* locais como os que vêm de fora, há três que são incontornáveis: *MACBA*, *Sants* e *Paral·lel*. É nestes três lugares que recai o grande foco do nosso estudo, pois é neles que se concentra a maior parte dos *skaters* que se encontram em Barcelona, a cidade que acolhe mais *skaters* por metro quadrado do mundo. Estes três locais, identificados na figura 6, são os que iremos tratar de seguida, incidindo na sua gestão político-económica, na governamentalidade espacial exercida e, por fim, nas táticas que os *skaters* apresentam como forma de resistência às estratégias impostas.

⁴⁰ Eixos metálicos que permitem que o *skate* vire.



Figura 6: As três grandes *skateplazas* de Barcelona: Sants (à esq.), MACBA (em cima ao centro) e Paral·lel (à dir.) (Autoria de Marta Castro & Francisco Mouga, 2017)

2.1. Gestão político-económica das *skateplazas*

Como vem sendo referido, muitos dos *skaters* convergem nestas praças, passando largas horas do seu dia a tentar manobras, comportamento tolerado pelas autoridades e até pelos seguranças (no caso do MACBA). Ainda assim, há situações em que a polícia não tarda em intervir, fazendo cumprir a lei e aplicando as coimas vigentes, à semelhança do que acontece fora destes lugares.

A *Plaça dels Àngels*, que envolve o MACBA, situa-se no centro do Raval, um bairro antigo que concentra um elevado número de lojas, restaurantes e cafés. Muitos deles estão orientados para um público-alvo cosmopolita, argentário, que habitualmente chega de fora. Assim, a zona que envolve a praça está repleta de esplanadas que ocupam parte significativa do espaço de circulação: «ao pé do MACBA e junto à *skateshop* encontram-se duas esplanadas, um *skater* disse-me que pertencem ao dono da *skateshop*. Admiro-me ao ver, dia após dia, que os *skaters* não a costumam frequentar, preferindo comer e beber no chão da praça.» (nota de terreno, 20.04.2017).

Todas as noites se reúnem nesta praça várias dezenas de pessoas:

Nessa noite, voltei ao terreno para ver o que se passava, munido do meu *skate*, e duma cerveja do vendedor ambulante da esquina da Ferlandina com a Joaquín Costa. É engraçado ver como muda o ambiente à noite, quando muitas esplanadas e cafés fecham, e as mercearias deixam de vender bebidas alcoólicas: os vendedores ambulantes aparecem e tiram cervejas de dentro dos contentores do lixo, tampas de esgoto, motas, canteiros, enfim, de todo o lado. Também reparo como funciona

bem a coisa ali: os *skaters* têm muita sede e os vendedores têm muita cerveja para vender, é uma autêntica relação de simbiose.» (nota de terreno, 15.04.2017)

«Importa salientar que à noite muitas das pessoas vêm para relaxar e conversar, preferindo o ambiente descontraído que a praça oferece à confusão dos bares/discotecas, não se importando minimamente com os *skates* que facilmente escapam dos pés de quem falha uma manobra, ou com o barulho que fazem. Pelo contrário, acabam até por achar piada... É muito comum, tanto de dia como de noite, ver-se turistas e Barceloneses filmarem com os seus *smartphones* as manobras dos *skaters*.» (nota de terreno, 29.04.2017)

A partir de certa hora, geralmente entre a uma e as duas da manhã, aparece a polícia com o intuito de autuar quem quer que se encontre na praça a andar de *skate*, bem como a beber ou a fumar haxixe/marijuana, resultando em que a praça esvazie de um momento para o outro:

«À noite o chão fica repleto de lixo, principalmente latas de cerveja e o plástico dos *packs* que o pessoal compra aos “lateros”⁴¹. É habitual estar todo peganhento. Passado um pouco, aparecem os varredores, e funciona como um primeiro sinal de que a diversão está prestes a acabar. Parte vai embora, parte fica, mas só até vir a polícia ou a equipa que limpa a jacto de água todos os dias a praça, dando por definitiva a intenção de expulsar dali as pessoas. Quanto aos *skaters*, quando são expulsos pela polícia, ainda voltam, mas quando são expulsos pela equipa de limpeza a jacto, não o fazem, pois o *skate* estraga-se com facilidade em contacto com a água, e andar torna-se muito mais difícil e perigoso.» (nota de terreno, 29.04.2017)



Figura 7: Um *skater* cruza a praça, depois da passagem da polícia (Fotografia do autor, 2017)

⁴¹ Vendedores ambulantes de cerveja.

Isto acontece diariamente, e a expulsão com o jacto de água é feita sem qualquer aviso nem reserva quanto a molhar o que quer que se encontre na praça, não hesitando a equipa de limpeza em molhar os sujeitos que insistam em permanecer no local a limpar.

A expulsão de indesejados é, por vezes, feita de forma mais subtil pela própria população que anda de *skate*, pois ao reclamarem para si parte do espaço acabam por repelir outros grupos indesejados, como por exemplo os sem-abrigo e carteiristas: «O J. ainda me chegou a contar que: “essas grades fecham [as traseiras do *MACBA*] à noite para não irem para lá sem-abrigo e pessoas mandar droga. Isto antes estava cheio deles, e de pessoas a roubar, o segurança que conheço há muito tempo até já me chegou a dizer que fica encantado de nos ver a andar aqui, pois afastamos essa gente daqui.”» (nota de terreno, 20.05.2017). Apesar de tudo, o *MACBA* é um local seguro, embora seja ainda frequente ouvir relatos de *skaters* que referem a existência de carteiristas no local. A este respeito um *skater* local afirmou que: «‘tá bem melhor, mas é preciso ter cuidado, ainda no outro dia ‘tava aqui sentado com uns “guiris” ao lado e de repente olhei e ‘tava um tipo com a mão na carteira dela, ‘tive que mandar um berro e avisá-los.» (B.L., nota de terreno, 21.04.2017). Já uma *skater* que vivia em Barcelona há pouco tempo dizia: «eu normalmente deixava tudo à vontade, e de dia ainda posso, mas de noite venho só com o passe e as chaves, e nem as tiro do bolso. Já me roubaram a mochila duas vezes nos últimos três meses.» (L., nota de terreno, 21.04.2017).

Nas outras praças sob foco não avistámos qualquer tipo de intervenção policial com vista a expulsar os *skaters*, detê-los ou autuá-los, durante a nossa estadia. É de acrescentar que, à medida que se aproxima a hora de jantar, esses locais (menos iluminados e com menos estabelecimentos noturnos perto) se esvaziam totalmente, ao invés do que acontece no *MACBA*, que mantém a elevada afluência de *skaters* até por volta das 3h da manhã.

Não sendo isto sinónimo de que estes espaços estejam livres de estratégias de controlo, uma vez que estas estão presentes, embora de forma mais discreta e direccionada, como iremos expor na secção seguinte, que tratará as mudanças no próprio *design*, nos materiais das praças, ou ainda no mobiliário urbano nelas presente.

2.2. As skateplazas e a governamentalidade espacial

As praças são o local por excelência onde a história das comunidades autóctones se escreve, sendo que durante anos os *skaters* delas se servem para executar as mais complicadas manobras. O que torna possível este desenvolvimento de capacidades técnicas é a habituação ao local e obstáculos, que exige muito tempo. Ao longo dos anos, praças como a de *Sants*, que acolhem *skaters* desde os anos 80, ou o *Paral·lel* e o *MACBA* desde os anos 90, funcionam como um habitat onde os praticantes de *skate* se sentem seguros para passar o dia a tentar realizar manobras novas. No entanto, a tradição do *skate* nestas praças não garante que sejam mantidas conforme foram inauguradas, como veremos em seguida.

2.2.1. *Paral·lel: Jardins de les Tres Xemeneies*

Os *Jardins de les tres Ximeneas*, vulgarmente conhecidos como *Paral·lel*, foram descritos no documentário *Streets of Barcelona* como um local onde «o chão é bom [...] e gosto do *spot* por que é mais fresco, tem muita sombra» (Leung, 2005). Um *skater* refere que o local «é incrível», e que «não há muita gente à volta, logo podes-te focar apenas no *skate*» (Leung, 2005).

O habitual era que se andasse de *skate* na zona arborizada, junto à Avenida de *Paral·lel*, utilizando os volumes de betão para realizar as manobras. Também se usava a parte de cima para uma manobra pontual na caixa, seguida de um salto por cima dos bancos, muitas vezes iniciando o trajeto que depois prosseguia até à parte arborizada.



Figura 8: *Behavioral map* dos skaters no Paral·lel na sua configuração anterior a Nov. 2014. (Autoria de Marta Castro & Francisco Mouga, 2017)

No mesmo documentário, um *skater* referia que o espaço era perfeito para a prática, uma vez que pouca gente dele se servia. Este era um local bastante utilizado pelos *skaters*, razão que levou o município a proceder a uma reforma do espaço com vista ao controlo do fenómeno.

Importantes revistas de *skate* como a *Kingpin*, a *Sidewalk* e o *Ride Channel* publicaram artigos intitulados *RIP*⁴² *Paral·lel* e, quando a destruição começou a ser efetivada, a *Transworld*, uma das mais influentes revistas americanas de *skate*, publicou um vídeo da marca *Sour* de tributo ao local. Na descrição do vídeo dizia o seguinte:

«[o] Paral·lel foi sem dúvida um dos *spots* mais emblemáticos, a nível mundial. O chão amarelo, os bancos, as caixas de *manual*, todos serviram de segunda casa para a equipa da *Sour* durante anos. Agora que o Paral·lel desapareceu, a equipa quis criar uma série de tábuas e uma *mixtape*⁴³ prestando homenagem a este *spot* lendário.»⁴⁴

⁴² *Rest In Peace*

⁴³ Neste caso, uma compilação de vários trechos de vídeo.

⁴⁴ https://www.youtube.com/watch?v=5ql_d-ot_eU

Quando a notícia foi divulgada (López, 2014), afirmando que iam transformar a praça num *skatepark*, os media de *skate* declararam a morte do Paral·lel⁴⁵.



Figura 9: O projeto do skatepark. (Fonte: *El Periódico*⁴⁶)

Na internet surgiu a hashtag #ripparalel.

Pouco depois alguns *skaters* mobilizaram-se no sentido de tentar impedir a transformação, conseguindo que não fosse colocada no sítio uma estrutura com a tipologia de *skatepark*, distinta da que confere a identidade arquitetónica ao local, e autenticidade ao local como *skatespot* (Chiu, 2009).

Jordi Marti, conselheiro de Sants-Montjuïc, afirmou que o jardim não era de uso exclusivo dos *skaters* e que iriam fazer uma zona para que se pudesse praticar com «melhores condições e com os materiais específicos e a tipologia de mobiliário específica que eles gostam», «segregando-os para que não molestem os restantes utilizadores do parque»⁴⁷.

Após prontas as obras, o site *Elpatin* refere que o novo local «[...] não tem muita pinta de *skatepark*, por isso pode continuar a ser chamado de *spot* do Paral·lel (e não [*skate*]*park*.»⁴⁸ (2015).

⁴⁵ Por exemplo: *Kingpin*, *Transworld*, entre outras.

⁴⁶ <http://www.elperiodico.cat/ca/grafics/Barcelona/skate-park-tres-xemenies-1350/>

⁴⁷ https://www.youtube.com/watch?v=s_mHvojPFTA

⁴⁸ <http://www.elpatin.com/paralel-is-ready/>

Podemos então examinar as relações de poder e espaço posicionando a arquitetura como uma tecnologia política para tratar dos problemas do governo —isto é, o controlo e poder sobre indivíduos— através da «canalização» da vida diária. No caso do *Paral·lel* a prática do *skate* foi canalizada da zona arborizada para perto do pavilhão desportivo. Aqui, isto materializou-se com a mudança do chão para um material mole que não permite que o *skate* role. Desta feita, o Município conseguiu mesmo relocar os praticantes, como se vê no esquema seguinte:

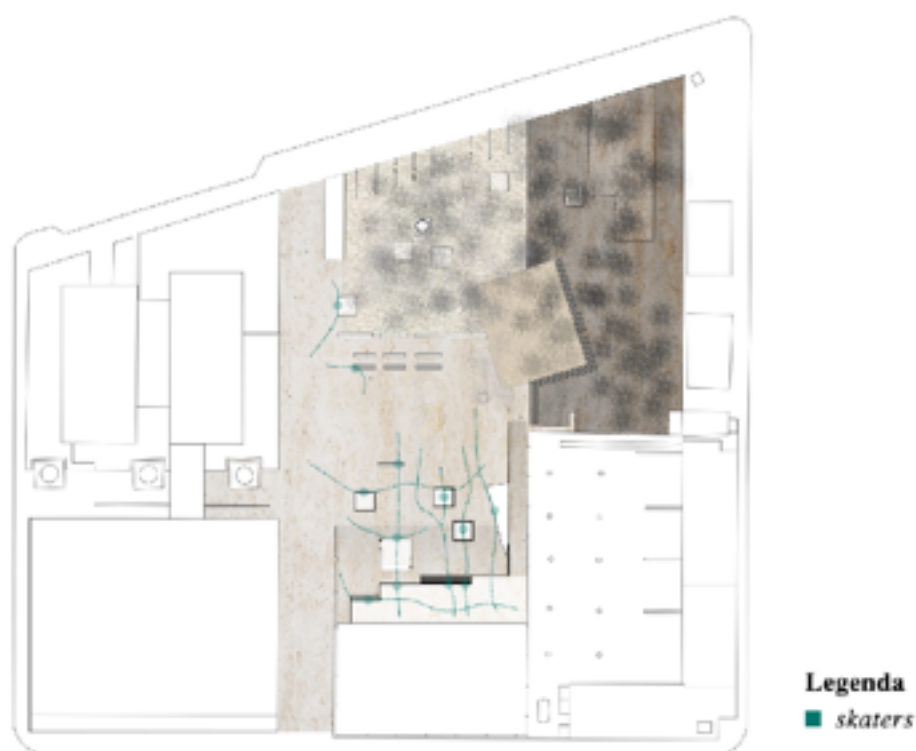


Figura 10: *Behavioral map* dos *skaters* na atual configuração do *Paral·lel* (Autoria de Marta Castro & Francisco Mouga, 2017)

A este propósito um dos *skaters* entrevistados afirmou: «mudaram-no e fizeram-no pior. Quando construíram uma coisa que não tinha nada que ver com o *skate* fizeram-no super bem, quando o fizeram para se andar de *skate*: fizeram merda...» (J., nota de terreno, 14.05.2017)

Atualmente, a atividade ainda tem expressão no local, mas tornou-se claro que a alteração da arquitetura preexistente contribuiu para exercer o poder sobre os indivíduos uma vez que o predomínio da atividade passou da zona arborizada para junto do pavilhão desportivo.



Figura 11: *Jardines de les tres Xemeneas* com a volumetria do mobiliário alterada (Fotografia do autor, 2017)

Este aspeto ditou que este local não constasse dos terrenos de permanência para a realização deste estudo, apesar do seu importante valor de análise devido ao sucesso da intervenção, que teve como objetivo tornar o jardim menos apetecível para a prática. O descontentamento dos praticantes era claro: «porque agora o Paral·lel mudou e agora não gosto nada do Paral·lel, porque para mim é muito feio agora, mudaram-no totalmente. E o *MACBA* continua igual, melhoraram-no, é pena, não?» (X., entrevista realizada no dia 12.05.2017, no *MACBA*).

A frase ilustra o sucesso da alteração levada a cabo, do ponto de vista municipal, uma vez que a esta ação no sentido de expulsar os *skaters* da zona arborizada que continha os volumes de cimento e metal foi bem sucedida.

2.2.2. *Sants: Plaça dels Països Catalans*

A vulgarmente denominada Praça de *Sants*, adjacente à principal estação de comboios da cidade, fica isolada no meio das muitas faixas de rodagem que a entornam e serve habitualmente de zona de passagem. As pessoas chegam e partem, apressadas, em direção ao comboio ou à cidade. Esta praça que remonta aos anos 80 foi o berço do *skate* de rua em Barcelona, e o motivo principal pelo qual a cidade se converteu na chamada

«Meca do skate», e num destino obrigatório para qualquer profissional no início do novo milénio. Na praça, os *skaters* parecem ser os únicos que lhe dão importância e uso. Para além de a usarem para a prática da sua atividade, ainda dela fazem uso para lanchar e confraternizar.



Figura 12: Dois transeuntes deslocam-se em sentidos contrários enquanto um grupo de *skaters* descontraí junto ao muro (Fotografia do autor, 2017)

Hoje em dia é frequente encontrarmos lá vários *skaters*, distribuídos pelo corredor central e a zona baixa, junto às escadas. Nesta última, os *skaters* podem praticar manobras no chão. Na parte de cima, divertem-se a dar manobras nos diferentes bancos e obstáculos da praça. Quando estão cansados, sentam-se nas escadas, à sombra.

Em termos de mobiliário urbano, a praça tinha vários bancos de ferro, cujo tampo (onde se manobra) era em pedra que com o tempo foi sendo progressivamente erodida.



Figura 13: Um *skater* profissional salta por cima de uma das famosas *picnic tables* de Sants, que já não tinham a pedra do tampo. (Fonte: *Kingpin*⁴⁹)

Os bancos eram a principal atração da praça, e nela os locais desenvolveram um estilo característico de andar de *skate* assente na perícia em dominar os bancos.

Através de registos vídeo de filmes de *skate* célebres cujos protagonistas são profissionais que se mudaram para Barcelona, onde registaram um corpo de trabalho considerável, como se pode observar em filmes como o da *Lordz* (2003) ou o documentário *Streets of Barcelona* (2005). Desta forma foi-nos possível observar os trajetos mais frequentes, que incluíam bancos e corrimãos que já não existem, de forma a traçá-los no seguinte esquema:

⁴⁹ <https://kingpinmag.com/features/20-legendary-skate-plazas-time.html/4>

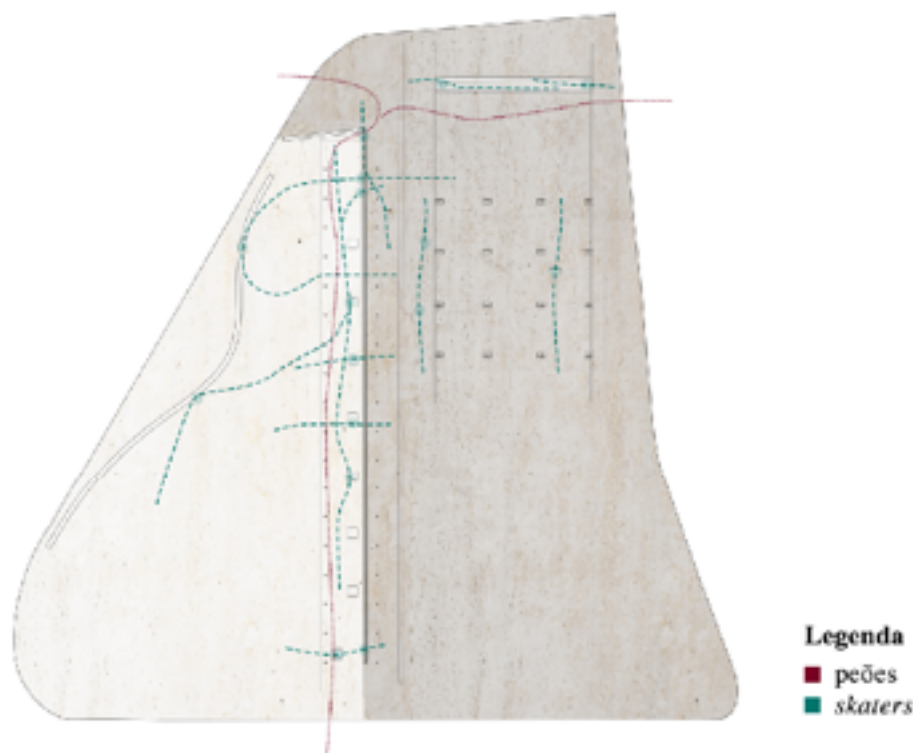


Figura 14: *Behavioral map* de skaters e peões na praça de Sants na sua configuração original (Autoria de Marta Castro & Francisco Mouga, 2017)

Para este grupo, um simples banco passa a servir múltiplos propósitos, já que não serve só para o propósito para o qual foi concebido (sentar). O objeto ganha então função de obstáculo para saltar por cima, sem lhe tocar, para manobrar em cima, ou nas suas arestas.

Em 2015 a empresa de comboios de alta velocidade *Adif*, procedeu a obras para a linha de alta velocidade que passa por debaixo da praça, destruindo o chão da última no processo, de onde passaram a surgir quatro saídas de emergência. Josep M. Rovira, do *Colegio Oficial de Arquitectos de Catalunya* denunciou a destruição da seguinte forma: «o motivo é um pouco, uma medida para chamar à atenção sobre a destruição desta praça e as reformas que teve que fazer a Adif, as saídas de emergência e a vontade de parti-la toda.» (Garcia, 2011).

Para além dos arquitetos preocupados com uma obra emblemática, também *skaters* se mostram descontentes com o mau estado da praça, principalmente agora que a câmara retirou todos os bancos que faziam parte do desenho original: «agora mesmo deixam-te andar de *skate* porque isto é um descampado [...]. Já não há nada [que possamos fazer]

que afecte o município, para que partas algo e se passe alguma coisa» (Ax., entrevista realizada no dia 05.05.2017, em *Sants*).



Figura 15: Algumas pessoas aproveitam os bancos construídos pelos *skaters* (Fotografia do autor, 2017)

Tendo por base o mapa seguinte, podemos observar as zonas onde o chão está «remendado» (também visível na figura 12), os obstáculos construídos e a alteração nos padrões de movimento:

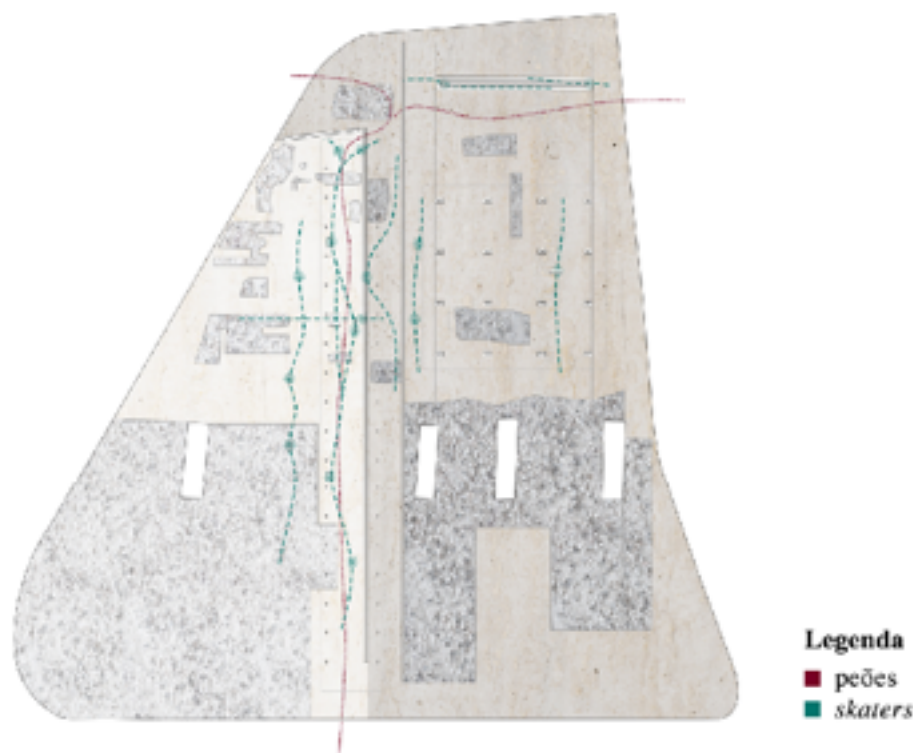


Figura 16: *Behavioral map* de skaters e peões na praça de *Sants* na sua configuração atual (Autoria de Marta Castro & Francisco Mouga, 2017)

Após esta intervenção e apesar do chão se encontrar degradado, os *skaters* continuaram a fazer uso do espaço, chegando mesmo a remendar algumas zonas onde estava esburacado: «Sim, bom, já viste *Sants*..., agora tiraram os bancos e o que sobra são os que nós construímos. A praça está tão destroçada pelas obras da *Adif*, não por nossa causa. Nós cuidávamos do chão e dos bancos.» (Al., entrevista realizada no dia 17.05.2017, em *Sants*).

Esta nova configuração condiciona o uso do espaço pelos *skaters*, que precisam de chão liso para praticar com qualidade. Sendo que o mobiliário se foi desgastando e desaparecendo, os *skaters* foram construindo obstáculos alternativos num ato claro de contestação da praça:

«[o R.] Falou-me também que tinham tirado as mesas, que tinha sido o Município. Ainda me contou que nesse processo conseguiram salvar uns pedaços de mármore que encimavam as mesas de ferro com os quais construíram os *curbs*⁵⁰ e *manual pads*⁵¹ que lá se encontram. Ainda me contou que só podiam construir na parte de cima, e que o que construísem na de baixo era imediatamente removido» (nota de terreno, 20.05.2017)

⁵⁰ Bancos cuja aresta serve para realizar manobras.

⁵¹ Bancos cuja face superior serve para realizar manobras.

Outro entrevistado referiu que devido ao estado lastimável em que a praça se encontrava já podiam lá andar, contrapondo-a ainda com a *Plaça dels Àngels*, que vai sendo restaurada à medida que se degrada: «e o estado em que se encontra *Sants* é uma vergonha, podia estar como o *MACBA*» (Ax., entrevista realizada no dia 05.05.2017, em *Sants*).

É mais do que notório o descontentamento com o estado da praça pois, para além do incómodo para «vizinhos e entidades que se queixam da degradação do espaço e reivindicam uma reforma integral», também o colégio de arquitetos denunciou o mau estado da praça que foi galardoada com o prémio FAD em 1983 (Gutiérrez, 2015). Também se sente a diferença entre o chão de mármore e o cimento pedregoso com que taparam os buracos deixados pelas obras, ao andar de *skate*.

O controlo foi então materializado na manipulação do espaço, neste caso expressa na remoção dos obstáculos que os *skaters* mais estimavam e na ausência de manutenção e restauro do mesmo. Ainda assim, os praticantes persistem e permanecem nesta praça, acossada não só pela intervenção pela parte da *Adif*, como também pela remoção do mobiliário por parte do município. A este propósito Ax. afirma: «Vou andar [de *skate*] aqui até que caia um meteorito» (entrevista realizada no dia 05.05.2017, em *Sants*).

2.2.3. *MACBA: Plaça dels Àngels*

A *Plaça dels Àngels*, habitualmente denominada como *MACBA*, devido ao museu que lhe é contíguo, é o *topos* do *skate* por excelência. Chegando ao *MACBA* a qualquer hora do dia (ou mesmo da noite) todo o visitante se depara com várias dezenas de *skaters*. O que atrai estes últimos nada tem que ver com as exposições que o museu acolhe; são, sim, a praça e o seu mobiliário de pedra preta que os cativam.



Figura 17: Um visitante do museu observa, através do vidro, os *skaters na praça* (Fotografia do autor, 2017)

Aqui convergem diariamente *skaters* de todas as partes do mundo que vêm a Barcelona para experimentar os seus *spots* famosos.



Figura 18: Um grupo de *skaters* descansa junto ao vidro, enquanto os outros praticam (Fotografia do autor, 2017)

O *MACBA* tem vindo a ser construído desde o final dos anos 90 enquanto território de *skate*, quando os primeiros *skaters* começaram a encerrar os bancos para que deslizassem. Nos seus tempos dourados, *skaters* profissionais vinham de todas as partes do mundo para saltar os famosos «quatro blocos».

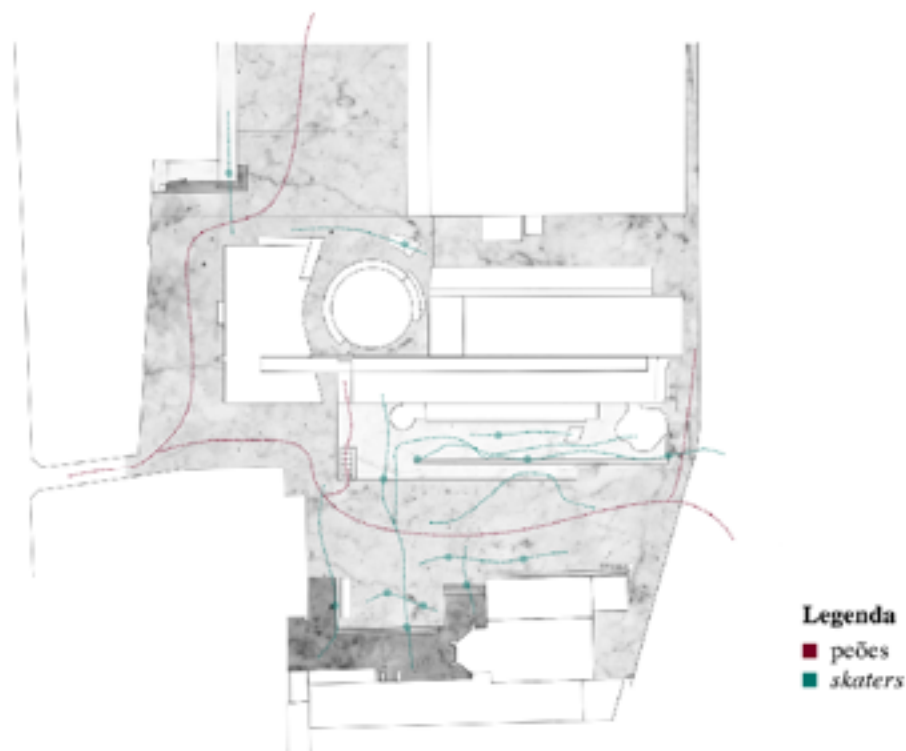


Figura 19: *Behavioral map* de *skaters* e peões no MACBA, na sua configuração anterior às alterações de 2009 (Autoria de Marta Castro & Francisco Mouga, 2017)

Em 2009 o local sofre uma ligeira alteração, com a colocação de um banco junto à entrada, com a redução dos famosos «quatro blocos» (para três), e a abertura da plataforma superior com a construção de umas escadas que fazem a ligação ao passeio. Esta nova configuração do mobiliário da praça originou novas formas de praticar/experimentar o espaço, não alterando significativamente a forma como lá se anda de *skate*. A este propósito, J. adiantou que «se o tipo que construiu o MACBA não gostasse de *skate*, já não se andava aqui. Ele gosta que os *skaters* andem aqui, por isso o espaço mantém-se como está.» (J., nota de terreno, 14.05.2017).

Embora a redução dos «blocos» tenha desvirtuado um local de culto e peregrinação, tornou a morfologia geral mais interessante para a prática: «e o *MACBA* continua igual, melhoraram-no» (X., entrevista realizada no dia 12.05.2017, *MACBA*).

A figura que se segue ilustra os trajetos mais comuns e as zonas onde os *skaters* mais manobram, que são facilmente observáveis quer pela observação direta, quer pela identificação de marcas de desgaste (ou sua ausência) ao longo dos bancos:

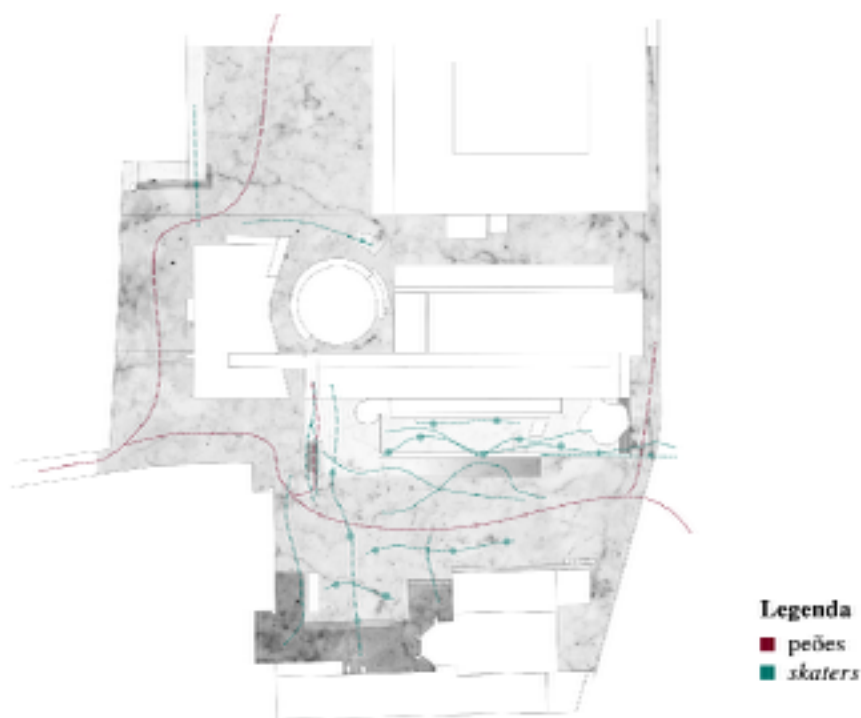


Figura 20: *Behavioral map* de *skaters* e peões no MACBA, na sua configuração atual (Autoria de Marta Castro & Francisco Mouga, 2017)

Observando a figura 20, podemos reparar que o banco que teria como finalidade conter o fluxo junto à entrada do museu é utilizado, seja para efetuar manobras na sua aresta, seja enquanto obstáculo para ser transposto (no sentido que vai da cota alta à baixa), o que contraria —em parte— o propósito para o qual foi colocado, não conseguindo erradicar totalmente o fluxo de manobras naquela zona. Já a parte voltada para a estrada, tornou-se mais aberta à rua após estas alterações, tendo o muro que encerrava o pátio superior sido substituído por umas escadas. Se esta abertura foi feita com vista à circulação de peões ou visitantes do museu, a sua vocação não se cumpre, pois é raro vislumbrar alguém que não os praticantes de *skate* por ali passar. É possível notar num aparente maior interesse na nova configuração do espaço por parte dos *skaters*, dado que torna possíveis novas manobras, das quais se poderá destacar a transposição das escadas, como também o salto de cima do muro para a estrada.



Figura 21: Um *skater* tenta a sua sorte no famoso *gap* do MACBA. Na estrada um amigo controla o trânsito e à volta várias pessoas observam/filmam (Fotografia do autor, 2017)

Resta referir que a zona dos «blocos», que dá acesso ao pátio que une o MACBA e o Centro de Cultura Contemporânea de Barcelona (CCCB) fica interdita de noite, com o fecho dos portões, à semelhança de muitos jardins e praças públicas de Barcelona.



Figura 22: As grades que encerram o pátio traseiro do MACBA com os 3 blocos ao fundo (Fotografia do autor, 2017)

Nesta secção temos vindo a evidenciar as intervenções realizadas nos três locais em estudo, e como as mesmas afetam os *skaters* nas suas práticas diárias. Passaremos agora para a apresentação dos dados que dizem respeito à forma como eles reagem e contornam (ou não) as condicionantes que lhes foram impostas.

2.3. As skateplazas em estado de sítio? As espacializações e as táticas dos skaters

Trataremos agora de demonstrar como os *skaters* são exímios em contornar as estratégias impostas no sistema topográfico.

Tendo começado com um foco mais alargado, pudemos ver como se deslocam de forma rápida pela cidade, serpenteando por entre carros e pessoas, quer no passeio quer na estrada. Permite-lhes isto então evitar tanto o carro como os transportes públicos, servindo-se do *skate* para chegar rapidamente a qualquer ponto da cidade, desde que o trajeto seja feito através de troços de solo liso:

«depois de termos estado a andar um pouco na zona junto às escadas o Jo. convidou-nos para irmos beber um sumo. De *skate* debaixo dos pés foi um instante até à padaria da Joaquín Costa. Sinto que é relevante acompanhá-los de *skate*, permitindo-me compreender de forma mais completa a maneira como eles vivem a cidade.» (nota de terreno, 13.05.2017)

Tendo em conta que as chamadas «praças duras» se caracterizam por serem abertas e sem pontos cegos, com poucos espaços que convidem à permanência (para sentar, por exemplo) e sem sombras, é relevante a concentração de *skaters* ser tão elevada nestes espaços. Se faltam à restante comunidade motivos que justifiquem estar exposto ao sol, sentar no chão e permanecer numa praça desenhada com vista a ser facilmente desimpedida (tornando-se pouco acolhedora), aos *skaters* o facto de ter peças de interesse para a prática leva-os a permanecer lá durante horas a fio. Adicionamos ainda que o interesse que demonstram nos poucos bancos que existem, que são de um modo geral baixos e desconfortáveis, logo pouco utilizados para sentar — estamos perante um local que reúne boas condições para se tornar numa *skateplaza*:

«São duas da tarde, a praça [dels Àngels] está cheia, como de costume. Volto a reparar como os trajetos e a forma de estar dos *skaters* na praça diferem dos que transitam, dos que entram, e dos que se sentam a conversar. O banco comprido, por exemplo, raramente é usado pelos *skaters* para sentar sendo que por vezes se vêem os restantes participantes da praça a usá-lo com tal fim. Os *skaters* sentam-se geralmente junto ao vidro, quer no chão quer em cima das suas tábuas.» (nota de terreno, 12.05.2017)

Através da presença diária nas praças, os *skaters* atribuem-lhe uma importância que transcende a mera contemplação da arquitetura ou o potencial de passeio. Criaram assim um novo campo de possibilidades que desafia e contraria o propósito para a qual os espaços foram erigidos: se para passar eles ficam, se para contemplar eles tocam e usam.

Ainda no *MACBA* pude ver como a segurança condicionava o percurso dos *skaters* junto à entrada, colocando uma fita a separar a zona da entrada do museu, para que os *skaters* não se cruzassem com os visitantes do museu. Foi-nos também possível constatar que os *skaters* procuravam sempre reposicioná-la ou transpô-la:

«(...) a corda está posta como é habitual, condicionando o leque de possibilidades e impedindo as manobras no fim do banco, onde se pode sair em frente, e não para o lado, como acontece quando se manobra no meio. A corda é posta de manhã pelo segurança e vai sendo movida pelos *skaters* que a afastam cerca de um metro do banco para lá poderem manobrar, o que acaba por levar a um jogo do gato e do rato diário em que a corda vai andando para um lado e para o outro. O objetivo da corda é simples, ser o garante de uma passagem desimpedida para os que querem efectivamente ir ao museu, um comportamento que acaba por passar despercebido no meio de tanta gente em movimento...» (nota de terreno, 03.05.2017)

Para além de afastarem constantemente a fita que baliza a entrada, por vezes também passam por baixo dela ou saltam-na por cima, acabando por seguir em direção à *Carrer Ferlandina*, ou às escadas de acesso ao museu.

Conforme o que já temos vindo a expor, o bairro do Raval atravessou um intenso processo de renovação urbanística: foi sendo embelezado até se tornar atrativo para o consumidor cosmopolita que adquire *souvenirs* e que ocupa as dezenas de esplanadas que encontramos pelas ruas. Com o tempo, fomos capazes de observar que os *skaters* evitam constantemente as esplanadas, e os restaurantes convencionais, que se tornam muito dispendiosos, preferindo frequentar supermercados, mercearias e restaurantes *take-away*, e acabando por fazer as suas refeições no chão da praça:

«Quando me aproximava do cruzamento da Ferlandina com a J. Costa, mesmo a chegar ao MACBA cruzei-me com um grupo de *skaters* que traziam doses de batatas fritas na mão, que foram comer junto ao vidro. É prática comum os *skaters* daqui deslocarem-se à rua Joaquín Costa para comprarem bebidas nas mercearias (sabendo sempre quais são os locais mais baratos), e comida nos restaurantes *take-away*. É curioso que no meio de tantas esplanadas, eles consigam sempre arranjar as refeições mais económicas, como fatias de piza, *kebabs*, e doses de batata que depois comem no chão ou em cima do *skate*, dispensando o conforto dos restaurantes.» (nota de terreno, 18.04.2017)

A somar a estas lojas e restaurantes que existem por todo o bairro, temos também as lojas especializadas em artigos de *skate*, e os bares que passam filmes de *skate* e dispõem

de rampas interiores, que tal como os mais generalistas estão mais voltados para o turista que anda de *skate*:

«Hoje fui com o J. e o Jo. à *Rufus*, a *skateshop* colada ao MACBA, onde pude ver de onde vinham os sacos de pano e as camisolas com o estampado *MACBA life Barcelona*. O logótipo mostra o topo de uma lata com as letras à volta, e é o mesmo da página de *instagram* que tem cerca de 220 mil seguidores! Tal como os turistas que querem um lagarto do Gaudí ou um globo de neve da Sagrada Família, os *skaters* (principalmente os que vêm de fora) parecem aderir bem às lojas, e a este tipo de produtos.» (nota de terreno, 20.05.2017)

A propósito dos bares, um deles é o *Nevermind*, «um conhecido bar de *skaters* (na verdade já são dois), onde passam filmes de *skate*, os bancos são feitos de tábuas de *skate* usadas, e ainda tem nas traseiras uma rampa em cimento que os clientes podem usar. Apesar de tudo, é frequente ver-se quase tantos *skaters* à porta a beber cerveja que compram aos vendedores ambulantes como lá dentro, onde a sala fica composta quase só por turistas, sendo que grande parte nem parece andar de *skate*. Ainda assim, é comum verem-se grupos de *skaters* —já com os copos— a tentarem a sua sorte na tal rampa.» (nota de terreno, 10.04.2017).

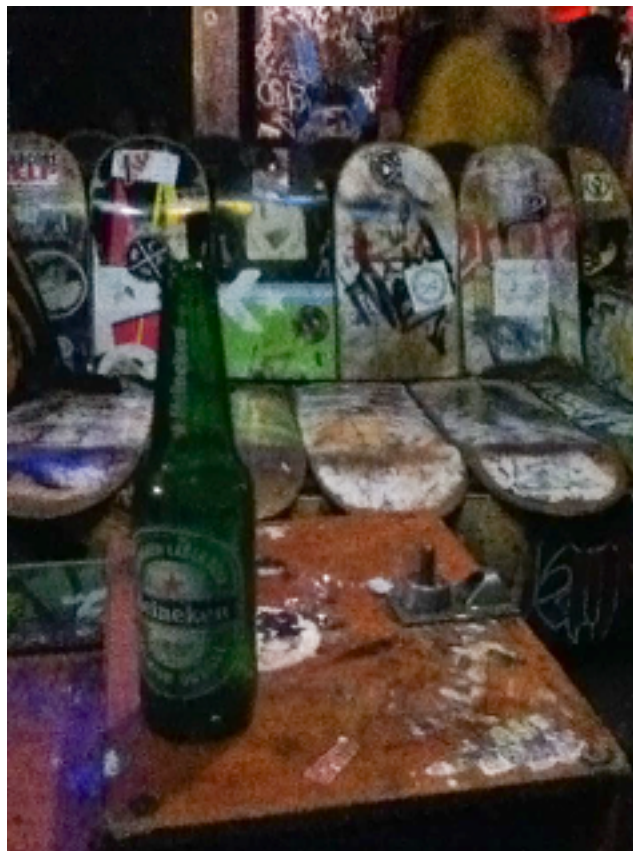


Figura 23: Bancos feitos de tábuas de *skate* usadas, no *Nevermind* (Fotografia do autor, 2017)

Apesar de todos estes locais destinados a este público-alvo de *skaters* turistas, é habitual observar *skaters* a vender material tanto usado como novo no chão da praça:

«(...) Mal chegou à praça [MACBA] o B. que contou-nos precisava de uma tábua, pois tinha partido a dele. Passado um minuto o J. assobiou ao P.: “psiu, P.! Tens aí algum *shape* para ele?”, o P. disse-lhe que mal acabasse a manobra que estava a tentar que lhe vendia já a dele “por 20 contos [20€]”, que estava como nova, ou uma nova por 35€. É incrível a facilidade em arranjar material aqui, desde sapatilhas a rodas, algum *pro*⁵² vende o que recebe dos patrocinadores, ou pessoas como o P. que fazem vida disso arranjam o que for preciso num ápice.» (nota de terreno, 12.04.2017)

Se vender material em segunda mão ou até o excedente dos profissionais é frequente na comunidade, a presença diária destas bancas informais de material é algo que só vimos na *Plaça dels Àngels*. Tanto há *skaters* que vivem apenas disso, chegando a deslocar-se à praça com cerca de quinze tábuas na bicicleta, que em seguida colocam em exposição no chão da praça, como outros que vendem tábuas tanto para lojas, como para os clientes da praça.



Figura 24: Venda informal de artigos de *skate* (Fotografia do autor, 2017)

Por seu turno, na praça que envolve a estação de Sants, a resistência toma outros contornos. Tendo o espaço sido alvo de uma primeira intervenção que deixou o chão

⁵² *Skater* profissional.

coberto de remendos de cimento granuloso que não apresentam a suavidade da pedra que antes cobria o solo, os próprios *skaters* acabam por aplicar novas camadas do mesmo material com vista a suavizar a sua textura.

Os bancos que tornaram a praça numa referência mundial para a comunidade foram retirados pelo município, ficando os *skaters* sem obstáculos para executar as suas manobras. Ainda assim, os *skaters* locais começaram a construir os próprios obstáculos, geralmente com pedra, tijolo e cimento:

«É de louvar a resistência da comunidade local à delapidação do espaço pois mal lhes retiram uns bancos respondem construindo outros. Esta intervenção deixa a zona com uma configuração ligeiramente distinta, mas manobrável, e pelos vistos na qual os que vão de passagem também gostam de descansar. A mobilização desta comunidade com fundos próprios mostra uma forte vontade de participar na cidade, uma resistência ao poder local que, pretendendo erradicar daqui esta prática ignora quem da praça se serve, bem como o valor patrimonial e arquitetónico (prémio FAD) da mesma.» (nota de terreno, dia 9/05/2017).

No local foi possível constatar não só que muitas pessoas abrandavam para observar as manobras destes *skaters*, mas também que algumas chegavam inclusivamente a utilizar os obstáculos que os praticantes construíram para repousar.

Em suma, pudemos referir várias formas de operar que permitem a esta comunidade não só andar de *skate* em locais que não foram criados para o efeito, bem como arranjar esquemas táticos para poder fazer as refeições na zona, e até gerar algum dinheiro de forma informal. Sintetizando, sublinhamos as seguintes táticas: (a) circulam livremente pela cidade de forma veloz, evitando o trânsito e os transportes públicos, que acarretam custos; (b) permanecem nas «praças duras», mesmo quando não há local para sentar ou sombra; (c) utilizam o mobiliário urbano de maneiras distintas daquelas para as quais foi concebido; (d) transpõem e sabotam as condicionantes impostas, como a fita no caso do MACBA; (e) evitam consumir nos restaurantes voltados para a classe média-alta e turistas, preferindo comprar em supermercados e mercearias e comer no chão; (f) criaram um mercado paralelo de compra e venda de material técnico de *skate*, evitando assim as *skateshops*; (g) constroem bancos nos locais onde o município os retirou.

Capítulo IV — Discussão dos resultados

Apresentados os resultados, trataremos agora de discutir os pontos mais relevantes, em articulação com a literatura revista. O capítulo encontra-se segmentado em três partes: uma primeira que dirá respeito à prática do *skateboarding*, uma segunda que irá expor as estratégias implementadas na cidade, e uma terceira que tratará das táticas empregues pelos *skaters* para lhes resistir.

1. Notas sobre a prática espacial do skateboarding na «Meca do *skate*»

A nossa estadia no terreno permitiu verificar que o *skate* em Barcelona ocorre de forma análoga às descritas na literatura (Borden, 2001b; Howell, 2001; Chiu, 2009), eludindo o planeamento urbano (Howell, 2001), e transformando a cidade num parque de diversões (Woolley & Johns, 2001). Ainda assim, a prática nesta cidade apresenta alguns detalhes que lhe conferem uma expressão «glocal» (Ferro, 2017) como a grande concentração de participantes, a enorme variedade de terrenos com tipologias por eles desejadas e o facto de esta prática funcionar como um atrativo turístico que possibilita a existência de um elevado número de lojas e bares voltados para este público-alvo. Este grupo efetivamente toma a cidade modernista como campo de atuação, utilizando espaços que por muitos são negligenciados (Borden, 2001b), como é o caso de Sants e o do Paral·lel, praças urbanas defensivas (Howell, 2001; Camino, 2009), como a Plaça dels Àngels, a Plaça Universitat e as duas anteriormente referidas.

O comportamento espacial dos participantes que constituíram o nosso universo de estudo revela um domínio e usufruto⁵³ do espaço onde andam deskate; esta prática espacial ocorre na cidade que é revelada a par do decifrar desse mesmo espaço, de forma coesa e regular, embora não tenha que ser concebida de uma forma intelectual ou lógica (Lefebvre, 1984). O ato de andar de skate é semelhante ao de andar a pé, argumentamos, ou seja, é uma apropriação do sistema topográfico, um ato espacial efusivo relativamente ao local e

⁵³ Apesar do autor referir o termo apropriação, consideramos mais adequado o termo usufruto, de forma similar à de Ferro (2017), pois não reivindicam a totalidade do espaço, que é partilhado com os demais.

implica relações entre posições diferenciadas, contratos pragmáticos que ocorrem sob a forma de movimentos tornando-se o ato de andar de skate um ato de enunciação (De Certeau, 1984).

Se como De Certeau afirmou «a ordem espacial organiza diversas possibilidades impostas pela ordem construída», como um banco para sentar, os skaters «aumentam as suas possibilidades» através de uma miríade de formas de realizar neles manobras, escolhendo entre os significantes da linguagem espacial desses mesmos espaços, trocando-lhes a ordem e fazendo deles diferentes usos ou «ideossincrasias acidentais ou ilegítimas», e condenando outros à inércia e desaparecimento (1984), ou como o postulou Howell, participando numa peça que se desenrola dentro de um sistema de lugares bem definidos (2001).

Como pudemos constatar nos mapas de movimento, onde o traçado dos skaters é distinto do dos restantes urbanitas, a prática do skateboarding envolve uma visão alternativa da cidade (Borden, 2001a, 2001b; Howell, 2001; Woolley & Johns, 2001; Vivoni, 2009; Kidder, 2012) de Barcelona, onde os skaters incorrem numa crítica performativa à arquitetura existente (Borden, 2001a, 2001b), subvertendo os usos prescritos e normas sociais dos espaços como os estudados (Howell, 2001; Vivoni, 2009). De forma similar às marcas que De Certeau descrevia que os peões deixavam na relva, quando optavam por atalhar caminho, os skaters imprimem as suas marcas nos locais onde passam, ora sob a forma de marcas de rodas, vestígios de parafina para melhor deslizar nos bancos, ou mesmo ainda as marcas de erosão que se pode observar nos últimos (Vivoni, 2009).

Concluimos também que os locais de maior concentração de skaters como o MACBA e Sants possuem as características referidas por Woolley & Johns (2001) como a acessibilidade (ambos têm acesso de metro, e um deles envolve uma estação de comboios); incluem diversos obstáculos para manobrar, como bancos e escadas; concentram vários praticantes, permitindo a sua sociabilidade, e acabam por ser compatíveis com os restantes utilizadores do espaço, embora em Sants não sejam muitos, e no MACBA seja frequente a praça estar cheia.

Na sua prática, o skate não contribui diretamente para a produtividade económica dos locais onde ocorre, neste caso o museu de arte contemporânea e a envolvente da

estação de Sants, aproveitando-se apenas do potencial de uso que esse mesmo espaço oferece (Lefebvre, 1991; Borden, 2001a, 2001b), minando a política da imagem (Harvey, 2005) que as cidades por vezes pretendem conseguir. Assim os *skaters*, quer pelo barulho que fazem, pelos acidentes que potenciam, ou ainda pela erosão a que submetem o mobiliário urbano acabam por ser descritos como uma praga urbana, um sintoma patológico da cidade (Howell, 2001; Chiu, 2009). Apesar disso, esta atividade acaba por gerar um comércio próprio com *skateshops* e bares direcionados para os *skaters* que aparecem para visitar os célebres *skatespots* da cidade, o que vai de encontro à afirmação de Howell de que os *skaters* atuam como «as tropas de choque da gentrificação» contribuindo por vezes para dar uma imagem apelativa e comercializável à cidade, afastando por vezes outros grupos, como os sem-abrigo e carteiristas, que depois procede de forma a expulsá-los do local que ajudaram a valorizar (Howell, 2005), como foi possível ver com a atuação da polícia e da equipa de limpeza, que expulsava os *skaters* (bem como os demais) diariamente, com a alteração do *Jardins de les tres Xemeneas*, com a remoção dos bancos de *Sants*, e com a instalação de diversos dispositivos anti-*skate* pela cidade, idênticos aos descritos na literatura (Borden, 2001b; Howell, 2001, 2005, 2008; Woolley & Johns, 2001). Também as ordenanças e as multas que são por vezes aplicadas aos *skaters* barceloneses, encontram paralelo nas descritas por Borden (2001b) na Califórnia, Zurique e Haia (que remontam aos anos 60 e 70).

2. A atuação estratégica de Barcelona

O trabalho que desenvolvemos possibilitou uma melhor compreensão da atuação municipal da cidade de Barcelona nos territórios onde os *skaters* convergem. Contudo, esta atuação é feita de forma complexa e chega a tomar contornos distintos em função do seu ponto de aplicação. Os locais selecionados foram as chamadas «praças duras» e dizem respeito a espaços neoliberais, muitas vezes adjacentes a zonas intervencionadas com o intuito de desestabilizar movimentos políticos (Harvey, 2005), higienizar zonas (Fernández, 2014; Maza *et al.*, 2002), mas também com vista a criar um ambiente que melhor acomode a circulação pedonal, o turismo e a venda a retalho (Davis, 1992, Gibson,

2003, Mitchell, 2003, Parenti, 1999, Smith, 2001, citados em Beckett, 2008; Maza *et al.*, McDonough & Pujadas, 2002; Smith, 1984, Low & Smith, 2006, citados em Low, 2017; Harvey, 2005; Hayward, 2004, Petty, 2006). O exemplo mais óbvio é o *MACBA*, que se insere no bairro do Raval, que funciona de forma análoga ao que Lefebvre chamou «o guetto dos lazeres», onde o potencial de usufruto da cidade, aquando do seu planeamento, é preterido pelo seu potencial de consumo (2012), que é levado a cabo pelas «pessoas do tipo certo» (Harvey, 2005). Torna-se visível que os *skaters*, de forma semelhante a outros grupos considerados marginais como os sem-abrigo, prostitutas ou consumidores de drogas, se tornam num inconveniente para o planeamento urbano neste contexto de cidade pós-fordista, dependente do investimento externo, do turismo e dos consumidores suburbanos (Beckett, 2008), tornando-se, a cidade neoliberal e empreendedora simultaneamente numa cidade controladora e excludente (Bergamaschi *et al.*, 2014). Surge assim nesta cidade uma política de aplicação de normas e leis que sancionem a prática do *skate* em contexto público. Pode encontrar-se paralelo nesta atuação do município de Barcelona nas cidades que, inspiradas pelas teorias das *Broken Windows* (Kelling & Wilson, 1982; Kelling & Coles, 1996) reorganizaram o policiamento, regulando os espaços públicos com vista a retirar de lá os desordeiros (Beckett, 2008), que incorram em comportamentos indesejados (Beckett, 2008; Fernández, 2014; Ferro, 2017; Wilson & Kelling, 1982), que passaram a ser tratados com mais severidade (Beckett, 2008), como vimos que ocorre diariamente na *Plaça dels Àngels*, onde a convivência é fomentada através da repressão do espaço (Silveira, 2006, citada em Fernández, 2014) e dos seu potencial de uso (Ferro, 2017) para a prática do *skateboarding*.

Também nos foi possível observar que a cidade dispõe certos espaços e o seu mobiliário de forma a assegurar os seus fins — a interdição da prática do *skate*— em certas zonas. Observámos que o poder local atua de forma informada, tendo otimizado técnicas que permitem agir sobre determinadas populações, neste caso a dos *skaters*, em vez de indivíduos, através dos dispositivos anti-*skate* (conhecidos como *skatestoppers*) que identificámos no *Fondo*, mas também pela alteração do material que ocorreu nos volumes que constituíam os *Jardins de les tres Xemeneas*, bem como a sua remoção de outros, e a retirada das mesas em *Sants* (Foucault, 2007). Estes aspetos no tratamento do espaço construído são decorrentes da governamentalidade espacial (Erwick, 1998; Hunt, 1993;

Merry, 2001; Sanchez, 2001) com vista a limitar o seu acesso (como as barras que encerram as traseiras do MACBA), ou o usufruto (como as alterações acima referidas), fazem parte das técnicas pós-disciplinares e pretendem levar à exclusão socioespacial (Beckett, 2008; Caldeira, 1999; Davis, 1992; Erwick, 1998; Foucault, 1991; Howell, 2001; Merry, 2001; Petty, 2016; Sanchez, 2001; Supa, 2015), neste caso dos *skaters* que valorizam o mobiliário presente neste tipo de espaços. As alterações mais subtis, como os *skatestoppers* que identificámos, são aplicadas de forma oculta (Petty, 2006) e idêntica à descrita para os sem-abrigo (Bergamaschi *et al.*, 2014; Petty, 2006; Snow & Mulcahy, 2001; White, 2012), os mendigos (Petty, 2006), ou marginalizadas como os praticantes de *skate* (Bergamaschi *et al.*, 2014; Howell, 2001; Snow & Mulcahy, 2001; White, 2012). Esta forma de atuação vai de encontro à descrita por Woolley e colaboradores (2001), dado que a cidade atua através dos mesmos três tipos de meios: (a) sociais, com recurso a seguranças e polícias; (b) legais, através da ordenança de medidas para fomentar a convivência cívica; e (c) físicos com a aplicação de detalhes e alteração do mobiliário que este grupo privilegia para realizar as manobras. Sendo que os locais apresentados eram já local de atuação há vários anos, as intervenções foram do tipo *design response*, embora admitamos que a cidade possa começar a construir espaços de forma a que o comportamento não ocorra, desde a sua génese (Woolley *et al.*, 2001).

Ainda assim, foi-nos possível constatar que a cidade de Barcelona compreende o potencial económico que o fenómeno do *skate* acarreta, tendo vindo a aumentar o número de espaços próprios para a prática (*skateparks*), e a permitir que grandes empresas promovam eventos e construam *skateparks* também (Howell, 2005, 2008).

Apesar da criação de espaços próprios à prática, os *skaters* que compõem o nosso universo de análise continuam a preferir as «paisagens vernaculares» (Jackson, 1984) que a cidade oferece (Vivoni, 2009), que consideram mais autênticas, desafiantes e onde se sentem mais livres, o que vai também de encontro ao que Chiu observou em Nova Iorque (2009). Os relatos dos *skaters* que compuseram o nosso estudo, demonstraram que consideram os *skateparks* aborrecidos, que eles estão situados em zonas longínquas e indesejáveis da cidade (Cranz, 1982, citado em Howell, 2008).

3. Táticas de resistência socio-espacial

Tornou-se evidente no decurso da nossa permanência nos terrenos, bem como no discurso dos entrevistados, que o *skate* é uma prática espacial de caráter intrinsecamente tático.

Como temos vindo a sublinhar, a cidade de Barcelona emprega diversas estratégias, que se estendem pela totalidade do seu território. Os participantes que compõem o nosso universo de estudo incorrem, através das suas «formas de operar» em cima do *skate* numa prática do dia-a-dia que tem tanto de poético (evidente no fascínio que os que passam parecem nutrir pela atividade), como de bélico (manifesto na forma hábil como contornam as condicionantes do sistema topográfico) (De Certeau, 1984).

As relações de força que decorrem quando o município de Barcelona e as suas empresas imprimem no espaço dispositivos que visam que os atos discordantes (ou como os descreve a ordenança, incívicos), como o *skate*, se tornem impossíveis de concretizar, mais fáceis de dissuadir, ou sejam canalizados para recintos próprios, correspondem às estratégias — às quais se oporão as táticas (De Certeau, 1984).

As táticas têm como local o *espace propre*, isto é, o local do outro e, portanto, só podemos falar nelas numa lógica oponível às estratégias. Observamos então que, quando os praticantes de skate: (a) preferem as paisagens vernaculares (Jackson, 1984), que não foram feitas com o propósito de possibilitar manobras de skate; (b) rejeitam um skatepark (este sim feito para acomodar a prática), condenando-o à inércia; (c) permanecem em espaços que foram feitos para contemplar, circular e não para permanecer e confraternizar, sentando-se no chão ou nas suas tábuas de skate; (d) afastam e transpõem as fitas que balizam a entrada do MACBA; (e) avistam de forma rápida a chegada da polícia, precipitando a fuga e alertando o próximo; (f) circulam tanto pelo passeio (dos peões), como na estrada (dos automóveis) ou até na ciclovía (das bicicletas); (g) restauram os arranjos no chão feitos em Sants e constroem bancos porque os que existiam foram destruídos; (h) incorrem na compra e venda informal de produtos de skate, em oposição às lojas especializadas; (i) incorrem na compra de bebidas na rua aos vendedores ambulantes, e em mercearias e restaurantes take-away evitando os preços dos restaurantes e bares voltados para o turista, o suburbano e o autóctone argentários, que depois consomem no

chão; (j) reconfiguram a forma como fruem de um obstáculo intervencionado com inclusão de detalhes anti-skate, mantendo nele o interesse e realizando novas manobras; estão, através das suas práticas do dia-a-dia, a executar manobras de caráter tático tornando a sua vida (e prática) possível, dentro dos moldes impostos, reintroduzindo neles a mobilidade plural de objetivos e desejos uma arte de manipular (De Certeau, 1984), desafiando o espaço próprio que está voltado para o potencial de consumo e não de uso, reclamando o direito à cidade (Lefebvre, 2012).

Alguns autores descrevem ainda algumas táticas de vendedores urbanos, como o aparecimento de mercados paralelos junto dos legítimos (Chiu, 2013), ou mesmo a venda de drogas (termo do autor) na rua (Fernandes, 1999). A este respeito Fernandes diz-nos que o mercado informal assume as mesmas características do empreendedor e mercado neoliberal, sendo elas “(a) a *Informalidade*, [com a transação de] dinheiro vivo, negócios não declarados, não-taxação pelo fisco, trabalho informal; (b) *Flexibilidade*, [a] capacidade de se desarticular rapidamente, rearticulando-se noutro local; [a] volatilidade dos agentes que nele operam, [e] precaridade da mão-de-obra; (c) *Opacidade* [com o] secretismo das transações, economia de sombra (*shadow economy*), [e a] reinjeção do dinheiro no circuito da economia formal (branqueamento) (Fernandes, 2017).

Estas formas de resistência conferem importância ao espaço público, contrariando o esperado (Low, 2000; Rockefeller, 2009) como um local de protesto manifesto, através da sua ocupação⁵⁴, visto que os *skaters* são tidos como um grupo marginal (Chiu, 2009; Howell, 2001, 2005) e latente, pois incorrem numa luta simbólica por representação cultural e arquitetónica (Low, 2000).

⁵⁴ A autora refere apropriação.

Capítulo V — Conclusão e reflexões finais

Serve o presente capítulo para refletir sobre os dados que fomos apresentando, em articulação com o enquadramento teórico escolhido; serve também o propósito de expôr as vantagens e limitações do trabalho realizado, e o seu potencial de aplicações futuras.

Tendo em conta que já existe volumosa literatura no que concerne ao estudo das cidades (Hubbard, 2006; Low, 2017) e de Barcelona (Fernández, 2014; Ferro, 2017; Maza *et al.*, 2002) na sua configuração sustentada no ciclo intensivo do capitalismo assente na ideologia neoliberal (Harvey, 2005), que aponta para que incorram em políticas que visem a estimulação do valor de troca da cidade, como as ordenanças, o policiamento, e as estratégias que empreguem a governamentalidade espacial, com o intuito de higienizar zonas e controlar populações, foi-nos possível partir para o terreno munidos de ferramentas (conceptuais e metodológicas) que nos permitiram, em pouco tempo, concentrar o olhar e começar a recolher dados no imediato.

O território de Barcelona encontra-se densamente populado por *skaters* autóctones e também oriundos de todo o mundo, que optam ora por espaços de grande afluência geral, como é o caso da *Plaça dels Àngels*, que acolhe diariamente centenas de barceloneses e turistas, ora por espaços sem aparente interesse para o transeunte comum como o são os *Jardins de les tres Xemeneas* e a envolvente da estação de Sants. Não ignorando o facto de que a população que compõe o nosso universo de análise gosta de praticar o *skate* em locais agradáveis e em constante contacto com o outro, tendo acesso facilitado a lojas e serviços, vimos também como dão importância a espaços que aparentam estar delapidados pois se encontram desprovidos de utilidade ou beleza (Távora, 1962), pondo em prática a sua atividade transgressiva nos chamados espaços-lixo, os restos que o modernismo deixou na cidade (Koolhas, 2017).

A intensa exposição mediática desta cidade através de documentação e difusão em canal próprio (as revistas, filmes e documentários), levou a que a ela acorressem milhares de *skaters* desde o final dos anos 90, que tentavam vingar no circuito profissional, ou apenas usufruir destes locais tornados icónicos, como o fizeram os seus ídolos.

O município de Barcelona tem vindo, a par da legislação e do policiamento, a colocar em prática uma miríade de estratégias, passíveis de ser aplicadas em qualquer ponto, com vista a extinguir e/ou regular a prática na rua, tentando depois canalizá-la para locais adequados. Esta atuação demonstra um conhecimento aprofundado da prática e dos seus praticantes (que se sentem indesejados nos espaços que ajudaram a popularizar e a valorizar), atuando de forma precisa nos detalhes que tornam um local apetecível para a prática, conseguindo: (a) erradicar a prática do local caso assim o deseje, como vimos no Paral·lel; (b) construir locais adequados (como a nova zona do Paral·lel ou os *skateparks*); (c) ou permitir que se pratique na praça em frente ao MACBA um dos ícones da Barcelona neo-liberal. Esta aparente ambivalência dá-se pois como Howell (2008) escreveu, o *skate* é um negócio que move muitos milhões, movimentando centenas de *skaters* anualmente à cidade, contribuindo assim de forma positiva para o saldo do município.

Estas diferenças na gestão dos espaços, ora estimulando a prática, ora desencorajando-a ou proibindo-a, é notória quando comparamos as três praças. Todas elas (Sants, Paral·lel e MACBA) apresentam valor patrimonial reconhecido, tendo as primeiras duas recebido um reputado prémio de arquitetura (o prémio FAD) em 1983 e 1993, respetivamente; e a última, inaugurada em 1995, é da autoria de um conceituado arquiteto que obteve o prémio Pritzker em 1987. Assim, torna-se dissonante que a praça do MACBA seja diariamente cuidada, enquanto que a *Plaça dels Països Catalans* apresente sinais evidentes de degradação, consequentes da intervenção da *Adif* e da remoção do mobiliário original por parte do município, e que os *Jardins de les tres Xemeneas* tenham sofrido uma violenta alteração no seu desenho. Argumentamos que este facto se prende com o facto do MACBA estar no bairro do Raval, um dos maiores atratores do comércio de venda a retalho voltado para o turismo e o cidadão cosmopolita suburbano e os restantes dois se encontram em zonas predominantemente residenciais, ou de passagem. Pode este facto estar na origem da deslocação de grande parte dos praticantes que habitualmente praticavam em Sants (Camino [2010] e os próprios praticantes⁵⁵ referem que esta praça era o local de eleição para andar de *skate*) e no Paral·lel (que perdeu a sua autenticidade enquanto paisagem vernacular [Jackson, 1984]) para o MACBA, onde às vezes se torna complicado partilhar o espaço com as várias dezenas de *skaters* que praticam em

⁵⁵ *Streets of Barcelona* (2005)

simultâneo. Apesar do volumoso encaixe financeiro que representa, e de afastarem outros grupos indesejados como os carteiristas e os sem-abrigo, esta grande pressão na envolvente do museu pode vir a intensificar o conflito com os moradores do casario que envolve o museu e com o próprio município de Barcelona.

Deste modo, afigurou-se-nos como pertinente a análise comparativa dos espaços, tendo como objeto analisador o *skate* e quem o pratica, uma vez que encontrámos sinais de que há mecanismos voltados para controlar e dissipar o fenómeno, que podem tomar formas distintas, quer quando aplicadas de forma isolada, quer quando em simultâneo.

De igual maneira considerámos relevante a análise das formas de resistência expressas pelas formas de operar dos praticantes que, intencionalmente, através das suas práticas do dia-a-dia acabam por lhe resistir, eludindo o planeamento urbano e o controlo social nas suas diversas formas. Voltando ao trabalho de De Certeau (1984), relativo às práticas espaciais, e comportamentos de cariz tático, voltamos a frisar a forma astuta como os skaters fruem dos espaços da cidade, muitos deles feitos para diminuir a convivência, a permanência e facilitar o controlo da população a higienizar. Estes comportamentos aplicam-se até mesmo quando os skaters boicotam bares e lojas voltadas para eles, que estão localizados nas imediações dos seus locais prediletos, chegando mesmo a apoiar o comércio informal que lá ocorre, e a nele participar com a venda de produtos de skate. Este tipo de negócio apresenta as características do mercado neoliberal (Fernandes, 2017) (informalidade, opacidade e flexibilidade) onde os *skatespots* se costumam situar, como é o caso do *MACBA*. Outras formas de resistência mais subtis dão-se quando eles preferem praticar na rua, em vez de nos *skateparks*, perdem o interesse em locais intervencionados, como aconteceu após a modificação realizada no Paral·lel, quando fogem da polícia, afastam a fita colocada pelo segurança, no *MACBA*, e constroem novos bancos em *Sants*.

Voltando aos objetivos a que nos propusemos, verificámos que: (a) identificámos a presença de estratégias de controlo social de cariz político-económico, e governamental nos territórios em foco; (b) compreendemos e observámos o *skate* enquanto prática espacial em Barcelona; (c) identificámos as táticas que os *skaters* utilizam para resistir às estratégias suprarreferidas; (d) concluímos que o *skate* se afigura como um útil objeto revelador de estratégias de controle social no espaço, bem como de técnicas que a elas se opõem; (e) atualizámos a produção científica existente tanto ao nível das linhas de

investigação da cidade, da gestão político-económica, da governamentalidade espacial, do *skate* e seus praticantes, e do estudo das espacializações; (f) comparámos os dados recolhidos com a produção científica local e global.

Ao longo do estudo fomos identificando algumas limitações, a maioria das quais se prende com o nosso curto período de permanência no terreno. Logo, foi-nos por vezes difícil entrar em contacto (mesmo enquanto *insiders*) com algumas pessoas, o que acaba por ser natural quando falamos de terrenos que recebem diariamente dezenas de praticantes novos, fazendo com que se perca o interesse e a vontade de bem receber os forasteiros — prática habitual noutros contextos por nós frequentados na condição de praticantes de *skateboarding*. Esta dificuldade foi sentida de forma bastante mais intensa no MACBA que em Sants, onde a comunidade era mais recetiva e conversadora, tornando mais fácil o entrosamento na dinâmica da sessão de *skate*, e na de originar e manter conversas e contactos. As entrevistas mostraram-se prolíficas dado a janela temporal de que dispúnhamos para compreender o fenómeno, principalmente no que concerne à atuação municipal, à prática em contexto de rua ou em recinto adequado, e aos problemas com restantes cidadãos. Todavia, a formalidade que exigiam (ainda que sendo levadas a cabo nas praças, em bancos de rua, jardins ou cafés, e necessitando o entrevistador apenas de um gravador áudio) fazia com que os participantes tivessem que interromper a atividade ou que adiar a entrevista para um dia que lhes conviesse, o que causava alguma estranheza e desconforto. Ainda a respeito das entrevistas, importa afirmar que dimensões como o espaço-corpo (*embodied space*) e a construção social do espaço (Low, 2017) foram tidas em consideração ao construir o guião, embora não tenham sido objecto de análise neste trabalho devido aos constrangimentos temporais e de dimensão que a estes trabalhos dizem respeito, mas podem informar trabalhos futuros.

Voltando às características da etnografia (Fernandes, 2002), podemos verificar que o facto de o investigador ser *skater*, deslocar-se munido do seu *skate*, estar habituado a passar largas horas tanto a praticar como sentado no chão em contexto de rua, se revelou uma grande vantagem, uma vez que muitas das dificuldades que os autores deste tipo de trabalhos relatam derivam da dificuldade inicial em adaptar-se ao contexto. O investigador, enquanto ferramenta principal deste estudo de inspiração etnográfica, enquanto detentor do conhecimento prévio da unidade de estudo, dos informantes privilegiados e até dos locais a

estudar, mostrou-se profícuo para conseguir aceder aos participantes, aos locais, e deles extrair os dados. Cremos assim que fomos bem-sucedidos em socializar e participar no contexto, adotando um estilo informal com vista a produzir um impacto mínimo do observador no objeto. Fomos também flexíveis em relação ao «largo espectro de fontes de informação», sendo que muitos dos documentos provinham dos media específicos do grupo, aos quais ou já tínhamos acesso, ou sabíamos onde e como pesquisar. A vasta articulação metodológica que aplicámos assegura o carácter holístico da recolha de dados, que procurou suprir as dificuldades acima referidas, apostando na colheita de todo o tipo de dados a que conseguimos ter acesso, nomeadamente: as fotografias; o registo de movimento em mapa; a consulta de informação em jornais e restantes media; e, por fim, experimentando a prática do *skateboarding* na primeira pessoa, no próprio contexto e acompanhando o grupo em cima da tábua (*skate-along*), de forma a melhor compreender as dinâmicas e as espacializações existentes.

No futuro poderá ter interesse estudar de forma mais aprofundada, e em conjugação com a produção social do espaço, aqui tratada, a construção social do espaço, e o espaço-corpo (*embodied space*) como sugere Low (2017). As questões de sub-representação do género feminino também se-nos afiguram como pertinentes, em concordância com Howell (2001).

Resta ainda acrescentar o potencial deste estudo na sua aplicabilidade tanto teórica como concetual a qualquer contexto urbano onde a prática se desenrole, nomeadamente a cidade natal dos investigadores, o Porto.

Concluindo, consideramos o presente estudo relevante tanto para técnicos envolvidos na produção e gestão do espaço construído (decisores políticos, polícias, arquitetos, urbanistas), como para a comunidade académica de diversas áreas —devido ao desenho transdisciplinar do estudo—, o restante corpo social (preocupados com a aparente perigosidade da prática e/ou com o dispêndio de recursos do erário público no restauro de mobiliário público e em despesas de saúde); e, por último, para os próprios praticantes e a indústria do *skate*.

Referências bibliográficas

- Agra, C. (2012). *A Criminologia — Um Arquipélago Interdisciplinar*. Porto: Universidade do Porto.
- Agra, C., Queirós, C., Manita, C., & Fernandes, L. (1997). Biopsicossociologia do Comportamento Desviante. *Separata especial da Revista do Ministério Público*, 69, 33-99.
- Augé, M. (1992). *Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*. Lisboa: Letra Livre.
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Beal, B. (1995). Disqualifying the official: An exploration of social resistance through the subculture of skateboarding. *Sociology of Sport Journal*, 12(3): 252-267. DOI: 10.1123/ssj.12.3.252
- Beal, B. (1996). Alternative Masculinity and its Effects on Gender Relations in the Subculture of Skateboarding. *Journal of Sport Behavior*, 19(3): 204-220.
- Beckett, (2008) *Dealing with disorder Social control in the post-industrial city*. Theoretical SAGE Publications
- Benjamin, W. (1997) "Paris—Capital of the Nineteenth Century," in Charles Baudelaire: A Lyric Poet in the Era of High Capitalism, trans. Harry Zohn. London
- Bergamaschi, M., Castrignanò, M., & De Rubertis, P. (2014, 1 de novembro). The homeless and public space: urban policy and exclusion in Bologna. *Revue Interventions économiques*, 51. Disponível em: <http://journals.openedition.org/interventionseconomiques/2441>
- Borden, I. (2001a). Another Pavement, Another Beach: Skateboarding and the Performative Critique of Architecture. In: *The Unknown City Contesting Architecture and Social Space*. (pp. 178-199). MIT Press: Cambridge, Massachusetts US | London, England
- Borden, I. (2001b). *Skateboarding, Space and the City*. Londres: Bloomsbury.
- Burgess, R. (1984). *In the Field: An Introduction to Field Research*. Londres: Routledge.

- Caldeira, T. (1999) Fortified Enclaves: The New Urban Segregation. In S. Low (Ed.), *Theorizing the City: The New Urban Anthropology Reader*. New Brunswick: Rutgers University Press.
- Camino, X. (2003). *Una apropiación informal del espacio urbano a través del deporte: la Fuixarda de Barcelona y la escalada, em F. X. Medina i R. Sánchez (eds.). Culturas en juego. Ensayos de antropología del deporte en España*. Barcelona: Icaria, Institut Català d'Antropologia.
- Camino, X. (2008). Reinterpretando la ciudad: la cultura skater y las calles de Barcelona. El deporte en los espacios públicos urbanos. *Apunts: Educación Física y Deportes*, 91: 56-65.
- Camino, X., Maza, G., & Puig, N. (2008). Redes sociales y deporte en los espacios públicos de Barcelona, El deporte en los espacios públicos urbanos de Barcelona. *Apunts: Educación Física y Deportes*, 91: 12-28.
- Camino, X., Arenas, S., Llagostera, X., & Willcocks, M. (2009). *El camp social del «Skateboarding» a la ciutat de Barcelona*. [relatório não publicado apresentado ao município de Barcelona]. Barcelona: *Gerència d'Educació, Cultura i Benestar Social*, Municipi de Barcelona.
- Camino, X. (2010). *Estudio cultural del skateboarding en Barcelona (1975-2010)*. Tese de Doutoramento em Antropologia Urbana. Tarragona: Universitat Rovira i Virgili.
- Cardoso, M. (2016). «Disseste-me para vir ter à Casa da Música»: reconfigurações de espaços Urbanos apropriados pelas culturas juvenis skaters. Tese de Mestrado em Ciências da Educação. Porto: FPCEUP.
- Castells, M. (1996). *The Rise of Network Society: the Power of the Information Age*. Oxford: Blackwell Publishers.
- Creswell, J. (2003). *Research design: Qualitative, quantitative and mixed method approaches* (2.^a ed.). Thousand Oaks, Califórnia: SAGE Publications.
- Chiu, C. (2009). Contestation and Conformity: Street and Park Skateboarding in New York City Public Space. *Space and Culture*, 12(1): 25-42.
- Chiu, C. (2013). Informal management, interactive performance: street vendors and police in a Taipei night market. *International Development Planning Review*, 35(4): 335-352.

- Cresswell, T. (1996). In *Place/Out of Place: Geography, Ideology, and Transgression*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Davis, M. (1992). Fortress Los Angeles: The militarisation of urban space. In M. Sorkin (Ed.), *Variations on a Theme Park* (pp. 154-180; 244-247). Nova Iorque: Hill and Wang.
- De Certeau, M. (1984). *The Practice of Everyday Life*. Berkeley: University of California Press.
- Downs, R. M., & Stea, D. (1977). *Maps in Minds: Reflections on Cognitive Mapping*. Nova Iorque: Harper and Row.
- Dupont, T. (2014). From Core to Consumer: The Informal Hierarchy of the Skateboard Scene. *Journal of Contemporary Ethnography*, 43(5): 556–581.
- Fernandes, L. (1992). O Sítio das Drogas: Etnografia Urbana dos Territórios Psicotrópicos. *Revista Toxicodependências*, 2: 22-32.
- Fernandes, L. (1994). Topografia urbana do medo: «os espaços perigosos». *Separata da revista do Ministério Público*, 59.
- Fernandes, L. (1997). Biopsicossociologia do comportamento desviante. *Separata da Revista do Ministério Público*, 69.
- Fernandes, L. (1999). *O Sítio das Drogas*. Portugal: Editorial Notícias.
- Fernandes, L. (2017). Comunicação intitulada: A droga no sistema de objetos, dia 27/04/2017
- Fernández, El Periódico 30/05/2011
- Fernández, M. (2012). *Matar al «Chino». Entre la Revolución Urbanística y el Asedio Urbano en el Barrio del Raval de Barcelona*. Tese de Doutoramento em Antropologia Social. Barcelona: Universitat de Barcelona.
- Fernandez, M. (2016, 17 de Maio). *A «destruição social da realidade»: Estratégias de controle urbano e territórios hiper-estigmatizados*. Conferência moderada por Luís Fernandes, com Miquel Fernández González e João Queirós, na FPCEUP, Porto.
- Ferro, L. (2005). Ao encontro da sociologia visual. *Sociologia, revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 15: 373-398.
- Ferro, L. (2016). *Da Rua para o Mundo: etnografia urbana comparada do graffiti e do parkour*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

- Ferro, L., & Torre, E. (2016). O Porto sentido pelo *graffiti*: as representações sociais de peças de *graffiti* pelos habitantes da cidade do Porto. *Revista de Ciências Sociais, Fortaleza*, 47(1): 123-147.
- Fischer, G. (1994). *Psicologia Social do Ambiente*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Flusty, S. (2002). Trashing Downtown: Play as Resistance to the Spatial and Representational Regulation of Los Angeles. *The Spaces of Post Modernity: Readings in Human Geography*, pp. 334- 346. Oxford: Blackwell.
- Foucault, M. (2009). *Le corps utopique, Les hétérotopies*. Fécamp: Nouvelles éd. Lignes.
- Foucault, M. (2013). *Vigiar e Punir: nascimento da Prisão*. Lisboa: Edições 70.
- Gelder, K. (2007). *Subcultures: Cultural Histories and Social Practice*. Londres/Nova Iorque: Routledge.
- Given, L. M. (2008). *The Sage encyclopedia of qualitative research methods*. Los Angeles, Califórnia: Sage Publications.
- Goffman, E. (1988). *Estigma — Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora.
- Hall, S., & Jefferson, T. (1993). *Resistance through Rituals*. Londres: Routledge.
- Harvey, D. (1989). From managerialism to entrepreneurialism: the transformation of urban governance in late capitalism. *Geografiska Annaler*, 71B(1): 3-17.
- Harvey, D. (1990) *The Condition of Postmodernity: An Inquiry into the Origins of Cultural Change*. Oxford: Blackwell Publishing.
- Harvey, D. (2005) *A Brief History of Neoliberalism*. Oxford: Oxford University Press.
- Howell, O. (2001). *The Poetics of Security: Skateboarding, Urban Design, and the New Public Space*. Disponível em: http://urbanpolicy.net/wp-content/uploads/2013/02/Howell_2001_Poetics-of-Security_NoPix.pdf
- Howell, O. (2004, 26 de janeiro). Skateboarding through Corporate America — We Are Inefficient and Proud. *Transworld Skateboarding*. Disponível em: <http://skateboarding.transworld.net/1000012230/news/skateboarding-thought-corporate-america-we-are-inefficient-and-proud/>
- Howell, O. (2005). The *Creative Class* and the Gentrifying City Skateboarding in Philadelphia's Love Park. *Journal of Architectural Education*, 59: 32-42.

- Kelling, G. L., & Wilson, J. Q. (1982) Broken windows: the police and neighborhood safety. *Atlantic Monthly*. 1982 Mar, 249(3): 29–38. Disponível em: http://www.theatlantic.com/magazine/archive/1982/03/broken-windows/4465/?single_page=true.
- Lefebvre, H. (2012). *O Direito à Cidade*. Lisboa: Letra Livre.
- Koolhaas, R. (2014) Três textos sobre a cidade. GG editora
- Kelling, G. L., & Wilson, J. Q. (1982) Broken windows: the police and neighborhood safety. *Atlantic Monthly*. 1982 Mar, 249(3): 29–38. Disponível em: http://www.theatlantic.com/magazine/archive/1982/03/broken-windows/4465/?single_page=true.
- Kusenbach, M. (2003). *Street Phenomenology: The Go-Along as Ethnographic Research Tool*. *Ethnography* DOI: 10.1177/146613810343007
- Johns, R. (2001). Skateboard City, Landscape Design, September 2001.
- Lopes, J. T. (1996). *Tristes Escolas: práticas culturais estudantis no espaço escolar urbano*. Porto: Afrontamento.
- Lopes, J. T. (2000). *A cidade e a cultura: um estudo sobre práticas culturais urbanas*. Porto: Afrontamento.
- Low, S. (2005). *Rethinking Urban Parks: Public Space and Cultural Diversity*. Texas: University of Texas Press.
- Low, S. (2017). *Spatializing Culture: Ethnography of Space and Place*. Nova Iorque: Routledge.
- Low, S., & Altman, I. (1992). *Place Attachment*. Nova Iorque e Londres: Plenum Press.
- Low, S., Bendiner-Viani G., & Hung, Y. (2005). *Attachments to Liberty: A Special Ethnographic Study of the Statue of Liberty National Monument*. Nova Iorque: Department of the Interior, National Park Service.
- Low, S., & Smith N. (eds). (2006). *The Politics of Public Space*. Nova Iorque e Londres: Routledge.
- Maza, G., McDonogh, G., & Pujadas, J. (2002). Barcelona, ciutat oberta: Transformacions urbanes, participació ciutadana i cultures de control al barri del Raval. *Revista d'Etnologia de Catalunya*, 21: 114-131.

- Maza, G. (2004). *El capital social del deporte. Actividad física y deporte en las sociedades multiculturales: inclusión o segregación?*. Barcelona: Editorial Ice-Horsori.
- Nemeth, J. (2006). Conflict, Exclusion, Relocation: Skateboarding and Public Space, *Journal of Urban Design*, 11(3): 297-318.
- Oc, T., & Tiesdell, S. (1997). *Safer City Centres: Reviving the public realm*. Londres: Paul Chapman Publishing.
- O'Malley, P. (1992). Risk, Power, and Crime Prevention, *Economy & Society*, 21(3): 253–69.
- Oliveira, A. (2008). *O mundo da prostituição de rua: trajetórias, discursos e práticas. Um estudo etnográfico*. Tese de Doutorado em Psicologia. Porto: FPCEUP.
- Owens, P. (1988). Natural landscapes, gathering places, and prospect refuges: characteristics of outdoor places valued by teens. *Children's Environments Quarterly*, 5(2): 17–24.
- Owens, P. (2001). Recreation and restrictions: community skateboard parks in the United States. *Urban Geography*, 22(8): 782–797.
- Owings, N. A. (1973). *The Spaces In Between*. Boston: Houghton Mifflin.
- Peraza, J. E. (1991). *Las Plazas Duras de Barcelona*. <http://infomadera.net/uploads/articulos/archivo_1710_17402.pdf>
- Piaget, J.; Inhelder, B. (1969). *The Psychology of the Child*. Nova Iorque: Basic Books.
- Pinto, M. (2009). *Gunas, Transgressão e Tensões Centro-Margem: Notícias duma etnografia urbana*. Tese de Doutorado em Psicologia. Porto: FPCEUP.
- Prilleltensky, I. (2008). The Role of Power in Wellness, Oppression, and Liberation: the Promise of Psychopolitical Validity. *Journal of Community Psychology*, 36(2): 116-136.
- Scott, J. (1990). *Domination and the arts of resistance: Hidden transcripts*. New Haven, CT: Yale University Press.
- Silvano, F. (2001). *Antropologia do Espaço*. Oeiras: Celta.
- Simon, J. (1993). From Confinement to Waste Management: The Post- Modernization of Social Control. *Focus on Law Studies* 8(2): 4–8.
- Smith, N. (1996) *The New Urban Frontier: Gentrification and the Revanchist City*. Londres: Routledge.

- Snow, D. (1999). *Skateboarders, streets and style*. In R. White (Ed.), Australian youth subculture: On the margins and in the mainstream (pp. 17-25). Hobart, Austrália: Australian Clearinghouse for Youth Studies.
- Snow, D., & Mulcahy, M. (2001). Space, Politics, and the Survival Strategies of the Homeless. *The American Behavioral Scientist*, 45(1): 149–69.
- Stratford, E. (2002). On the edge: a tale of skaters and urban governance. *Social and Cultural Geography*, 3(2): 193–206.
- Távora, F. (1962). *Da Organização do Espaço*. Porto: FAUP — Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.
- Thompson, J. (1998). A good thrashing — skatepark design. *Landscape Architecture*, 8(3): 78–100.
- Tuan, Yi-Fu. 1977. *Space and Place: The Perspective of Experience*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Valente, R. (2017). Measuring deprivation in the city of Barcelona: incorporating subjective and objective factors. In L. Ferro, M. Smagacz-Poziemska, M. V. Gómez, S. Kurtenbach, P. Pereira, & J. J. Villalón (Eds.), *Moving Cities — Contested Views on Urban Life* (pp. 115-116). Wiesbaden: Springer VS.
- Valsiner, J. (2007). *Culture in Minds and Societies*. Nova Deli: Sage Publications.
- Wacquant, L. (2009). *Punishing the Poor: The Neoliberal Government of Social Insecurity*. Londres: Duke University Press.
- White, R. (2012). The making, shaking and taking of public spaces. In C. Jones, E. Barclay, & R. Mawby (Eds.), *The Problem of Pleasure: Leisure, Tourism and Crime* (pp. 32-47). Londres: Routledge.
- Wirth, L. (1938). Urbanism as a way of life. *The American Journal of Sociology*, 44(1): 1-24.
- Woolley, H., Hazelwood, T., & Simkins, I. (2011). Don't Skate Here: exclusion of skateboarders from urban civic spaces in three northern cities in England. *Journal of Urban Design*, 16(4): 471-487. DOI: 10.1080/13574809.2011.585867
- Woolley, H., & Johns, R. (2001). Skateboarding: the city as a playground. *Journal of Urban Design*, 6(2): 211–230.

- Oc, T., & Tiesdell, S. (1997). *Safer City Centres: Reviving the public realm*. Londres: Paul Chapman Publishing.
- Whyte, W. F. (2005). *Sociedade de Esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Whyte, W. H. (2009). *City: rediscovering the center*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press.
- Vala, J. (1986). A Análise de Conteúdo. In J. M. Pinto, & A. S. Silva, *Metodologia das ciências sociais* (pp. 101-128). Porto: Edições Afrontamento.
- Zarka, R. (2011). *On a day with no waves: A Chronicle of Skateboarding*. Paris: Éditions B42.

Outras referências

Videografia

- Dianda, K. (Realizador). (2004). *Love Story: The saga of a skate landmark* [Vídeo]. EUA: 411 Productions. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7NiuYBoIryU>
- Leung, S. (Realizador). (2005). *Streets of Barcelona* [Vídeo]. Build Worldwide Inc.. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wk19BU96_KM
- Mortagne, F., Rowley, G., & Fox, J. (Realizadores). (2002). *Sorry* [Vídeo]. EUA: Flip Skateboards. Disponível em: <https://vimeo.com/18099768>.
- Rowley, G., & Fox, J. (Realizadores). (2003). *Really Sorry* [Vídeo]. EUA: Flip Skateboards. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bviKfprApi4>; The DC Video <https://www.youtube.com/watch?v=MnPHFgIFLr0>

Outras referências

- Queirós, J. (2016, 17 de Maio). A «destruição social da realidade»: Estratégias de controle urbano e territórios hiper-estigmatizados. Conferência moderada por Luís Fernandes, com Miquel Fernández González e João Queirós, na FPCEUP, Porto.
- S.a 2006. «Ordenança de Mesures per Fomentar i Garantir la convivència ciutadana a l'espai públic de Barcelona», *Bulletí Oficial de la Província de Barcelona*, 24 de janeiro

Apêndices

Apêndice A — Consentimento Informado (Castelhano)

Consentimiento Informado

Estamos solicitando tu participación en un estudio sobre la utilización del espacio público, en particular por aquellos que patinan (*skaters*).

Este estudio tiene como objetivo entender los significados de los lugares en los que les gusta patinar, la relación con las personas, el poder local y la autoridad, por ejemplo. Tu participación será voluntaria, por consiguiente puedes salir en cualquier momento o no contestar las preguntas. Para que sea más fiel a la información que recibiré, convendría también de grabarlo en audio. Toda la información será confidencial y anónima. La difusión de este estudio será hecha en los canales habituales, y tu identidad estará asegurada por codificación de resultados .

Entonces, nos gustaría saber si aceptas participar, y que lo grabe en audio.

Fecha: ____/____/____

Firma del investigador

Firma del participante

Apêndice B — Guião de Entrevista Semi-estruturada (Castelhano)

Empecemos con tu historia con el patín. ¿Dónde empezaste a patinar? ¿Cuándo, dónde y con quién?

¿Qué crees que despertó tu interés hacia el patín?

¿Qué te mueve para patinar ahora?

¿Crees que el patín te ayudó a conocer a más gente, hacer amigos?

¿Qué crees que caracteriza la cultura *Skater*?

¿Qué piensas de esta ciudad para patinar? ¿Qué es lo que la hace buena para patinar?
¿Y mala?

¿Y este *spot*? Ya que pasas aquí un montón de tiempo, ¿cómo es tu relación con el sitio? ¿Y con las demás personas que están aquí, o que pasan por aquí, o que trabajan por aquí? ¿Cuál es la cosa que hace de este sitio un lugar especial?

¿Qué tipos de *spots* conoces? ¿Cuáles de ellos son los mejores? ¿Y los peores?

¿Es habitual patinar en los *skateparks*? ¿Sueles ir a los *skateparks*? ¿Qué es lo que prefieres?

Algunas personas no ven el *skate* con buen ojo. ¿Por qué crees que es así? ¿Crees que tienen razón? ¿Qué piensas sobre eso?

¿Ya tuviste problemas patinando en la calle? P. ej. ¿policía, seguridad, o la gente pasando?

¿Crees que patinar cambia de algún modo tu mirada hacia el mundo, o tu manera de estar en él?

¿Crees que el patín es una actividad accesible a todos: ricos, pobres, mujeres...?

¿Qué opinas de las maneras del Ayuntamiento de gestionar los asuntos relacionados con la práctica del *skate*?

Describe un poco cómo es patinar. ¿Cómo entrenas, o practicas, o aprendes nuevos trucos? ¿Cómo te acostumbras a un *spot*?

¿Cómo describirías el *skate*: un deporte, una forma de vida, un transporte, un arte?

Apêndice C — Guião de entrevista semi-estruturada (Português)

Começemos com a tua história com o *skate*. Onde começaste a andar? Quando, onde, com quem?

O que achas que despertou o teu interesse em relação ao *skate*?

O que te move para andar de *skate* agora?

Achas que o *skate* te ajudou a conhecer mais gente, a fazer amigos?

O que achas que caracteriza a cultura *Skater*?

O que pensas desta cidade para andar de *skate*? O que é que a torna boa para andar de *skate*? E má?

E este *spot*? Já que passas aqui muito tempo, qual é a tua relação com o sítio? E com as outras pessoas que estão aqui, ou que passam por aqui, ou que trabalham aqui? O que é que torna este sítio especial?

Que tipos de *spots* conheces? Quais são os melhores? E os piores?

É frequente andares em *skateparks*? Costumas ir aos *skateparks*? O que é que preferes?

Algumas pessoas não vêem o *skate* com bom olho. Porque achas que é assim? Achas que têm razão? O que pensas sobre isto?

Já tiveste problemas a andar de *skate* pela rua? P. ex. polícia, segurança, ou as pessoas que estão a passar?

¿Achas que andar de *skate* muda de alguma forma a tua visão do mundo, ou a tua maneira de estar nele?

Achas que o *skate* é uma atividade acessível a todos: ricos, pobres, mulheres...?

Qual é a tua opinião sobre o modo como o Município gere os assuntos relacionados com a prática de *skate*?

Descreve um pouco como é andar de *skate*. Como treinas, ou praticas, ou aprendes novos truques? Como te habituas a um *spot*?

Como descreverias o *skate*: um desporto, uma forma de vida, um transporte, uma arte?

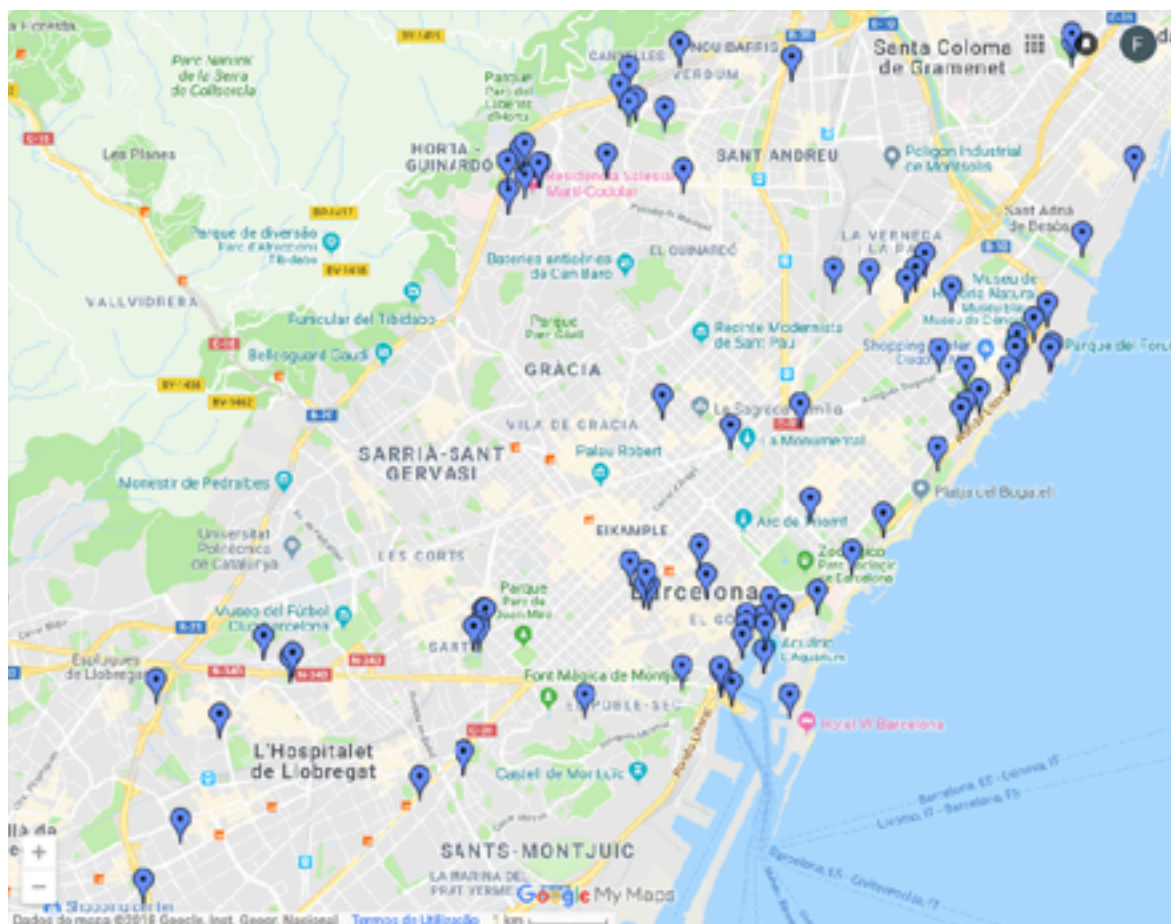
Apêndice D — Tabela de análise de conteúdo

Categorias	Subcategorias	Descrição
Produção social do espaço	Economia política do espaço	relatos de mudanças ou restrições no espaço motivadas por fatores económicos
	Produção social, reprodução e resistência	relatos de atividades do dia-a-dia que contrariem a lógica de produção do espaço
	Controlo espacial, governo (<i>governmentality</i>) espacial	relatos de situações em que foram vítimas do controlo social (ex.: relatos com a polícia)
Construção social do espaço	Espaços contestados	envolvimento em situações de contestação do espaço
	Memória, herança e vinculação ao espaço	discursos relativos a memórias do espaço; expressão de sentimentos em relação ao espaço
	Construção social de classe género e raça	perceção acerca da acessibilidade do <i>skate</i> a pessoas de classe baixa e mulheres
	Capital social (<i>Bonding</i>)	laços com o endogrupo
	Capital Social (<i>Bridging</i>)	laços com o exogrupo
<i>Embodied space</i>	<i>Body space</i>	relatos que envolvam a relação do corpo para o espaço
	Proxémica	relatos que denotem a influência da cultura na percepção do espaço
	Fenomenologia	relatos que envolvam a forma a cor o cheiro e o toque dos espaços
	<i>Sensorium</i>	
	Campos espaciais móveis	discursos sobre os espaços de andar, e de não <i>andar</i>
Características da prática e dos praticantes	Motivações para <i>andar</i> (começar)	razões pelas quais começaram a andar de <i>skate</i>
	Motivações para <i>andar</i>	razões pelas quais praticam <i>skate</i>
	As imagens do <i>skate</i>	discursos que remetam para o imaginário coletivo do grupo
	Estigma	discursos que denotem estigmatização do praticante
	Elementos vantajosos à prática do <i>skate</i>	discursos relativos a espaços propícios à prática
	Elementos adversos à prática do <i>skate</i>	discursos relativos a espaços adversos à prática

	<i>Skate</i> como desporto?, estilo de vida?	conceções acerca da atividade física
	Aprendizagens transpostas para a vida	discursos que remetam para aprendizagens transpostas da atividade para outros contextos (ex.: resiliência)

Anexos

Anexo 1 — Mapa de *skatespots* de Barcelona (Fonte: *Google*⁵⁶)



⁵⁶ Disponível em: <https://www.google.com/maps/d/u/0/viewer?mid=1ft3AKvnz0DkD38JcSB4sFjY0VwA&ll=41.398622878275845%2C2.158736350783556&z=13>